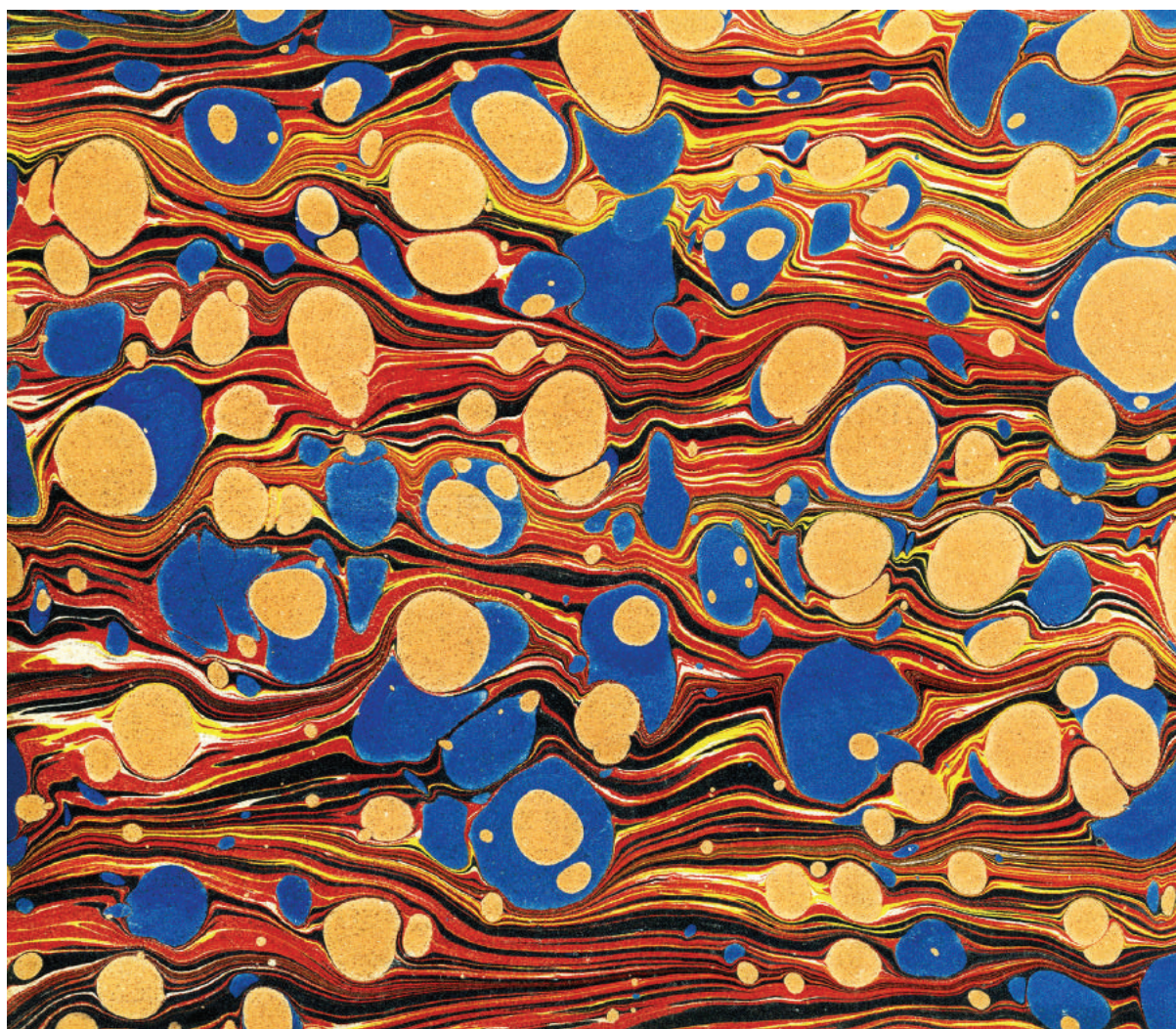


Ano XXVI - Vol. 26 | Nº 1 - 2018

Boletim Formação em Psicanálise



Publicação do Departamento
Formação em Psicanálise
do Instituto Sedes Sapientiae

Edição especial:
Inveja e Gratidão – 60 anos

Boletim Formação em Psicanálise



DEPARTAMENTO
Formação em
PSICANÁLISE

INSTITUTO SEDES SAPIENTIAE

Departamento Formação em Psicanálise

Comissão de Coordenação Geral

Berenice Blanes (coordenação), Celina Giacomelli (primeira secretária), Veridiana Paes de Barros (segunda secretária), Mariângela Bento (primeira tesoureira), Telma Ximenes (segunda tesoureira)

Revista Boletim Formação em Psicanálise

Editor

José Carlos Garcia

Comissão de Publicação

Luana Viscardi Nunes (coordenadora), Gisele Assuar (suplente)

Comissão Editorial

Ana Karina Fachini Araujo, Gisele Assuar, Joaquim Pereira da Silva Junior, José Carlos Garcia, Lelis Marino, Luana Viscardi Nunes, Margarida Azevedo Dupas, Maria Julia Arantes, Maritza Koop Setti.

Conselho Editorial

Cassandra Pereira França (Universidade Federal de Minas Gerais), Claudia Paula Leicand (Instituto Sedes Sapientiae), Durval Mazzei Nogueira Filho (Instituto Sedes Sapientiae, GREA/ Instituto de Psiquiatria da USP), Ede de Oliveira (Instituto Sedes Sapientiae, Espaço Brasileiro de Estudos Psicanalíticos), Eliane Micheliní Marraccini (Instituto Sedes Sapientiae), Emir Tomazelli (Instituto Sedes Sapientiae), Flávio Carvalho Ferraz (Instituto Sedes Sapientiae), Francisca Isabel Teixeira (Instituto Sedes Sapientiae, Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo), Fuad Kyrillos Neto (Universidade Federal de São João Del Rei), José Carlos Garcia (Instituto Sedes Sapientiae), José F. Miguel H. Bairrão (Universidade de São Paulo/Ribeirão Preto), Lineu Matos Silveira (Instituto Sedes Sapientiae), Lucianne Sant'Anna de Menezes (Instituto Sedes Sapientiae, Universidade Federal de Uberlândia), Maria Beatriz Romano de Godoy (Instituto Sedes Sapientiae, Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo), Maria Lúcia Castilho Romera (Universidade Federal de Uberlândia), Marina Ferreira da Rosa Ribeiro (Instituto Sedes Sapientiae), Marly T. M. Goulart (Instituto Sedes Sapientiae), Marta Cerruti (Instituto Sedes Sapientiae), Nora de Miguelez (Instituto Sedes Sapientiae), Sonia Maria Parente (Instituto Sedes Sapientiae, Universidade Ibirapuera), Suzana Alves Viana (Instituto Sedes Sapientiae), Tiago H. Rodrigues Rocha (Universidade Federal do Triângulo Mineiro)

Revisão de texto

Stella Regina Azevedo Alves dos Anjos

Projeto Gráfico e diagramação

Frederico Floeter (fredericofloeter.org) e Mateus Tenuta



Instituto Sedes Sapientiae

Rua Ministro Godoy, 1484

05015-900, São Paulo, SP

(11) 3866-2730

www.sedes.org.br / sedes@sedes.org.br

Boletim Formação em Psicanálise

Publicação do Departamento
Formação em Psicanálise
do Instituto Sedes Sapientiae

Dados Internacionais de Catalogação-na-fonte (CIP)
Instituto Brasileiro de Informação em Ciências e Tecnologia

Boletim Formação em Psicanálise / Instituto Sedes Sapientiae,
Departamento Formação em Psicanálise – Vol. 1, no. 1
(maio/jun. 1992) -. São Paulo: O Departamento, 1992 –

Ano XXVI, v.26, (jan./dez. 2018)

Anual
Periodicidade Bianual de 1992 a 1994; anual a partir desta data.
ISSN 1517-4506

1 Psicanálise – Periódicos. 1. Instituto Sedes Sapientiae. Departa-
mento Formação em Psicanálise.

CDU 159.964.2 (05)

Indexação: Index Psi Periódicos (www.bvs-psi.org.br)
ISSN 1517-4506

Departamento Formação em Psicanálise

O DEPARTAMENTO FORMAÇÃO EM PSICANÁLISE tem por finalidade desenvolver atividades de caráter formativo, científico, cultural e de pesquisa em psicanálise, de acordo com a Carta de Princípios do Instituto Sedes Sapientiae. Ele tem como fundamento prover a formação continuada de seus membros, constituindo-se como um espaço de pertinência para alunos, ex-alunos e professores, propiciando interlocução com o Instituto Sedes e com a comunidade psicanalítica em geral.

Oferece dois cursos regulares, abertos a psicólogos, médicos e profissionais com formação universitária: Formação em Psicanálise e Fundamentos da Psicanálise e sua Prática Clínica.

Além desses cursos, o Departamento promove cursos breves, pesquisas, grupos de estudo, eventos científico-culturais, além de publicar a revista *Boletim Formação em Psicanálise* e o jornal *Acto Falho*. Participa também da Clínica Psicológica Social do Instituto Sedes Sapientiae.

Sua organização é realizada através do trabalho de comissões, eleitas a cada dois anos entre seus membros. As comissões que compõem o Conselho Deliberativo do Departamento são: Coordenação, Curso, Clínica, Eventos, Divulgação, Publicação, Projetos e Pesquisa, e Alunos. Essas comissões têm funções específicas e o objetivo de refletir, discutir entre seus pares e implementar projetos que possam garantir que as propostas do Departamento sejam colocadas em execução.

Curso Formação em Psicanálise

Corpo Docente

Ana Karina Fachini Araújo, Cecília Noemi Morelli de Camargo, Ede Oliveira Silva, Eliane Michelini Marraccini, Gina Tamburrino, José Carlos Garcia, Kátia Piroli, Ligia Valdés Gomez, Maria Beatriz Romano de Godoy, Maria Cristina Perdomo, Maria Helena Saleme, Maria Luiza Scrosoppi Persicano, Maria Teresa Scandell Rocco, Mariangela Bento, Marta Cerruti, Nora Susmanscky de Miguelez, Oscar Miguelez, Paulo Marcos Rona, Rogéria Brandani, Suzana Alves Viana.

Objetivos

Curso de especialização, que tem como objetivo a formação de psicanalistas. Busca transmitir a Psicanálise em sua especificidade, com base nos três elementos essenciais da formação: análise pessoal, supervisão e estudo crítico da teoria psicanalítica a partir dos aportes das escolas francesa e inglesa. Visa desenvolver a escuta transferencial, considerando o sujeito em sua singularidade. Trabalha a clínica psicanalítica, desde a descrição clássica feita por Freud até as formas de sofrimento observadas na contemporaneidade.

Destinado a

Psicólogos, médicos e profissionais com formação universitária, com experiência pessoal em análise individual e com percurso na teoria psicanalítica.

Conteúdo programático

1. *Seminários teóricos*: Formações do inconsciente, O inconsciente, Pulsões, Narcisismo, As identificações, Neurose obsessiva e histeria, O Complexo de Édipo em Freud, Angústia, Superego e Édipo Kleinianos, Teoria das Posições e Inveja em M. Klein, Perversão e Psicose em Freud e em M. Klein;
2. *Seminários clínicos*;
3. *Supervisão individual* (no 4º ano);
4. *Escrito psicanalítico* ou *Monografia de conclusão de curso*: a ser realizado após a conclusão do 4º ano;
5. *Estágio opcional* na Clínica Psicológica do Instituto Sedes Sapientiae, sujeito à seleção e contando com supervisão específica;
6. *Formação continuada*: atividades extracurriculares e no Departamento;
7. *Acompanhamento clínico (AC)*: opcional para os alunos do 1º ano, no qual se trabalha em pequenos grupos a articulação da escuta clínica com os artigos sobre o método psicanalítico;

8. *Acompanhamento clínico Kleiniano (AK)*: opcional para os alunos que estão no 2º ano, em que se proporciona um espaço de acolhimento para o exercício do livre pensar, bem como de possíveis angústias despertadas frente à teoria kleiniana. Os textos são estudados, de modo a articular teoria e clínica, levando sempre em conta as experiências emocionais suscitadas durante o percurso do segundo ano do curso.
9. *Realização de análise pessoal*: obrigatoria durante o curso.

Duração

O curso regular tem duração de quatro anos.

Carga horária do curso

731 horas.

Horário/concentração

Quartas-feiras, com média de seis horas/aula semanais e mais uma hora e meia de atividades.

Seleção

Duas entrevistas individuais. Apresentação de curriculum vitae (contendo foto) em duas cópias e um breve texto, no qual justifique sua busca por esta formação (um para cada entrevistador).

Fundamentos da Psicanálise e sua Prática Clínica

Corpo docente

Antonio Geraldo de Abreu Filho, Berenice Neri Blanes, Celina Giacomelli, Maria Salete Abrão Nunes da Silva, Maria Tereza Viscarri Montserrat, Patrícia Leirner Argelazi.

Objetivos

O curso propõe trabalhar os conceitos que fundamentam a Psicanálise e que servem de alicerce à sua prática. Pretende, com isso, fornecer informação que preencha lacunas a quem já algo conheça e fundamentos a quem desconhece, estimulando o interesse na continuidade do estudo, permitindo que uma eventual formação sistemática no futuro se faça sobre uma base mais sólida.

Destinado a

Aqueles que se interessam pela Psicanálise e que pretendam uma iniciação ao seu estudo: médicos, psicólogos e profissionais com formação universitária em geral.

Conteúdo programático

1. *Especificidade da Psicanálise*: Psiquismo e corpo, Terapias medicamentosas, Psicoterapias e Psicanálise;
2. *A Divisão do Sujeito*: Dois conceitos fundamentais: Inconsciente e Pulsão, Aparelho psíquico: consciente, pré-consciente e inconsciente, o ponto de vista tópico, O Recalque: Desejo, conflito e defesa. Pontos de vista dinâmico e econômico, Discussão clínica;

3. *Formações do Inconsciente*: Atos falhos, sonhos e sintomas, Discussão clínica;
4. *Ponto de vista estrutural*: Complexo de Édipo / Identificações, Segunda Teoria Tópica;
5. *Neurose, Psicose e Perversão*: Neurose, Psicose, Perversão, Uma introdução à psicopatologia psicanalítica, Discussão de casos: um estudo comparativo;
6. *Questões da Clínica*: A situação analítica, Transferência e contratransferência, Resistência, A interpretação;
7. *O Analista*: Diferenças entre formação e informação.
8. *O tripé da formação analítica*: Análise do analista, supervisão e estudo da teoria.

Duração

Um ano.
Carga horária do curso: 68 horas.

Observação

O segundo ano é opcional e será oferecido para aqueles que cursaram o primeiro ano, que tenham interesse na continuidade de seus estudos. Médicos e psicólogos que optem por dar continuidade ao curso poderão se candidatar à seleção de estágio na Clínica Psicológica do Instituto Sedes Sapientiae.

Mais informações:

Secretaria do Instituto Sedes Sapientiae
Rua Ministro Godói, 1484

CEP: 05015-900 - Perdizes, São Paulo/SP
(11) 3866 w2730

www.sedes.org.br / sedes@sedes.org.br

Editorial

A REVISTA *Boletim Formação em Psicanálise* tem para nós, da Comissão Editorial, um inequívoco sentido de conquista e realização. Inúmeros colaboradores partilharam conosco este caminho e outros tantos nos antecederam nos méritos desta conquista. Muitos serão aqueles que nos sucederão neste destino de veiculação da produção psicanalítica não apenas de nosso Departamento, mas também a de outros colegas com ou sem vinculação institucional, cujo trabalho mereça nosso reconhecimento enquanto produção científica.

Cada ideia, manifestada aqui ao longo de todos esses anos, buscou dar expressão a formas de pensar a Psicanálise que pudessem abarcar, além das experiências, as inquietações e as perplexidades advindas de nosso trabalho como clínicos.

Consideramos que a relação do analista com a clínica é uma constante e intrigante pesquisa, onde o pensamento se liga a uma experiência fundamental: a do texto a ser escrito como testemunho da prática clínica. Afinal a escrita na Psicanálise sempre ocupou um lugar de destaque desde Freud.

Esta Edição Especial da Revista *Boletim Formação em Psicanálise* é fruto do evento “Melanie Klein – Inveja e Gratidão – 60 anos. *Even now, now, very now...*”, realizado em 23 de setembro de 2017 para comemorar os 60 anos da publicação do livro *Inveja e Gratidão e outros trabalhos*. Assim, cada artigo apresentado nessa edição especial contém algum aspecto da grande contribuição de Klein como a inveja e suas interfaces com a gratidão, triangulação, ciúmes, superego e voracidade. Os autores nos brindam com seus trabalhos apresentados no evento, compartilhando conosco, generosamente, suas experiências clínicas e teóricas a respeito de um conceito fundamental para o fazer do analista.

Esta Edição Especial da Revista *Boletim Formação em Psicanálise* evidencia um crescente interesse em oferecer esse espaço para futuras publicações de eventos realizados pelo Departamento Formação em Psicanálise.

Acreditamos que a Psicanálise não está contida nos limites conceituais ou políticos de escolas que, ao longo do tempo, foram se estruturando a partir de autores, cuja exuberância criativa e consistência intelectual geraram seguidores e formaram instituições. Para a escolha de nossas publicações nosso compromisso é com a transmissão da Psicanálise. Pautamo-nos pela seriedade com que são levados adiante cada um dos temas desenvolvidos, independentemente das correntes de pensamento psicanalítico que eles representem.

Nesse sentido, temos nos dedicado a edificar um espaço institucional plural, onde possamos praticar a confrontação de ideias e extrair daí os estímulos necessários para a elaboração de paradigmas, que possam enriquecer o perene percurso de nossa formação como analistas.

Acalentamos a expectativa de que cada número desta Revista possa conduzir à reflexão a respeito de nossa prática e levar cada colega, cujo interesse consigamos alcançar, a sentir-se convidado a partilhar conosco suas experiências e sua forma de pensar, contribuindo assim para gerar maiores recursos para consolidação da nossa comunidade psicanalítica.

Comissão Editorial

Sumário

ARTIGOS

17

Inveja com gratidão na posição feminina em Melanie Klein

Envy with gratitude in female position in Melanie Klein

Suzana Alves Viana

35

Inveja na triangularidade: Ciúme, precursor da Inveja?

Envy in the triangularity: Jealousy, predecessor of Envy?

Cecília Noemí Morelli Ferreira de Camargo

49

Vestida para matar - Um ensaio sobre a inveja

Dressed to kill. An essay about envy

Gina Tamburrino

59

Ensaio sobre o superego invejoso

An essay about the envious superego

Eliane Michelini Marraccini

79

O primeiro sutiã: A inveja e a gratidão em primeira pessoa

The first bra: Envy and Gratitude in First Person

Andrea Háfez

89

Voracidade e Inveja:

Algumas considerações sobre a vida mental arcaica

Voracity and Envy: a few considerations about archaic mental life

Talita Cristina Somensi Dias

99

Normas para Publicação

106

Sobre os autores

Inveja com gratidão na posição feminina em Melanie Klein

Envy with gratitude in female position in Melanie Klein

Suzana Alves Viana

Resumo:

Este artigo procura pensar como a Inveja e a Gratidão interferem na travessia da fase da feminilidade para Melanie Klein e suas consequências sobre a qualidade dos processos psíquicos, em especial na qualidade do pensamento que pode se abrir para o criativo ou se fechar num pensamento que se repete em torno de uma mesma cena: *Even now, now, very now...* a cena que envolve a situação edípica primitiva. Procura mostrar como a constituição da Fase da Feminilidade para Melanie Klein ultrapassa a questão do gênero, para pôr em evidência o Feminino como processo que está nas origens do pensamento de homens e mulheres.

Palavras-chave:

Inveja; Gratidão; Feminino; Pensamento.

Abstract:

This article tries to think how Envy and Gratitude interfere in the crossing of the phase of femininity for Melanie Klein and its consequences on the quality of psychic processes, especially the quality of thought that can open to the creative or close in a thought that is repeated around the same scene: “Even now, now, very now...” scene involving the primitive Oedipal situation. It seeks to show how the constitution of the Femininity Phase for Melanie Klein goes beyond the gender issue to highlight the Feminine as a process that is at the origin of the thought of men and women.

Keywords:

Envy; Gratitude; Feminine; Thought.

A POSIÇÃO FEMININA, ou fase da feminilidade, é para Melanie Klein o campo da experiência emocional do qual se pode extrair ou a aridez estéril do corpo espoliado ou a fertilidade do corpo que alcança o símbolo.

Proponho que se entenda o corpo e suas sensações como as origens arcaicas do pensamento. Para desenvolver esta questão vou me focar na Fase de Feminilidade, como teorizada por Melanie Klein (KLEIN, 1928). Fase da Feminilidade, ou Posição Feminina, são termos que se referem à mesma problemática, sendo que o termo posição está mais de acordo com seu pensamento, após a autora modificar seu conceito de Fase para Posição, a partir de 1935.

Minha intenção neste trabalho é procurar mostrar o que entendo ser a *posição feminina* para Melanie Klein e refletir sobre como a *inveja* e a *gratidão* irão interferir nos movimentos constitutivos desta posição. Duas polaridades emblemáticas apresentam-se: a *aridez do corpo espoliado*, o corpo da mãe, que incidirá na qualidade de um pensamento que se recusa ao entristecimento pela perda do objeto e a *gratidão* que, operando no sentido inverso, conduz a um pensamento que é, sobretudo, criativo.

Num segundo momento, trazer a esta discussão que o conceito de posição feminina em Klein cobre um campo muito mais amplo do que o conceito de identificação e que não se confunde com as questões relativas ao gênero.

Penso que quando Klein deixa de usar o conceito Posição Feminina (Fase da feminilidade, que tem destaque no artigo de 1928 sobre o Édipo Arcaico), ainda que ele esteja contido na Posição Depressiva, perdemos algo valioso, perdemos a marca do feminino, processo que está nas origens do pensamento de homens e mulheres.

A fim de iniciarmos a proposição deste artigo, que procura relacionar Inveja à Posição Feminina em Klein, é necessário fundamentar uma nova ideia: inveja e triangularidade.

Embora Melanie Klein tenha afirmado que a inveja primária diz respeito à relação diádica mãe-bebê e sua expressão, como pulsão de morte, atinja em cheio esta relação, ela também afirmou:

[...] que esta inveja deve ser diferenciada de suas formas subsequentes (inerentes, na menina, ao desejo de tomar o lugar da mãe e no menino, à posição feminina), nas quais a inveja não mais se focaliza no seio e sim na mãe que recebe o pênis do pai, que tem bebês dentro dela, que dá à luz a esses bebês e que é capaz de amamentá-los. (KLEIN, 1957, p. 214)

Ou seja, na posição feminina, ou fase da feminilidade, comum a meninos e meninas. Neste sentido, não há propriamente uma nova ideia, porque a própria Klein já teorizara, mas vejamos como novos assinalamentos dos teóricos ampliam o campo deste pensamento.

Ignês Sodré (2008), em artigo publicado numa coletânea sobre Inveja, cujo nome é *Envy and Gratitude Revisited* (2008), retoma a Inveja como sendo o ódio ao amor.

Introduz-nos esta ideia propondo que busquemos em Iago esta *mentalidade* característica da Inveja. Iago, para se prevenir contra a inveja, transforma a relação de amor entre Otelo e Desdêmona e uma versão obscena, com a qual se excita mais do que se atormenta.

Através desta forma de como Iago procura se livrar da Inveja, Sodré (2008) mostra o envolvimento do ciúme no ataque invejoso inconsciente. E propõe-se a examinar neste artigo a triangularidade na Inveja.

Para tal objetivo ela examina, respectivamente: a centralidade da versão mais primitiva da cena primária, o envolvimento do ciúme no ataque invejoso inconsciente, o papel do que Klein chamou de *genitalização precoce* como defesa contra a Inveja primitiva e a questão de que o objeto último da Inveja é *o amor em si mesmo*.

Sodré (2008) pontua em seu texto algumas passagens referentes a Erna, paciente de Melanie Klein:

A questão teórica de se a inveja envolve uma forma primitiva de triangularidade é, até certo ponto, complexa. No caso Erna, descrito em 1924, confere bastante importância à inveja oral da cena primária. A experiência de Erna de ser atormentada por esta cena é central para sua psicopatologia: “Sua inveja oral das gratificações genitais e orais que ela supõe que seus pais estejam desfrutando na relação sexual provou ser a mais profunda base de seu ódio.” “Erna acreditava que qualquer expressão de ternura de sua mãe para com seu pai tinha um propósito principal, que era despertar a inveja da criança e ferir seus sentimentos”; e quando ela brincava de ser a mãe, ela deixava claro que “a ternura era um fingimento”. (KLEIN, 1932, apud SODRÉ, 2008, p.20-21)

Sodré (2008) recorta algumas passagens teóricas desenvolvidas por Petot (1988).

Ele sublinha que para Melanie Klein:

A inveja nasce da lacuna entre a expectativa gananciosa que acompanha a fantasia de um seio inexaurível e a realidade que inevitavelmente traz privação. O ataque invejoso tem como alvo suprimir “na e por meio de fantasias onipotentes a intolerável bondade do seio que frustra”. (PETOT, 1988, apud SODRÉ, 2008, p.21)

Sublinho aqui que a inveja em Klein parte da premissa da separação do sujeito com relação ao objeto.

Ainda Petot (1998, p. 159):

Inveja refere-se a uma situação diádica, enquanto que o ciúme pode aparecer somente em um relacionamento envolvendo o sujeito e dois objetos. Inveja, então, aparece mais cedo do que esta situação triangular, tal como esta última é condição de transformação de inveja em ciúme. Mas, a noção kleiniana de inveja é inseparável de uma forma mais precoce da situação triangular, que concerne não a relações entre dois objetos, mas que conflita com o objeto que está centrado em *uma terceira coisa*.

Esta terceira coisa é *um objeto parcial imaginário*, uma constante dentro da mãe (pênis do pai): trata-se dos pais combinados, usufruindo-se mutuamente e a seus conteúdos, privando a criança. Mas, de início, “é porque a relação com o seio, em certo sentido já é triangulada, que pode surgir o sentimento de frustração” (PETOT, 1998, p. 159).

Sodré (2008) recua ainda mais esta triangularidade:

O único modo que eu posso imaginar isso é supondo que a inveja se manifeste no momento em que aparece um sentido de separação: até este momento, seio e bebê são o mesmo; quando há um sentido de bebê olhando para fora, então é possível imaginar uma bondade como pertencendo ao seio e não ao bebê. Eu penso que pode ser o momento no qual o seio cessa de *ser* bondade e torna-se algo que tem

a bondade, como uma posse (somente então concebivelmente “toma tudo para si mesmo”). Neste momento, então, o amor pára de ser um estado total de felicidade infinita e torna-se uma substância (um terceiro) que flui entre uma pessoa e a outra. Neste momento, a generosidade pode existir, e a gratidão, e a inveja, e o ciúme também.

O amor (como o leite) é sempre alguma coisa fluindo de uma pessoa para outra, formando um vínculo vivo entre as duas; é este vínculo que, visto pelo terceiro invejoso, é insuportável e deve, portanto, ser invejosamente abatido.

O que Petot chama de ‘intolerável bondade do seio’ deve fundamentalmente ser não só sua riqueza, mas sua generosidade: a disposição de compartilhar estas riquezas precisa estar conectada com a crença que o seio será continuamente reabastecido. A mãe/analista/seio pode dar generosamente porque contém seus próprios objetos internos, que o está infinitamente preenchendo com bondade. O preenchimento (fornecimento) é também inexaurível (nesta versão dos fatos) por causa da mutualidade do amor entre a mãe e o bebê: é a sucção do bebê que cria mais leite, é a gratidão que cria generosidade, não generosidade que cria gratidão. O bebê separado/apartado em um estado de mente invejoso/ciumento não pode manter em seu mundo interno uma continuidade temporal da experiência de boa alimentação; uma ruptura com isso - causada pela introjeção defeituosa ou por frustração/privação insuportável - cria um estado de mente no qual o self como o *amado-bebê-no-seio* é percebido como *outro bebê*; então o vínculo entre a mãe e o bebê precisa ser atacado, pois ele provoca inveja e ciúme insuportáveis. Um círculo vicioso é estabelecido porque quanto mais a parte invejosa excluída do self ataca o par *bebê-no-seio e mãe*, mais indigno ele se sente e maior o desespero (a desesperança) sobre a sobrevivência do amor. (SODRÉ, 2008, p.23)

Isto faz com que possamos pensar, com Sodré, que a partir do sentimento de separa o do seio, a triangularidade se instala. Temos um *beb -no-peito* que se nutre continuamente do seio,   custa do *beb -que-olha* e que se sente profundamente prejudicado.

Klein em *Inveja e Gratidão* (1928, p. 228) afirma:

O desenvolvimento do complexo edipiano   intensamente influenciado pelas vicissitudes da primeira rela o exclusiva com a mãe e, quando esta rela o   perturbada muito cedo, a rivalidade com o pai introduz-se prematuramente. As fantasias do pênis dentro da mãe, ou dentro do seio dela, transformam o pai num intruso hostil. Esta fantasia   particularmente intensa, quando o bebê não teve a satisfa o plena e a felicidade que a rela o inicial com a mãe pôde proporcionar e não internalizou o primeiro objeto bom com certa segurança. Este fracasso depende, em parte, da força da inveja.

Bem, aqui nos aproximamos do conceito de Posi o Feminina em Klein.

No artigo de 1928, sobre o Édipo Arcaico, Klein supõe que as frustra es do beb  com o seio o empurram para a busca de alternativas   sua frustra o. O *objeto parcial imaginário*, do qual fala Petot,   este pênis dentro da mãe, que para o bebê invejoso será visto sempre *na mesma cena*: aquela em que, em conluio com o seio anteriormente atacado pela frustra o, seio e pênis usufruem do leite que trocam entre si, deixando o bebê invejoso na sua solidão ressentida.

Na mente não invejosa, o beb  pode encontrar na cisão seio/pênis, um pênis-seio que vai lhe oferecer o leite para sua satisfa o. Podemos pensar que a cisão opera bem aqui, garantindo o prolongamento da esperança de poder ser alimentado por um outro, agora pênis-seio, garantindo a continuidade do estabelecimento do bom objeto.

Insisto em mostrar que já, por este desenrolar da cena, temos de um lado, um bebê-mente invejoso que se mant m imaginariamente sempre na mesma cena. De outro lado, temos um beb  que deseja continuar a usufruir do objeto. Se não   o primeiro, buscar  outros, processando seu desenvolvimento em dire o ao criativo e ao símbolo.

Assim, no embate da posi o feminina, onde meninos e meninas se identificam com a mãe, esta identifica o tem que ultrapassar o limiar defensivo

para que uma abertura interna ao objeto se transforme numa possibilidade; a posição feminina para Klein, acredito precisar ser entendida, como esta condição de penetrabilidade. E isto ultrapassa o gênero Klein (1928, p. 230):

Na menina, os desejos genitais pelo pai, capacitam-na a encontrar outro objeto amado. ... A menina deseja tomar o lugar da mãe, possuir e tomar conta dos bebês que o pai amado dá à mãe. A identificação com a mãe neste papel torna possível um campo mais amplo de sublimações.

Esta última parte do texto, permite-nos pensar que esta identificação ultrapassa o tornar-se a mãe, quando Klein (1928) sublinha que ela dá lugar a *um campo mais amplo de sublimações*.

1. CASO CLÍNICO SELMA

Logo que se deita começa a falar.

“Fiquei pensando na sessão de 2ª feira. Sobre a questão de lhe pagar, de ser melhor parar até ter dinheiro e de você ter dito que em parte eu sempre quis parar a análise.”

Pergunto-lhe: “Por que destinava o *extra* para a análise?”

“Porque análise é um luxo.”

“Com este pensamento você tenta sobreviver. A análise é o único lugar onde você experimenta que não suporta viver com o mínimo que sua razão lhe oferta, o mínimo insuficiente. Aqui você deseja, sente ciúmes... etc.”

Trabalho com ela a ideia do *extra* nessa linha, está muito mais disponível nesta sessão.

A seguir comenta que seu ex-marido lhe contara que parara sua análise. Quando ela lhe perguntou a razão, respondeu que faltara 15 dias, depois quando voltou seu analista viajou, daí faltou novamente e aí não foi mais. Fala que este não era um bom analista; mais uma vez, Cláudio interrompia uma relação, sem tomar uma decisão, ia largando, largando... até que um dia, acabava. Comenta também que havia me elogiado para Cláudio, dizendo que eu era uma analista muito boa, que não era frouxa com ela, que não a largaria, deixando a análise acabar assim.

Tempos depois comenta que as pessoas têm medo dela... acha que tornava as coisas difíceis muitas vezes, afastando as pessoas de perto dela.

Digo que achava que ela tinha uma casca de ódio, não deixando, muitas vezes, que alguém se aproximasse, eu me incluía dentre as pessoas que ao

tocá-la sentiam a temperatura do seu ódio. Entretanto, como naquela sessão, ela mostrava que havia mais, para além do ódio.

Cala-se um tempo, depois me diz que se lembrou de algo que não parecia ter a ver com nada.

Lembrou-se do quintal da sua casa. Lá tinha muitas árvores de fruta: a mangueira, a goiabeira, o pé de romã e bico de papagaio. (Na medida em que descreve, penso na suculência destas frutas tropicais.) Na goiabeira, os galhos se entrelaçavam e formavam uma espécie de cadeira, lá ela passava as tardes, lendo gibis e comendo goiaba.

Comenta que o pé de romã fora trazido pelo avô paterno quando imigrou para o Brasil e que quando o pai se mudara para esta casa, ele transplantara a romã. (Penso na sensualidade da fruta.)

Comento da suculência das frutas e digo que ela me trazia um lado quente e saboroso dela, através do quintal.

Conta do cachorro que ganhara aos 6 anos e que ele ficava amarrado na goiabeira. Pergunto-lhe “Por quê?” Fala que quando era pequena o cachorro deu-lhe uma mordida porque ela fora pegar o osso que ele estava comendo, aí o pai o amarrara.

Falo “Coitado do cachorro, foi em legítima defesa.”

Ela diz que achava que, na verdade, o pai queria que o cachorro ficasse bravo, ele era um misto de policial com vira-lata.

Comento, então que achava que em parte ela era também o cachorro. Ele representava a parte amarrada dela, a que mordida, a que queimava com o ódio, a casca de ódio, mas hoje eu via uma outra coisa, para além do ódio, havia um quintal de frutas saborosas.

Algumas sessões depois, me fala em tom ácido, num momento em que eu lhe recordava o quintal de frutas suculentas:

“Não existe mais, o pé de romã foi cortado.”

Trago esta sessão para chamar a atenção para a impossibilidade de se manter penetrável e a retomada ácida, ferina e amarga da situação defensiva, onde para sobreviver procura negar a importância do outro, no caso, a minha. Tem para a analista, não um quintal de frutas suculentas, mas sim, um mínimo para garantir a perpetuação de uma análise magra.

No mesmo extrato de sessão podemos observar a triangularidade entre mim, analista, ela e o ex-marido. Podemos observar a exclusão do objeto – ex-marido – na cena idílica vivida com uma analista amada, mas, às custas de um outro analista que é frouxo e que abandona o paciente. Ou seja, uma analista dissociada. O amor é entendido como o que é dado a ela, quando é negado ao outro.

No horizonte, a posição contrária: a inveja do outro que está sempre recebendo o que lhe é negado. Por isto, não há efetivamente um bom objeto

interno que sobreviva aos tempos de escassez.

No horizonte a mesma cena: aquela que Sodré chama atenção: *A MESMA CENA*; a primeira triangulação, o sujeito e a figura combinada, ainda que o Outro, que recebe, seja o próprio sujeito, dissociado do seu aspecto de sujeito gratificado.

Trago agora a contribuição de Erlich (2008), em seu artigo *Envy and Gratitude: some current reflections*, para pensar sobre a condição necessária à Inveja que é a separação do objeto. Aborda também a unidade sujeito-objeto de uma maneira que me parece interessante para pensar os antecedentes de uma Posição Feminina, que poderá conduzir a uma penetrabilidade do sujeito pelo objeto ou a uma identificação defensiva.

Erlich (2008) retoma o pensamento de Klein sobre a unidade pré-natal do bebê com a mãe, quando afirma que a experiência de gratificação, por mais satisfatória que seja, não conseguirá alcançar o estado de satisfação vivido naquele período.

Erlich (2008) propõe considerarmos a possibilidade de uma experiência de unidade com a mãe para a vida pós-natal: a experiência de ser (*Being*). Encontra fundamentos para pensar que Klein se aproxima deste conceito, quando aborda a questão da *assimilação* do objeto bom como estando nas fundações do self: trata-se de se sentir como *sendo*, uma vez que a experiência, vivida como completa borra as fronteiras entre sujeito e objeto.

A experiência de ser em união com o Objeto envolve o sentimento de *pertencer a*.

Propõe, por outro lado, que a experiência da separação conduz o bebê à experiência do Fazer - Agir (*Doing*). Separado do objeto, uma demanda entra em cena e o bebê tem que buscar o objeto. Ainda, na separação e na perda, outro mecanismo pode entrar em cena: a identificação, mas notem: na identificação procura-se ser o objeto para lidar com sua perda.

Este processo, destaque, é bem diferente da *assimilação*.

Continuemos mais um pouco com Erlich (2008). O autor sublinha, ainda em Klein, que o que realmente importa é *como* o bebê mama, é a qualidade da amamentação. Klein afirmara que o seio, quando internalizado com voracidade, leva como consequência provável à falência da relação, uma ruptura do encontro com a mãe e isto assenta as bases de uma fundação precária na relação de confiança com o objeto e consequente assimilação.

Erlich (2008), “considerando a dimensão de COMO a experiência é processada, propõe que os conteúdos e eventos psíquicos ocorram dentro de duas dimensões: uma baseada na dimensão da separação sujeito-objeto: Agir e outra na unidade sujeito-objeto: Ser” (p. 57). Postula a presença simultânea, contínua e em operação destas duas dimensões desde o início da vida extrauterina.

Para o autor, a suposição de Klein sobre a separação sujeito e objeto, que dá lugar à inveja, ódio e ataques destrutivos, cabe inteiramente neste esquema de referência no qual tudo que se pode fazer com os impulsos tem lugar.

A Inveja encontra-se no âmbito da experiência impulsiva.

Por outro lado, muito do que Klein descreve como amor e gratidão envolve a dimensão *ser* - a experiência da unidade sujeito-objeto. Esta experiência acompanha tudo o que acontece, frequentemente, como qualidade de fundo. Torna-se um foco ou se constitui num problema quando é perturbada e uma *incapacidade para a experiência* se afirma. Neste caso a experiência da unidade é muito prejudicada.

A experiência da unidade é muitas vezes compreendida no pensamento kleiniano como identificação, incluindo a Identificação Projetiva. Mas na dimensão Ser (Being), o que tem lugar é uma experiência não-impulsiva (*not-driven*), que é de uma natureza diferente e pano de fundo necessário para a experiência de sentir-se vivo e conectado. Erlich (2008) aproxima isto ao pensamento de Klein de sentir-se uma unidade.

Uma das consequências mais importantes que está baseada nas relações impulso-separação (dimensão *Fazer*) é que é muito dependente de fatores internos e independente dos fatores ambientais *reais*. Um conceito que abre campo para a pulsão de morte, como constitutiva, de uma perspectiva metapsicológica.

Na dimensão *ser*, os efeitos sobre a relação são muito dependentes da capacidade do objeto de se adaptar às necessidades do sujeito, ao ponto de desistir da sua existência em separado dele.

Pergunto se, sem experiência de *ser ou de ter sido com o objeto*, será possível uma posição feminina que se completa na posição depressiva?

O trabalho do pensamento que pressupõe o receptivo, o que acolhe, não diria mais sobre a *mãe que é com o bebê* do que a *que age sobre o bebê*?

A meu ver, a mãe, protagonista de um Agir, empurra o bebê para a ação, põe em cena os mecanismos psíquicos inerentes a uma experiência de separação, desperta o desejo e põe em movimento os mecanismos de relação com o objeto.

Esta hipótese levará a abordar a origem da Inveja como elemento pulsional, mais próxima do Agir e a Gratidão como referente à unidade com o objeto, ao se deixar Ser.

Cabe pensarmos aqui a ideia de Inveja com Gratidão, uma mistura mais frequente do que pensamos a princípio, através do pensamento de Klein?

2. CASO CLÍNICO JOSÉ

Conta-me um sonho onde estava dentro e admirando um carro vintage; a polícia o acusa como se fosse ladrão.

Insiste em dizer que estava admirando, fascinado.

Esta questão: o fascínio, a beleza era frequente em seus sonhos.

Comento que talvez o sonho, dentre outras coisas, fazia referência ao fato de não ter feito ainda o reajuste no preço da sessão: era acusado de se apropriar de algo indevido.

Na sessão seguinte, lembra-se de uma situação em que houve um roubo.

Estava com os pais em uma loja e um objeto o fascina, ele o põe no bolso. O dono da loja o acusa e os pais indignados se recusam a achar que ele pegou. Ele fica com a peça, mas mortificado pelo fato de não ter coragem de confessar.

Um dos filhos faz algo ligeiramente ilícito no trabalho para “bater a meta”. (Sobreposição fascínio/ato ilícito). Ele se põe a ajudar o filho em sua defesa, embora simultaneamente reconhecesse que houvera uma espécie de fome/gula para bater a meta.

Queixava-se também de que seus dentes estavam sempre se quebrando. E um dentista aventou a hipótese de que sua mordida era muito forte. Nesse dia, havia terminado o tratamento e muito feliz comera pipoca e imediatamente sentiu que algo se quebrara.

Intervenho dizendo que um desejo intenso o levou a morder o peito:

José: peito?

Suzana: ...o que você primeiro mordeu deve ter sido o peito.

José: é... verdade.

Acrescento que o terror de ter cometido um ato ilícito e o medo de ser descoberto *castraram* pela vida e talvez a desconfiança que sentia de todos e a indignação por desconfiarem dele tivesse a ver com isto.

Outra sessão:

Ele me pedira uma mudança de horário. No dia previsto, preciso faltar. Ofereço-lhe um outro horário, mas ele recusa.

Ele vem para a próxima sessão com muita raiva, retoma a “velha tese” de que de fato ninguém se importa com ele, dizendo de forma a provar que sempre é assim:

O filho que não vem vê-lo e quando telefona, só lá pelo meio da conversa se lembra e pergunta: *E aí pai, você está bem?*

Vai almoçar com a mãe:

“Tem batata frita e bife, que eu adoro”, mas ela fica incomodada de parecer simples, mas “afinal é cômodo para ela, fazer bife com batata frita”.

Aí ela me diz: *Como é bom ter um filho como vc.*

Quando penso que ele ficará feliz ao ouvir a mãe, diz “*ela espera que eu vá dizer que ela é boa mãe, mas não vou mesmo*”.

Aponto a raiva que ele sentia de mim por não lhe ter atendido no dia e horário combinados, de como ela o impede de poder usufruir desta sessão e o remete à solidão por todas as situações em que entende ter sido abandonado.

- O filho que não liga para ele.

- A mãe que o acha um filho muito bom, com o que ele concorda, mas não vai retribuir.

- E eu que cancelo a sessão na sexta-feira, porque provavelmente tinha uma coisa muito melhor ou uma companhia muito melhor e o deixava de fora daquilo que eu usufruía.

Even now, now, very now.

Algumas sessões depois:

Vem reflexivo. Propõe voltar ao ponto da última sessão; a percepção, o se dar conta de que o outro pode pensar diferente dele.

Penso que a ideia das minhas férias e do cancelamento do horário fez emergir um vazio entre nós, que ele experimenta dolorosamente como separação.

E aí fala desse estado que está experimentando.

Fala sobre o filho e como ele o ouviu chamar de pai. Como ele tinha ouvido *pai*.

Tenho a impressão de que ele está mais penetrável, a palavra pai era ouvida de um jeito diferente, penetrava dentro dele.

Outra sessão:

Parece reflexivo, como na sessão anterior. Comenta como tem sido importante o que percebeu sobre os *diferentes olhares*.

Fala de como gosta de ouvir o outro falar, de *penetrar* no outro e de *ajudá-lo*.

Aí fala de pessoas que atendia, entusiasmado com a própria capacidade de trabalhar com o outro.

Conta que teve 2 sonhos, o primeiro se lembra muito bem, mas estranhou não se lembrar do segundo.

No primeiro ele estava dentro de um veículo, absolutamente novo, comandos novos, ele via também estradas novas. Fala muito entusiasmado de como era completo. Mas, não sabia pôr o veículo em movimento e também não sabia que estrada pegar. Também fala que o veículo só tinha um lugar, o dele.

Era tudo muito interessante, bonito, o veículo novo e completo, o dia ensolarado...

Fala que este sonho o lembrou de que ele sempre se garantiu pelo próprio pensamento, sobreviveu bem, hoje poderia até parar de trabalhar e só

fazer o que quer. Vai me fazendo pensar que detém a capacidade total de existir graças à sua cabeça, não precisa de mais nada, nem de ninguém.

Lembra-se, então, de um sonho que teve na noite seguinte. Ele está num lugar e chega a irmã, ele espera que ela vá lhe agradecer pela análise das contas da empresa, mas no sonho ela sequer se aproxima dele.

Digo que ele se sentia como o veículo completo, porque ele tinha comido o seio, levado para dentro dele, assim como fazia ali com a minha cabeça, apropriando-se dos meus pensamentos, supondo que ele os produzia sozinho: no veículo só tinha lugar para um. Só que no auge desta sensação, a irmã chegou e não se prostrou admirada diante dele. E ele ficou desconcertado.

Fica um tempo em silêncio e diz:

Freud fez mesmo autoanálise? Porque se não é você aqui comigo, eu já tinha embarcado.

Sessão após as férias:

Tem que operar o quadril. Explica-me que tem que colocar uma prótese, porque o esforço levou a um deslocamento e se formou *um buraco*.

É uma cirurgia cara, a mãe lhe oferece dinheiro.

Fica muito bravo.

Descreve o que eu identificaria como a cena primária: os pais nunca foram claros no quanto davam para os filhos, particularmente com a irmã. Ocultavam e “alimentavam” a desconfiança. Trama-tramoia-trapaça, é o clima. *Even now, now, very now.*

Fala também sobre o fato de se comparar a Sísifo: andava carregando pedras e ao chegar ao cume da montanha, tinha que começar de novo. Trabalho esse que fez por toda vida.

Digo que o esforço pelo trabalho levou a *um buraco*, mas não a um vínculo. Ele era um *fazedor*, eternamente preenchendo este buraco com muito esforço.

Na sessão seguinte:

José fala que por mais que compreenda, ele não muda: é atávico. O que se repete é a turbulência com que é tomado quando se sente posto de lado. Fala inicialmente que vai se referir à sessão em que ficou muito bravo comigo como referência, porque por mais que achasse que tinha compreendido, voltava a experimentar tudo do mesmo jeito. Fala do momento em que sua mulher não atendeu ao seu telefonema prestativo, cuidadoso para com ela e ela diz que não atendeu porque tinha muita coisa na cabeça naquele momento.

Outra cena imutável é com a mãe. Sente que se cala depois que conversou com os irmãos sobre o dinheiro para cirurgia dele, sequer pergunta como ele se sente.

Mas, também diz: *hoje percebo que perdi oportunidades*. Conta das filhas que falam em dormir com ele na recuperação da cirurgia, quando pensara em contratar uma cuidadora.

Com estes estratos de sessão desejo apontar o vai e vem dos processos psíquicos em direção a ser mais penetrável.

José debate-se entre ser sua cabeça-seio, autoprovedora, e os lapsos ou pistas que deixam esta tese em suspensão:

No carro vintage onde se vê dentro, apenas olhando com profunda admiração, é denunciado/acusado de querer mais do que isto, quer o carro para ele.

Mas, não compreende esta acusação.

Há como que dois olhares dissociados: o olhar que admira e o olhar que acusa.

Também quando está no veículo completo que ele associa à sua cabeça, não sabe como ligar o veículo e nem qual estrada pegar.

É possível pensar que há aqui um novo movimento: o de não compreender a acusação quando está admirando o carro vintage, a construir, no segundo sonho, tanto a cena do maravilhamento, como também as pistas da castração: ele não sabia como ligar, a irmã não partilha do maravilhamento dele com a própria cabeça fazedora de contas.

Indo mais longe do que fui na própria sessão, me pergunto se neste momento divisamos o objeto interno que o ignora e um outro objeto que estaria se anunciando como necessário: o objeto que pode ajudá-lo a dirigir o carro e a encontrar a estrada.

A tentadora defesa de que ele é o próprio seio, se autossupre, falha e me parece que de maneira magnífica, onde pelo buraco no ombro podemos reconstruir o pensamento que o atormenta: por mais que ele se fascine e tente ser o objeto que ele tanto deseja, no seu lugar fica o vazio, o buraco.

Estes movimentos mostram uma outra beleza: a da dor psíquica de não ser completo, mas também a esperança de encontrar parcerias.

Meltzer (1995), na *Apreensão do Belo*, trabalha este movimento: o da inclusão da dimensão dor, resultado da percepção do lado negro da beleza que não pode mais ser exclusivamente objeto do fascínio; o fascínio é facínora, na medida em que o sujeito para contemplar a beleza tem que dividi-la e dividir-se (objeto e self).

Edna O'Shaughnessy (2008) retoma a importância de Inveja e Gratidão, comparando-as a Atlas que carrega o mundo em suas costas, ambas suportam um terrível peso: a inveja interfere na construção de uma sólida relação com o objeto bom interno e externo e a gratidão é essencial para a construção da relação com o bom objeto e para o reconhecimento da bondade em si e nos outros.

Vou me deter aqui no caso da Dra. Y, paciente citada por Edna O'Shaughnessy (2008), porque me permite abordar uma questão que a mim parece estreitamente relacionada à ideia de *Inveja com Gratidão*.

O exame de Edna centra-se em verificar se a presença de uma figura indiferente, que estava reduzida em força em seu sonho, podia ser a expressão da inveja mitigada ao longo do processo da análise, quando comparada ao estágio melancólico primeiro.

O objeto interno bom é impermanente, ou transitório.

Ele o é em três aspectos: é vulnerável ao perigo do ataque interno, vulnerável às circunstâncias externas e também à passagem do tempo.

Klein falara em Inveja e Gratidão do anseio que o bebê tem por um seio inexaurível e sempre presente, ou seja, “há um anseio pelo objeto interno, eterno”. (O'Shaughnessy, 2008, p.89)

O'Shaughnessy (2008, p.89) sublinha que o analista nunca poderá “preencher os anseios do paciente por um objeto inesgotável e permanente, nem prover o paciente com um bom objeto interno, eterno e nem é possível ao paciente jamais perder seu objeto bom e nem fazer reparações eternas”.

Aqui ganha sentido de uma outra perspectiva o *even now, now, very now*. O objeto idealizado não tem idade, não sofre a passagem do tempo como o objeto amado. Apenas repete sua exigência de satisfação.

A vertente melancólica, sustentada pela Inveja, é justamente a recusa à passagem do tempo e à vulnerabilidade do instante. Isto é posto em evidência por O'Shaughnessy (2008, p. 90).

Eu penso que Dra. Y, incapaz de regredir a seu estado melancólico inicial e quase incapaz de se defrontar com o final da sessão, estava perdida em algum lugar entre a condição que Rivière descreve como aquela em que o paciente não pode reparar e nem escapar aos objetos feridos e mortos e o problema diferente da posição depressiva que é a separação self-objeto, a impermanência da relação de objeto, a solidão e a dor do luto pela perda do objeto.

Penso que os extratos de sessão de José nos mostram a luta entre a eterna cena da exclusão e a dor de uma percepção que lhe coloca dentro da cena, mas fora do maravilhamento consigo mesmo.

É isto que tenho procurado mostrar neste trabalho: as idas e vindas que ocorrem na travessia que se inicia com a posição feminina para a posição de-

pressiva, uma travessia que se inicia no sensorial para alcançar as condições de um pensamento simbólico.

A Posição Feminina em Klein é campo de um *fazer* contínuo, onde meninos e meninas se debatem “com a inveja que não mais se focaliza no seio e sim na mãe que recebe o pênis do pai, que tem bebês dentro dela, que dá à luz a estes bebês e que é capaz de amamentá-los”. (KLEIN, 1957, p. 214)

Neste terreno temos todas as vicissitudes do complexo de Édipo Arcaico. Mas, interessa-me salientar que, se a Inveja Primária, aquela do seio que divisa em seu horizonte, seja o casal parental, seja o eu-mesmo gratificado, dissociado do eu-mesmo frustrado, se esta inveja for a expressão de uma destrutividade acentuada, a posição feminina, receptiva do pênis do pai, emblemática da possibilidade da relação penetração-recepção ficará comprometida.

Para Klein a fase feminina primária (que chamamos aqui de Posição Feminina) conduz à posição depressiva, o que do seu ponto de vista “é marcado pela renúncia, pela separação, pela elaboração do fetal, pela solidão do ser”. (ANZIEU, 1992, p. 94)

Chamo atenção para o trabalho de Annie Anzieu que, a meu ver retoma de modo profundo e poético a ideia de um feminino que se encontra nas origens do pensamento de homens e mulheres. Este trabalho dá relevo ao pensamento de Klein.

Annie Anzieu (1992) em *A mulher sem Qualidade* inicia o prefácio de seu livro dizendo:

Não seria possível, graças a Freud e apesar de Freud, pensar a mulher com suas nuances próprias? Extrair a imagem da mulher da concepção masculina que nos é imposta, seria uma tarefa arriscada demais? Tudo o que farei aqui será acrescentar a outras, minha própria tentativa de desenvolver um pensamento que seja pensamento de mulher e do feminino. (p. xxv)

E mais à frente retoma a questão por outro ângulo, refletindo sobre o *benefício secundário* da concepção freudiana da sexualidade, que perpetua o atrativo do continente negro.

Talvez seja indispensável para a feminilidade que seu mistério seja protegido, como o ovo no ninho, sob sua casca leve e colorida, retém os mistérios da plumagem e do canto do pássaro. (ANZIEU, 1992, p. 94)

Annie Anzieu (1992) desenvolve a ideia da ancoragem do feminino matricial nas formas sensoriais. Pensa que “a fluidez da sensação inicial poderia apoiar-se na sensação do corpo investido, graças ao sentido proporcionado pelo meio”(p.6).

A experiência é corporal antes de ser psíquica e o afeto é o vínculo que emana do vivido em direção ao pensamento.

Foca a *cavidade* na mulher.

Se defino o feminino pela anterioridade do receptivo, o palco nu, como Juvet definia o palco onde tudo ia tomar vida, um continente já contido em si mesmo, podemos descobrir nessa ambiguidade metonímica as duas componentes da bissexualidade e os modos de bipartição objetal possíveis segundo o processo da clivagem: feminino/masculino, continente/conteúdo, parcial/total, objeto/sujeito, etc.. (ANZIEU, 1992, p. 93)

O processo analítico desempenha uma função de gestação no espírito do analista pelo fenômeno da espera. Ligado ao tempo, naturalmente, ao desenrolar do fio do conhecimento, e à surpresa ao final da espera. (ID, IBID., p. 93)

E não exclui do homem esta posição feminina.

O objetivo de Anzieu (1992) não é opor a falicidade à interioridade, mas sim, o reconhecimento de uma especificidade do Feminino, qual seja, uma categoria de pensamento derivado da existência de ser mulher. Esta é uma questão importante porque esta diferenciação vai participar da estruturação do aparelho psíquico desde a mais tenra idade.

Neste sentido aproximo este reconhecimento da especificidade do feminino, derivada da existência da mulher e como uma categoria de pensamento ao movimento psíquico para o qual Klein nos chama atenção: a posição feminina comum a homens e mulheres.

A posição feminina é movimento para o receptivo e construção de um vazio que abriga, pênis, bebês e *pensamento*. E no psicanalista, o que chamamos da terceira orelha.

Penso que estas marcas psíquicas possam ser tomadas como emblemáticas da representação de uma Posição Feminina. Se tudo corre de modo a que menina e menino, possam ser assegurados por uma construção boa do objeto interno, eles atravessarão os avatares das posições em que se encon-

trarão vida afora, sem se fecharem ou se enrijecerem em defesas anacrônicas, que lhes obrigam a repetir sempre a mesma cena: even now, now, very now. Caminham, sendo assegurados por um pensamento, cuja matriz se ancora num projeto que germina.

REFERÊNCIAS

- ANZIEU, A. *A mulher sem qualidade: Estudo psicanalítico da feminilidade*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1992.134p.
- ERLICH, H. S. Envy and Gratitude: Some current reflections. In: ROTH, P.; LEMMA, A. (org.). *Envy and gratitude revisited*. Londres: Karnac, 2008. p. 50-78.
- MELTZER, D. & WILLIAMS, M. H. *A apreensão do belo*. Rio de Janeiro: Imago, 1995. 312p.
- KLEIN, M. Estágios iniciais do conflito edipiano (1928). In: *Amor, culpa e reparação e outros trabalhos (1921-1945)*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 214-227.
- _____. (1935). Uma contribuição à psicogênese dos estados maníaco-depressivos. In: *Amor, culpa e reparação e outros trabalhos (1921-1945)*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 301-329.
- _____. Inveja e Gratidão (1957). In: *Inveja e gratidão e outros trabalhos (1946 - 1993)*. Rio de Janeiro: Imago, 1991. p.205-267.
- PETOT, J. M. *Mélanie Klein II: o ego e o bom objeto*. São Paulo: Perspectiva, 1988. 228p.
- O'SHAUGHNESSY, E. On Gratitude. In: ROTH, P.; LEMMA, A. (Org.). *Envy and gratitude revisited*. Londres: Karnac, 2008.p.79-123.
- SODRÉ, I. “Even now, now, very now...”. On envy and the hatred of love. In: ROTH, P.; LEMMA, A. (Org.). *Envy and gratitude revisited*. Londres: Karnac, 2008. p. 14-18.

Inveja na triangularidade: Ciúme, precursor da Inveja?

Envy in the triangularity: Jealousy,
predecessor of Envy?

Cecília Noemí Morelli Ferreira de Camargo

Resumo:

O texto faz uma observação sobre a presença do tema da inveja na cultura universal. Além disso, há uma reflexão sobre as fontes e origens da inveja, diversificando e ampliando a proposta anterior da linha inglesa de pensamento, ao relacioná-la ao ciúme, propondo que este possa surgir concomitantemente ou mesmo antes que a inveja.

Palavras-chave:

Inveja; Ciúme; Origens; Desencadeadores.

Abstract:

The text makes an observation about the presence of the theme of envy in the universal culture. In addition, there is a reflection on the sources and origins of envy, diversifying and broadening the previous proposal of the English line of thought, by relating it to jealousy, proposing that it may arise concomitantly or even before envy.

Keywords:

Envy; Jealousy; Origins; Triggers.

ILUSTRAM O INÍCIO da apresentação deste texto imagens do filme *Amadeus*¹.

Este texto foi escrito como homenagem à Melanie Klein, na comemoração dos sessenta anos da publicação de *Inveja e Gratidão*: tema controverso, universal e disseminado na cultura. Esta comemoração recoloca em destaque a antiguidade do tema, que aparece já nas histórias do universo que fazem parte da cultura, referido mesmo antes da existência do ser humano ².

Encontrei no texto “Olhos de Caim” ideias que expressam meu pensamento:

Uma das paixões mais características da natureza humana está presente na literatura, nos contos, nos mitos, nas narrações, nos aforismos, no folclore, na cultura popular e, dada a sua relevância, foi tratada por diferentes pensadores ao longo da história. Dentre eles, podemos citar: Aristóteles (384-322 a.C.), Ovídio (43-17? a.C.), Francis Bacon (1561-1626), Freud (1856-1939), Melanie Klein (1882-1960), Lacan (1901-1981) e muitos outros. (FIGUEIREDO; FERREIRA, 2008, p.181)

Quero lembrar que, ao me referir à longevidade e à amplitude da presença dos relatos sobre inveja, aponto para o fato de que estas são indicativas de uma ‘essencialidade’ intrínseca à inveja, uma inerência ao humano, e dele indissociável, anterior a qualquer ocorrência de frustração ou falta na vida de seu portador (FIGUEIREDO; FERREIRA, 2008).

Assim, assumo que tal como Melanie Klein, entendo a inveja como a representante direta da pulsão de morte, com alta potencialidade destrutiva, e todas as implicações daí decorrentes.

Mesmo que se pense que a inveja só pode aparecer com a primeira vivência de falta, seria possível relacioná-la ao desamparo desse ser vivente que seria disparado no nascimento, primeira vivência de falta e de separação.

Não nos esqueçamos de que a atribuição de inveja até a seres ‘sobre-humanos’, anjos, por exemplo, é feita em relatos construídos por seres humanos: ou seja, o relato refere-se a fantasias de seres humanos, tentando explicar e fazendo teorias sobre questões humanas; enfatizo o fato de que

1 Cenas do filme AMADEUS - Uma história verdadeira, apresentadas no evento MELANIE KLEIN - Inveja e Gratidão - 60 anos: “Even now, now, very now...”, realizado no Instituto Sedes Sapientiae em 21/9/2017. De 00:31 a 02:30min.

2 Texto apresentado no evento MELANIE KLEIN - Inveja e Gratidão - 60 anos: Even now, now, very now..., realizado no Instituto Sedes Sapientiae em 21/9/2017.

sua criação é feita pelo próprio ser humano que vive sua presença no âmago de seu ser. Acrescento que tal como no contato com o material clínico da sessão de psicanálise não estamos preocupados com a veracidade dos fatos relatados nos conteúdos manifestos de nossos pacientes, mas com o que pode ser revelado de verdadeiramente profundo sobre conteúdos latentes, pelos conteúdos manifestos.

A meu ver, esta onipresença corrobora a hipótese de que desde sempre o homem teve grandes dificuldades para lidar com a dependência que noticia sua fragilidade e que a fantasia de algum ‘bem’ incondicional pertencendo a qualquer outro de quem o eu dependa é imensamente ameaçadora à sua própria existência e, assim, insuportável: neste mundo mental em constituição, o ser humano teria de saída, que lidar com a inveja primária em relação a um seio que o alimenta. Ádua tarefa... E daí decorrem infundáveis desdobramentos. Ter-se-ia que perguntar que ocorrência ou que elemento tornaria sua presença tão marcada e por que tão forte em algumas pessoas e, elaborável, administrável, em outras?

A intensidade inicial de sua essencialidade? Eventos que agudizariam a percepção do desamparo e ‘acordariam’ intensificando a tal essencialidade, sem, no entanto, terem sido seus geradores ou disparadores diretos? E, quais seriam estes?

E, o que pode propiciar sua elaboração? Se, tal como afirma Melanie Klein (1991) é o firme estabelecimento do bom objeto no núcleo do ego, que permite o avanço no desenvolvimento afetivo do bebê, o que precisa acontecer que permita esse estabelecimento, mesmo (e talvez principalmente), na presença da tal essencialidade adversa? Que condições seriam necessárias para que se tornasse possível tal estabelecimento? Seria bom lembrar que: existe o que o sujeito diz, existe o que o objeto ouve e existe o que ele pode e vai fazer com o que foi dito, quer dizer, há um sujeito e a relação entre ele e o objeto.

Pensar que, se é que a inveja surge a partir da primeira falta, independentemente de ser sua origem a pulsão de morte, poderia levar-nos à conjectura de que uma vivência de não falta, evitaria seu aparecimento. Mas, além de impossível, a ausência de falta seria também mortífera. Assim, quer seja a inveja entendida como representante direto da pulsão de morte, quer como decorrente apenas da forma como foi vivida a experiência de falta, sua presença traz grandes transtornos para o desenvolvimento do bebê.

A etimologia da palavra inveja, formada pelos étimos latinos ‘in’ (dentro de) + ‘videre’ (olhar), indicam que esse sentimento alude a um olhar que penetra no outro humano. Essa alusão acabou por se desdobrar em várias expressões populares, como mau olhado, olho grande, olhar de seca pimen-

teira, entre outras. Outra origem etimológica possível é o prefixo ‘in’ designando uma negativa, uma exclusão, de modo que in + videre pode significar a inveja daquele que se recusa a ver e reconhecer as diferenças entre ele e o outro, uma vez que esse outro possui ‘bens’ de que ele necessita.

O desejo é substituído por uma ânsia de que o outro não os tenha, já que esta posse é vivida como uma ameaça e a inveja seria, então, uma forma de cegueira.

Marco sua presença em alguns elementos da cultura. É interessante notar como em tempos em que há uma tecnologia bastante avançada, sejam encontrados tantos sites da internet com títulos como: *Como Lúcifer foi expulso do paraíso e transformado em Satanás?* Ou, *Nem sempre o capeta foi do mal*. A existência paralela de dois elementos tão opostos como o avanço da tecnologia, de um lado, e, de outro, a permanência de crenças em anjos e demônios, nos faz lembrar de Freud quando aponta a forte relação do homem com o animismo, mas também, de certo modo, de uma ‘libertação’ do mesmo. (FREUD, 1996)

Alguns desses artigos contam que no segundo dia da criação, Deus teria criado o céu e nesse mesmo dia teriam surgido os anjos. Um deles, que impressionava por sua beleza, seria Lúcifer.

Lúcifer seria um belíssimo anjo que teria pecado e por isso teria acabado por ser expulso do céu. O pecado de Lúcifer teria sido deixar sua beleza e alta posição na hierarquia celeste lhe dominarem a razão, recusando um pedido de Deus de louvar a nova criatura, o homem, feito à imagem e semelhança divinas. Lúcifer consideraria o ser humano inferior – afinal, ele teria sido criado antes. (LIMA, 2017)

Orgulhoso, teria decidido construir seu trono acima do de Deus. Para enfrentar a batalha pelo paraíso, ter-se-ia transformado num terrível dragão. O lado fiel a Deus, o do bem, teria sido comandado pelo arcanjo Miguel, representado com um escudo com a frase latina “*Quis ut Deus?*” (“Quem é como Deus?”), pergunta que teria sido feita por Miguel a Lúcifer.

O exército dos rebeldes não teria sido suficiente para vencer as hostes celestiais e os perdedores teriam sido enviados para o inferno onde deveriam arder no fogo por toda a eternidade. Lúcifer teria pago um preço maior: teria sido transformado em Satanás e jurado vingança, prometendo destruir a raça humana. Como teria mantido seu poder angelical de mudar de aparência, disfarçar-se-ia de serpente para se insinuar no Jardim do Éden, onde teria convencido Eva a provar e dividir com Adão o fruto da árvore da vida, causando a expulsão do casal.

Qual teria sido o grande motivo disparador de tão grave punição?

A expulsão de Lúcifer está relacionada à atitude de questionar o poder divino do criador que, estabelecido, deve ser acatado e não questionado. Po-

der-se-ia conjecturar que a não obediência absoluta é o sinal da existência de outro ser pensante, o que ameaçaria a plenitude desejada e suposta. E, ainda, que a existência de outro ser pensante introduz a relatividade que, por sua vez, conduz ao terreno da falibilidade insuportável. Onde está o ‘pecado’? Em quem questiona, pensa e com isso revela a existência da autonomia ou em quem não suporta ser questionado, nem, não cegamente acatado? E, o que dispara tal situação?

A mim, é importante sublinhar a existência desse fenômeno no âmago da cultura, expressando uma dor que é aguda no invejoso: dor de ter que viver presenciando a existência do ‘bem’ como fazendo parte do outro de quem precisa receber; mais ainda, não podendo sentir esse ‘bem’ como intrínseco à sua própria existência, mas sim a do outro de quem depende.

Lembro-me de referências bíblicas onde aparece a mesma lógica: Caim e Abel; Esaú e Jacó, José e seus irmãos; a parábola do filho pródigo da qual existe representação em pintura de Rembrandt.

Ainda no texto “Olhos de Caim” (FIGUEIREDO; FERREIRA, 2008), encontramos referências a Aristóteles (em 4 a.C.) que, na *Retórica*, trata a inveja como uma das catorze paixões que caracterizam a alma humana. Ovídio (43 a.C.), em *Metamorfoses*, diz:

A inveja habita no fundo de um vale onde jamais se vê o sol. Nenhum vento o atravessa; ali reinam a tristeza e o frio, jamais se acende o fogo, há sempre trevas espessas [...]. A palidez cobre seu rosto e seu corpo é descarnado, o olhar não se fixa em parte alguma. Tem os dentes manchados de tártaro, o seio esverdeado pela bile, a língua úmida de veneno. Ela ignora o sorriso, salvo aquele que é excitado pela visão da dor [...]. Assiste com despeito o sucesso dos homens e esse espetáculo a corrói; ao dilacerar os outros, ela se dilacera a si mesma, e este é seu suplício.

São Tomás de Aquino define a inveja como tristeza pelo bem alheio, o que a diferencia da cobiça ou voracidade, que é querer o que o outro é ou tem; na inveja há lamento e dor pela felicidade do outro e exultação por sua desgraça. (Informação verbal) ³

3 Palestra O pecado envergonhado. Citação de Tomás de Aquino, em 03:54min.

Citando mais alguns, na Literatura universal encontramos na *Divina Comédia*, de Dante Alighieri:

[...] o Purgatório é representado por uma montanha com sete andares antes de chegar ao Céu e onde os sete pecados capitais são hierarquizados por ordem de gravidade; a inveja é colocada no segundo terraço mais próximo do Inferno, acima apenas do orgulho. No texto, lê-se que os invejosos têm os olhos costurados com arame, já que olharam tanto para os outros e, por isso, estão condenados a não ver mais nada até purgarem seu pecado. (Informação verbal) ⁴

Camões (1990) diz que: “Onde há inveja, não há amizade.”

William Shakespeare (2017), em *Otelo*, renunciou muito do que hoje estudamos e sabemos sobre a inveja.

Na literatura brasileira, em Machado de Assis, que foi um grande leitor de Shakespeare, particularmente de *Otelo*, *Hamlet* e *Macbeth*, pode ser encontrada, direta ou indiretamente, sua presença mais particularmente no romance *Dom Casmurro*.

Ainda no campo das artes, citamos a história de Mozart, que segundo o que é contado no filme *Amadeus*, foi admirado, invejado e perseguido pelo também músico Salieri ⁵.

Ficam demonstradas com estas indicações de manifestações da cultura, a amplitude, a profundidade e a complexidade da existência deste sentimento na natureza humana.

Em algumas delas, fica mais clara a presença do terceiro elemento. Este fato é importante para o propósito de discutir a questão da relação da inveja com a triangularidade, num desdobramento do pensamento de Melanie Klein, quando estabelece relações e diferenças entre ciúmes, inveja e voracidade, em *Inveja e Gratidão* (1991).

Saindo dos aspectos histórico-culturais do conceito que mostram sua intrigante ubiquidade, volto-me para a relação entre ciúmes e inveja em artigos de outros autores.

4 Idem. Imagem da montanha dos Sete Pecados Capitais, em 05:28min.

5 Cenas do filme AMADEUS - Uma história verdadeira, apresentadas no evento MELANIE KLEIN - Inveja e Gratidão - 60 anos: “Even now, now, very now...”, realizado no Instituto Sedes Sapientiae, em 21/9/2017, em 26:04 a 36:40min.

Betty Joseph (1992), em *A inveja na vida cotidiana*, confirma a presença disseminada da inveja e afirma que é curioso notar que, apesar de sua ubiquidade, o fenômeno até recentemente era pouco presente na literatura psicanalítica. Diz que Freud se refere à inveja do pênis e não se dedica mais longamente ao assunto. Salienta que apenas após a publicação de *Inveja e Gratidão* é que o tema passou a ter a notoriedade que lhe cabe. Por outro lado, aponta que o ciúme é tema mais presente na literatura psicanalítica.

Diz que:

[...] ciúme refere-se a relacionamento que envolve três pessoas: sente-se ciúme porque alguém a quem se ama, ou a quem se está ligado, demonstra mais interesse ou afeição por outrem. Mas, de modo geral, isso é considerado normal, penso que porque o ciúme está baseado em amor, ou afeição por uma pessoa (...). Mas, com a inveja o quadro é diferente: ela envolve basicamente duas pessoas e inveja-se o que a outra pessoa possui, ou suas capacidades, conquistas, qualidades pessoais, etc. A inveja envolve, em maior ou menor grau, uma qualidade espoliadora, ou pelo menos, hostilidade para com as boas capacidades da outra pessoa. (JOSEPH, 1992, p.186)

Priscilla Roth (2008, p.1), na introdução do livro *Inveja e Gratidão revisitadas*, aponta que:

É impossível entender a discussão de Melanie Klein sobre o poder destrutivo da inveja separadamente de sua crença de que sua perniciosidade está precisamente em sua interferência fundamental no estabelecimento do bom e amado objeto dentro do ego – a fundação para esperança, confiança e fé na bondade.

Proponho-me a refletir sobre a proposta de Ignês Sodré (2008) em *Even now, now, very now...*. Para isto preciso voltar-me para o início da vida do bebê e perguntar o que teria desencadeado tão sérias consequências: - agravando uma dotação desfavorável ou – ocasionando, mesmo, as graves perturbações no desenvolvimento. Melanie Klein refere-se à inveja como uma experiên-

cia dual, diferenciando-a do ciúme. Ela descreveu também as fantasias do bebê sobre os pais combinados em uma relação sexual contínua e satisfatória -oral, anal e genitalmente falando. Em *Inveja e Gratidão* (1991), ela fala da inveja como despertando durante os mais precoces estágios do complexo de Édipo precoce, que inclui fantasias sobre o seio da mãe e sobre a mãe contendo o pênis do pai.

Melanie Klein diferencia o que ela chama de inveja primária de outras formas de inveja subsequentes: inveja primária (a do seio materno) fica como um protótipo e persiste, prossegue e se amplia atingindo um espectro muito maior que ultrapassa os relacionamentos com o pai, com o interior materno, indo além das capacidades de gerar bebês e de amamentá-los; aqui nos permitimos pensar que chegando aos relacionamentos interpessoais em geral.

A proposta de Ignês Sodré parece estar apoiada nesta ideia de Melanie Klein: e penso que é como se na dualidade própria do sentimento de inveja houvesse um desdobramento, uma vivência de triangularidade, que propicia, assim, uma nova organização das ideias sobre a relação da inveja com o ciúme.

A ideia de triangularidade na experiência de inveja nasce da proposta de que a mesma surge no momento da diferenciação, no momento em que a separação sujeito/objeto é percebida. Nestes momentos em que ocorre esta percepção surge a fantasia, a crença de que o ‘bem’ necessitado está sendo dado a ‘outro’, um terceiro, mesmo se este terceiro for apenas a percepção de outros aspectos do próprio self (ou do objeto). É como se uma parte do sujeito (a que não está sendo alimentada) sentisse inveja/ciúme de outra parte de si mesmo (a fantasiada a partir da vivência do estado transitório de não falta, quando estava sendo alimentada).

Sodré descreve este momento como um movimento da crença “o seio é a bondade” incluindo “e o seio sou eu”, para um quadro estático, no qual “o seio tem a bondade” incluindo “e eu não o tenho, já que o seio não sou eu”.

Esta triangularidade ou presença do terceiro (que estaria recebendo o que faz falta nesse momento) contém as sementes do que será o complexo de Édipo já desenvolvido; em sua aparição mais primitiva se relaciona a fantasias de satisfações orais, anais e genitais vividas na dupla seio/bebê.

Sodré coloca as raízes deste processo na precoce relação de alimentação mãe/bebê, na qual em momentos de separação, a criança observa/ relembra de si mesma ao seio e percebe a alimentação da ‘criança ela mesma’, como a de um outro.

Podemos supor, então, que experiências de frustração na relação com o seio, incrementariam o surgimento das fantasias da relação prazerosa do seio com o outro com quem o ‘bem’ estaria sendo compartilhado.

Ela escreve: “amor como leite é algo fluido que flui de uma pessoa para outra, formando um elo vivo entre os dois” (SODRÉ, 2008, p.13). É este elo que parece insuportável à criança excluída e observadora, o bebê não sugando feliz, agora um terceiro invejoso.

Esta ‘triangularidade’ fantasiada poderia ser pensada como decorrente de fantasias que o bebê produz ao entrar em contato com qualquer falta? Então, teríamos um bebê cujo quantum de pulsão de morte o leva a fantasiar a mãe compartilhando o ‘bem’ com um terceiro fantasiado, o duplo insatisfeito dele mesmo.

Pensamos que, dito de outro modo, uma vivência inicial não satisfatória com o seio ocasionaria a presença de fantasias de ‘exclusão’ que, neste momento tão precoce, são insuportáveis para esse bebê e incidem em seu desenvolvimento permitindo que ele possa apenas atacar o bem e destruir o paraíso, já que sente não fazer parte dele.

Então, a inveja não permite que o sujeito invejoso receba algo, pois isso seria vivido como perigosamente ameaçador, já que o ‘bem’ é do outro.

Aprofundando a relação entre os dois artigos, percebemos que os elementos que os compõem estão diferentemente combinados; destaco esta combinação:

A presença do amor referido ao ciúme na reflexão de Betty Joseph desaparece no que tange à inveja. Mas, o que teria ocorrido? Pensando na proposta de Ignês Sodré de que o sentimento de exclusão (ou não pertencimento) da ‘triangularidade’ do casal parental (como no ciúme) traria funestas consequências para o sujeito levando-o não ao desejo de estar incluído, mas a desfechar ataques extremamente violentos quer seja ao possuidor do bem, quer a quem usufrui dele ou, ainda, em última instância ao ‘bem’ em si mesmo.

Lembremos que na tradição bíblica, o paraíso é extinto e priva todos os seres humanos de sua fruição.

A suposta triangularidade, então, não se refere à triangularidade do momento mais avançado do desenvolvimento, aquele que ocorre na posição depressiva, na vivência da conflitiva edípica primitiva, mas, à situação que apresenta as mesmas peculiaridades do superego primitivo que são mantidas no invejoso, tal como bem exemplificado no personagem Iago.

Tem-se, então, um sentimento de ódio (elemento da inveja) em uma situação de ciúme, que nesta proposta é decorrente de fantasias e de experiências não bem sucedidas com o seio.

Refiro-me agora ao artigo sobre o ciúme de Joan Rivière, quer dizer, antes da publicação de *Inveja e Gratidão*. É interessante notar que muitas das características atribuídas à inveja aparecem em sua reflexão sobre uma paciente, cujos sintomas incluíam intenso ciúme. Nestas características, estão

as atitudes espoliadoras e a impossibilidade de receber qualquer coisa do outro, características inerentes à inveja. A autora apresenta, também, uma reflexão sobre a relação da inveja com o ciúme e se refere à triangularidade, mas o faz de forma a mostrar não estar falando da triangularidade edípica. Vejamos:

Na identificação precoce com o seio da mãe está o caráter narcisista da fantasia. (...) Mas, a mãe era ela mesma, um objeto duplo consistindo de duas partes: ela própria e suas posses: o pai, ou seu pênis (...) era uma de suas posses, das quais ela deveria ser roubada. As posses da mãe consistiam de seus seios, do leite e o conteúdo de seu corpo: fezes, crianças e o pênis do pai; de tudo isso, ela devia ser despojada. (...) a origem dessa fantasia é na fase oral erótica e oral sádica do desenvolvimento (...). Minha descrição mostrará sua derivação também da fase sádica de atacar os conteúdos do corpo da mãe. Homens não eram pessoas reais ou objetos totais para o inconsciente da paciente. Eram apenas o pênis ou possuidores de pênis. Mulheres eram objetos parciais, apreendidas como divisíveis em objetos parciais. Sem dúvida, a medida da verdadeira genitalização tinha sido conquistada; mas, o que eu quero comentar nesta situação ‘triangular’ que deve expressar o peso do objeto de amor é que esta deve estar enraizada no narcisismo. Ciúme e infidelidade podem ter suas fundações nos impulsos sádico-orais. E, em pessoas cuja composição física incluía ciúme ou infidelidade como padrão, minha conclusão é que a ‘perda do amor’ ou a ‘busca do amor’ se refere a algo mais profundo do que uma relação genital com o pai ou a mãe desejados. (RIVIERE, 1932, p.7)⁶

Vemos assim que a autora se refere a processos e fenômenos muito iniciais que, em sua proposta, teriam ocorrido antes da vivência da conflitiva edípica.

6 Tradução livre do original “Jealousy as a Mechanism of Defence”.

Joan Rivière também apresenta uma relação entre ciúme e inveja e no mesmo artigo diz:

Gostaria de mencionar a confusão comum entre as palavras 'inveja' e 'ciúme' que encontra uma derivação bem precisa na experiência da cena oral primária na qual os dois sentimentos seriam indistinguíveis. Esta e só esta experiência fornece a base racional para o agudo e desesperado sentido de falta e perda, de intensa necessidade, de vazio e desolação sentidos pelo ciumento de um triângulo. (...) Minha descrição das forças inconscientes atuando em toda situação física da paciente não faz justiça à parte desempenhada pela ansiedade e ação do superego precoce na formação de uma situação de fantasia tão dominante como a descrita. Tais impulsos erótico-orais e sádico-orais governam toda a vida psíquica. (...) Sem dúvida, um motivo principal desta fantasia-chave era o da vingança sobre a mãe por toda privação imposta à criança, de sua posse dos desejados prazeres com o seio (...). (1932, p.8)⁷

Estas reflexões de Ignês Sodré e Joan Rivière mostram pontos de confluência entre os fenômenos da inveja e do ciúme, que se imiscuem e acabam formando um terreno onde ocorre uma espécie de 'estancamento' no desenvolvimento tanto do superego que acaba por manter características primitivas extremas, como conseqüentemente, também no desenvolvimento afetivo, como um todo.

A reflexão sobre as ideias que estas autoras (Melanie Klein, Betty Joseph e Joan Rivière) propõem sobre a inveja e ciúme, reconduz à ideia da 'essencialidade' como característica da inveja, diferentemente do que acontece com a gratidão; embora o 'quantum' da essencialidade da inveja interfira na gratidão, esta pressupõe uma construção, um processo, um trabalho. Se na inveja a existência do 'bem' no outro é insuportável, na gratidão, o reconhecimento da existência do outro de quem se recebe é aceito e bem-vindo. Para Melanie Klein, gratidão é "essencial na construção da relação com o bom objeto e (...) e na apreciação do 'bem' nos outros e em si mesmo, um

7 Tradução livre do original "Jealousy as a Mechanism of Defence".

‘mitigador’ do potencial da inveja” (SODRÉ, 2008, p.14). Klein vê a gratidão como o protetor dos sentimentos de amor, opondo-o à voracidade e a vê como direta e originariamente dirigida precisamente ao conteúdo do seio: o leite que acalma a fome. No entanto, não é apenas leite que traz gratificação, saciedade e sentimento de ausência de fome que constroem a gratidão. A gratificação de que depende o surgimento da gratidão é um sentimento muito mais complexo e depende de outras experiências sensoriais e emocionais como as do prazer e deleite de sentir o cheiro e o toque, de olhar e ser olhado e de ser abraçado com conforto e segurança. É do conjunto destas experiências que gradualmente nasce o que se conhece como amor. Se a voracidade pode ser entendida como se referindo a tomar todo o ‘bem’ de alguém, a gratificação se refere a uma experiência de proximidade e intimidade. Apenas estas experiências de gratificação podem levar à gratidão.

Estas afirmações de Klein mostram que estas vivências ocultam uma complexidade difícil de ser realizada. Isto depende da possibilidade de suportar o conhecimento da existência não só do outro, mas, principalmente, do ‘bem’ necessário à sobrevivência, pertencendo a outro e não a si próprio. É neste momento, onde o ódio do objeto, porque ele é outro, porque ele é ‘não eu’, que aparece a gratidão como um mitigador deste ódio e protetor dos sentimentos de amor. (SODRÉ, 2008, p.16)⁸

Isto talvez indique as razões pelas quais a gratidão é mais rara que a inveja. Ela depende, repito, de um árduo trabalho de construção: ‘depende do reconhecimento e do desfrute do fato de que algo muito bom foi recebido como um presente. (SODRÉ, 2008, p.16)⁹ Então, más experiências com o seio certamente acarretariam dificuldade de sentir gratidão. Mas, também, experiências boas poderiam levar a este desfecho, uma vez que o bebê poderia não ser capaz de admitir o pertencimento do ‘bem’ ao outro, o que é, de algum modo, negar sua existência, referindo a posse do bem ao próprio self; estas vivências potencialmente inviabilizam a gratidão e também os processos de pensar como tão bem teorizou Bion.

Retomando a proposta de Melanie Klein sobre a importância crucial do firme estabelecimento do bom objeto no núcleo do ego, vê-se que, embora sendo a pedra fundamental do desenvolvimento emocional saudável, é um processo assustadoramente complexo e de difícil realização.

Talvez, a estória do paraíso perdido se refira à forma que o homem encontrou de relatar a impossibilidade humana de ter todo o ‘bem’, de viver

8 Tradução livre do original “Jealousy as a Mechanism of Defence”.

9 Tradução livre do original “Jealousy as a Mechanism of Defence”.

sem ser tão ameaçado pelo que lhe falta e de, assim, ter que aprender a viver fora do paraíso sonhado... e perdido.

Esta talvez seja a saga da qual não pode escapar... Desejando não se sentir ameaçado, sonha com seres plenos dos quais, no entanto, não sente que faz parte. Fantasia algo muito malévolos que o priva deste pertencimento. E, esse 'algo' precisa ser castigado por este pecado imperdoável, tendo a existência negada e extinta. Ao apropriar-se daquilo que lhe falta, como se sempre tivesse lhe pertencido, condena-se a viver na mais absoluta solidão e isolamento...

Sob a pena de ter de reconhecer a quase insuportável e amarga falibilidade, não a enfrenta e não desfruta do banquete que a vida é.

Aos que tiverem podido viver a ideia de ter recebido 'o bem', podendo guardar em si mesmos o doce sabor do presente sonhado e recebido, será possível sentir gratidão pelo 'algo' que lhe foi presenteado, compartilhando com ele o néctar da vida.

Aos que não tiverem podido libertar-se do ciúme daquele que invejam por possuírem o que lhes falta, sem perceberem o que recebem, restará o vazio.

Sendo a gratidão o sentir reconhecimento por ter recebido a doçura do essencial para a vida, e, implicando a inveja o não poder receber, o invejoso está fadado a viver no amargor da impossibilidade de se sentir grato a quem supõe estar compartilhando o 'bem' com o outro.

REFERÊNCIAS

- AMADEUS. Direção de Milos Forman. Produção de Saul Z. Intérpretes: Tom H. Roteiro: Peter Shaffer. Música: Neville Marriner. Estados Unidos: Warner Bros, 1985. 1 (180 min.), DVD, son., color. Legendado.
- CAMÕES, L. *Lírica-épica-teatro-cartas*. São Paulo: Moderna, 1990. 200 p.
- FIGUEIREDO, M. F.; FERREIRA, L. A. Olhos de Caim. *Coleção Mestrado em Linguística*, Franca, v. 3, p.181-197, 2008. Anual. Disponível em: <<http://publicacoes.unifran.br/index.php/colecaoMestradoEmLinguistica/article/view-File/417/344>>. Acesso em: 30 jun. 2018.
- FREUD, S. *Obras completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- JOSEPH, B. A inveja na vida cotidiana. In: JOSEPH, B. *Equilíbrio psíquico e mudança psíquica*. Rio de Janeiro: Imago, 1992. p. 185-194.
- KLEIN, M. *Inveja e gratidão e outros trabalhos (1946-163)*. Rio de Janeiro: Imago, 1991. 398p.
- LIMA, C. C. *Como Lúcifer foi expulso do paraíso e transformado em Satanás*. 2017. Disponível em: <<https://mundoestranho.abril.com.br/curiosidades/como-lucifer-foi-expulso-do-paraíso-e-transformado-em-satanas/>>. Acesso em: 02 jul. 2018.
- O PECADO ENVERGONHADO: *a inveja*. Produção de Cpf. Realização de TV Cultura. [s.l], 2017. (50 min.), son., color. Série Sete prazeres capitais – pecados e virtudes hoje. Citação de Tomás de Aquino. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=eGBSgFcfgY>. Acesso em: 02 jul. 2018.
- RIVIERE, J. Jealousy as a Mechanism of Defence. *International Journal of Psycho-analysis*, [s.l], v. 13, p.414-424, 1932.
- SHAKEASPEARE, W. *Otelo*. Porto Alegre: L&pm, 2017. 176 p.
- SODRÉ, I. Even now, now, very now ...: On envy and the hatred of love. In:
- ROTH, P.; LEMMA, A. (Org.). *Envy and gratitude revisited*. Londres: Karnac, 2008. p. 14-18.

Vestida para matar - Um ensaio sobre a inveja

Dressed to kill. An essay about envy

Gina Tamburrino

Resumo:

Neste artigo a autora expõe algumas reflexões sobre o modo como a inveja se apresenta na relação analítica. De modo especial, explora a relação entre a *rêverie* que emerge em sua escuta e as possíveis relações com a fome e a vida intrauterina da paciente.

Palavras-chave:

Inveja; Vida intrauterina; *Rêverie*; Análise.

Abstract:

In this article, the author provides some reflections upon the way in which envy manifests itself in the analytical relationship. She especially explores the relation between the *rêverie* emerging in her listening and the possible relations between hunger and her patient's intrauterine life.

Keywords:

Envy; Intrauterine life; *Rêverie*; Analysis.

*A mente é seu próprio espaço, e nele
Pode criar um paraíso de um inferno, um inferno de um paraíso.*
(PARAÍSO PERDIDO, JOHN MILTON, 1667)

UMA MÃE PRECISA aprender a segurar o seu bebê no colo, apesar da intuição materna natural que revela a herança psíquica do humano. Porém, toda mãe “de primeira viagem”, ou mesmo “velha de guerra”, deve se perguntar em algum momento de sua experiência de maternidade: “O que há de errado com o meu bebê” se ele continua “reclamando” depois de ter sido amamentado, banhado, trocado, ninado, tocado em seus pontos estratégicos em que são acometidos de dor...; tudo em ordem, e ele berra!

Podemos nós, desconfiar: “tudo *aparentemente* em ordem, e ele berra!”

Bianca chegava chorosa e reclamando da dura jornada que havia enfrentado no trabalho...; voz rouca, baixa, às vezes aos sussurros..., quase inaudível. Demonstrava um esforço em falar. Em alguns momentos pronunciava sua exaustão: “*nem dá pra falar... dói falar... eu só queria ficar quieta...*”, “*não sei como sobrevivo*”. Entretanto, parecia escutar “não sei por que sobrevivo”.

Era curioso observar que se por um lado Bianca revelava-se narradora de um discurso melancólico, presente em sua voz e gestos, por outro se revelava uma moça de aparência muito cuidada e capaz de vigorosos passos em seu cotidiano, especialmente no trabalho, onde podia *ser vista* e sentir-se reconhecida. Sua expressão em nada combinava com os aspectos de sua narração deprimida. Considerava que desenvolvia atividades importantes no ambiente de trabalho, “que seus colegas não davam conta”. Falava de si como alguém que se tornara alvo dos colegas de forma elogiosa por conseguir “aguentar coisas que ninguém suportava”. De modo especial, referia-se aos pedidos que vinham de sua chefia que costumava distribuir ordens duras e abusivas. Essas ordens, dizia Bianca, causavam muito mal-estar na equipe; mas ela, “com seu jeito tranquilo” e atitudes muito assertivas, conseguia realizar tudo muito bem e sem criar climas; por isso era tão elogiada. Dizia suportar atender às expectativas da chefia, para não ser cobrada. Isso ela não suportava. “*Já que precisa fazer, por que vou esperar a cobrança? Faço e pronto!*”

Bianca parecia, nessas narrativas, considerar que os colegas sentiam inveja de suas atitudes. Entretanto, não se referia a uma inveja sentida como destrutiva, mas falava da admiração que percebia que os colegas sentiam por ela. Sentia-se lisonjeada e orgulhosa por perceber que era “a melhor”. Ao mesmo tempo, parecia nutrir um sentimento de depreciação pelos co-

legas, embora não reconhecesse esse sentimento, nem de longe. Isto não compareceu de forma clara, dentro da relação analítica que ainda era muito inicial. Mas avalio que ao perceber a admiração que os colegas sentiam por ela, Bianca estava tentando se proteger de sua própria inveja de não ser capaz de reconhecer o mesmo nos outros; a bondade, a criatividade, o amor. Ao contrário, precisava depreciar o que o outro podia oferecer e sentir-se possuindo o bom só para si.

Desde criança foi considerada a primeira aluna da classe e a filha mais obediente; agora era a funcionária mais brilhante e esmerada, que suportava qualquer pressão e exigência. *“Ninguém nunca me forçou a nada, minha mãe nunca me exigiu ser perfeita, eu é que sou assim, isso é meu mesmo, não consigo ser diferente...; é meu!”*

Veio procurar análise porque não suportava ficar longe do namorado que morava em sua cidade de origem. *“Não suporto a separação, me dói, me dói demais, é algo insuportável. Mas, quando ele vem me ver enlouqueço com sua presença, seus mimos e dedicação; fico loooouca! Queria alguém que pudesse ficar comigo, queria casar, assim esse sofrimento acabava de uma vez.”* Bianca parecia referir-se com essa fala, que sempre retornava, a um desejo de aprisionar, sequestrar o outro, tomar posse dele, controlá-lo e não perdê-lo de vista.

Em outros momentos, porém, dizia que seu maior problema era o seu corpo, que se sentia infeliz porque não conseguia ser magra... Era uma moça bonita, mas achava-se muito gorda, tinha ódio de si mesma porque não conseguia emagrecer: *“Tenho inveja das anoréxicas... daria tudo para ser uma.”* Trabalhava num hospital e sempre que tinha oportunidade ficava espreitando as anoréxicas internadas.

Assim, Bianca foi revelando, entre fantasias e cenas de sua vida real, algo perturbador em seus relacionamentos com as pessoas que “a alimentavam de algum modo”. Na ocasião em que o namorado veio visitá-la, enchendo-a de afeto e atenção, expressou: *“Tenho vontade de morrer, de tanto ódio...”* Desabou e chorou muito. Nesses episódios era possível ver a transformação do ódio em desespero. *“Eu não entendo como posso sentir desespero quando ele está longe e tanto ódio quando ele se aproxima. O que é isso?”* Ela parecia sentir-se desintegrando: *“A sensação que tenho é de estar dentro de um liquidificador ligado...”*

Relatou um episódio em que estava comendo biscoitos com as colegas do trabalho: *“Eu ainda estava comendo quando a dona dos biscoitos fechou o pacote; nossa! Eu fico com muuuuuta raiva quando fazem isso. Não faça isso comigo, não faça isso comigo!”*

Também, entregando imagens aos seus sentimentos e mostrando as proporções que seu ódio alcançava, contou-me sobre um namorado que a ameaçou de morte com uma arma em sua cabeça; um episódio terrível

sobre como esse namorado “realmente” manifestou seu ódio diante do desprezo de Bianca. “*Eu não sinto nada, nem senti no dia.*”

Quando iniciei a escrita deste episódio lembrei-me vagamente de um trecho de um romance de Sidney Sheldon lido anos atrás. Nele havia uma mulher abandonada grávida que resumiu sua vida, durante o período da gravidez, na tarefa de superalimentar o bebê que carregava em seu ventre até o ponto de poder matá-lo.

Desse modo, Bianca foi dando contorno à minha escuta, fazendo conhecer o calibre do ódio que a dominava e despertava nas pessoas que cativava e depois descartava impietosamente. Mas, também, foi assinalando o cenário interno de desespero, ódio e medo.

Em seus relatos comparava uma perturbadora oscilação entre o medo e o ódio de ser rejeitada e abandonada. Repentinamente seu discurso mudava para queixar-se do corpo. Culpava seu corpo por não conseguir o namorado ideal, embora suas queixas pudessem parecer estranhas diante dos relatos de conquistas e encontros que aconteciam. Era recorrente expressar que saía “*vestida para matar*”. Mas, qualquer “conquista” era esvaziada muito rapidamente.

Mais do que suas palavras podiam revelar, havia algo em seu tom de voz e em sua comunicação que fazia conhecer sua perturbação profunda despertada pelas oscilações constantes entre estados de amor e ódio. De *inocente e frágil Cisne Branco* a *malicioso e sensual Cisne Negro*¹, ela sentia-se enlouquecer.

De um lado, parecia haver medo de perceber-se sendo amada, o que a levava a responder com ódio e rejeição; talvez por sentir-se perto demais do que desejava/necessitava (SPILLIUS, 2000, p. 269). De outro lado, havia o ódio de ser (sentir-se) rejeitada, ao que ela respondia com ódio de vingança (saía vestida para matar) ou com desespero; oscilações que a faziam sentir-se dentro de um liquidificador. Em algumas situações telefonou-me desesperada, sem “uma razão” aparente; em outras, creio que movida pelo ódio e medo despertados ao final das sessões, Bianca ameaçava sair dali e acabar com sua vida (meter o carro num poste, tomar “veneno com o chá da noite”). Em alguns desses momentos eu pensava que talvez ela estivesse tentando chamar minha atenção, ou, mostrar-me o quanto havia de desespero incontido, como “um bebê” que espera ser alcançado pelos braços maternos. Era difícil ponderar. Portanto, nas ve-

1 Cisne Negro (Black Swuan) é um filme baseado na produção do balé dramático “O Lago dos Cisnes” de Piotr Ilitch Tchaikovsky. O filme leva à reflexão da fragilidade do Cisne Branco amoroso e frágil, e do ódio assustador do cisne negro. Ódio e amor permaneciam cindidos, fortalecendo a destrutividade.

zes em que me senti assim, temi que suas ideias suicidas encarnassem uma atitude real e, então, eu telefonava para “saber” como ela estava e se continuava viva.

Quando parecia estar mais organizada psiquicamente, emocionalmente mais contida e próxima de si, Bianca conseguia encadear palavras com emoção, então falava do quanto ficava assustada com a rapidez com que seu estado de humor se alternava; num dia estava morrendo de amor por alguém, e no outro sentia tanto ódio que mal podia se conter... *“Parece que acontece alguma coisa que eu não entendo, e aí muda, acaba de repente, e quando acaba não posso ficar mais nenhum minuto com a pessoa..., queria encontrar alguém e casar, assim isso pararia de acontecer...”*. Bianca estaria tentando encontrar conforto numa ideia idealizada de união com o outro? Teria uma necessidade de fusão para negar a separação?

Bianca foi mostrando algo curioso: tinha dificuldade em dizer não; parecia acometida de uma paralisia que a impedia de dizer claramente o que sentia. Fato é que silenciosamente ela levava o outro a sentir-se desprezível, e o ódio eclodia daí. Comecei a perceber que quando Bianca me contava estas cenas, por mais de uma vez senti-me identificada com a vítima de suas rejeições e ficava imaginando o que fazia alguém ficar submetido a tamanho desprezo. Em alguns momentos “me surpreendi” procurando uma saída para seus pares. Disse-lhe, então, que quando isso acontecia, ela se colocava em situações limite, como a que viveu com o ex-namorado. Isto pareceu lhe surtir algum sentido, mas no momento seguinte mostrou-se deliciada com a ideia de que era capaz de provocar a fúria no outro; *“nunca pensei que a minha raiva (que na verdade era ódio) pudesse provocar isso em alguém”*, e, ao invés de sentir medo, culpa, vergonha..., sentiu-se feliz e poderosa. Precisava saber do ódio do outro e, para isto, às vezes chegava tão perto que era assustador; talvez precisasse reafirmar sua condição de sobrevivente de experiências que a colocavam no limite da vida.

Foi em meio a situações narradas por Bianca (em que me sentia identificada com a vítima de suas agressões), enquanto ela me contava sobre os maus tratos infringidos ao atual namorado que emergiram em minha mente *imagens de um ninho de passarinhos sendo construído pela mãe-pássaro. Ela ia e vinha agitada trazendo cada galhinho para a sua construção. Em seguida, eu via os ovinhos que ela havia botado, e, na sequência, ela os devorava...*

Ainda nessa sessão, depois dessa *rêverie*, e talvez por causa dela, recordei um relato das primeiras sessões que, nesse momento, ganhou novo colorido: a mãe de Bianca havia passado muito mal durante sua gravidez; *“ela morreu de fome durante os nove meses porque não conseguia segurar os alimentos, só vomitava”*.

Diante desse cenário, de um início ainda frágil de análise, o circuito se repete na atualidade da sessão analítica e é criado entre a dupla. Com apenas dois meses de trabalho, após uma tentativa de construção de uma demanda de análise, *a construção de um ninho*, Bianca aborta o processo e decide interrompê-lo dizendo que iria para um “*personal trainer*” que “*poderá me ajudar a emagrecer e sair desse sofrimento*”. Emagrecer, perder a barriga? O que isto poderia significar?

CONSIDERAÇÕES À EXPERIÊNCIA INTRAUTERINA E A INVEJA

(...) há muito mais continuidade entre a vida intrauterina e a primeira infância do que a impressionante cesura do ato de nascimento nos teria feito acreditar.
(FREUD, 1926, p. 162)

Ao nascer, o bebê experimenta ansiedade (KLEIN, 1946; 1952; 1957), pois ao perder um estado em que se sentia seguro e confortável necessita se adaptar ao novo estado de vida. Buscar ar (respirar), esforçar-se na ingestão de alimento (mamar), fazer certo esforço para expelir o que lhe causa desconforto (fezes). Precisa adaptar-se aos contornos desconhecidos, às mãos que acolhem, mas que se apresentam como superfícies desconhecidas ao ambiente intrauterino que o continha e protegia. Por isto, ao nascer, o bebê experimenta ansiedade. O bebê, então, ao fazer a passagem da vida intrauterina ao mundo externo, nascer, precisa lançar mão de mecanismos de defesa para sobreviver às ansiedades que são sentidas como “estar morrendo, sendo aniquilado” através das sensações e sentimentos de medo, dor, frio, insegurança, entre outros, que ele só pode experimentar como desconforto. São sensações inomináveis por se tratarem de experiências muito iniciais da vida externa, experiências arcaicas.

Lembrando Freud (1926), que considera haver *mais continuidade entre a vida intrauterina* e os primórdios *da infância*, Klein (1952) afirma que a primeira *fonte externa de ansiedade é encontrada na experiência do nascimento* e, possivelmente, *abrange as experiências desagradáveis do bebê ainda não nascido* (1957, p. 210), ou seja, possivelmente as angústias da mãe ecoam no bebê ainda não nascido.

O estado pré-natal indubitavelmente implica um sentimento de unidade e segurança, mas o quanto esse estado está livre de perturbações depende necessariamente das condições psicológicas e físicas

da mãe, e, possivelmente, até mesmo de certos fatores, não investigados até o presente momento, no bebê ainda não nascido.

(KLEIN, 1957, p. 210)

Contudo, as *experiências desagradáveis* e o *sentimento de segurança* que o bebê experimenta, ainda dentro do útero materno, “*prenunciam a relação dupla com a mãe: o seio bom e o seio mau*” (KLEIN, 1957, p. 210). Elas se reúnem às primeiras experiências de “*proximidade física e mental com o seio gratificador*”, que o bebê conhece a partir da experiência do nascimento, e podem restaurar, em parte, “*a perdida unidade pré-natal com a mãe e o sentimento de segurança que a acompanha*” (KLEIN, 1957, p. 210).

No caso de Bianca, supomos que a importante dificuldade para a mãe alimentar-se tenha gerado uma considerável cota de angústias nela, mas também - e creio que o mais importante -, devemos estimar o quanto estas dificuldades “tocaram” Bianca em sua vida intrauterina e, ainda, como se transformaram na experiência das primeiras relações de objeto.

Notamos que, ao invés de haver oscilação equilibrada entre boas e más experiências durante o período pré-natal, houve uma prevalência de experiências angustiantes experimentadas pela mãe e, conseqüentemente, pelo bebê ainda não nascido, ocasionadas pelas dificuldades de alimentação da mãe. Assim, o estado de segurança e confiança a ser *restaurado* muito possivelmente já estivesse afetado em desvantagem para as experiências iniciais de gratificação e internalização do bom objeto originário.

O anseio pelo estado pré-natal idealizado torna-se uma fonte de ansiedade persecutória mobilizada pelo nascimento (KLEIN, 1957, p. 210). Spillius (2000), acompanhando Klein (1957), considera que:

A experiência e a expressão de inveja, e, na verdade, de amor e de ódio em geral, ocorrem e se desenvolvem nos relacionamentos com os objetos, *de maneira que nunca se pode conhecer o componente constitucional não modificado pela experiência.* (SPILLIUS, 2000, p. 254; *grifos meus*).

Pode-se dizer que existe uma importância na experiência pré-natal que se junta aos primeiros cuidados maternos do início da vida do par mãe-bebê. Portanto, parece evidente que existe algo constitucional que não pode ser ignorado, mas “*quanto da inveja (...) é constitucional, quanto se desenvolveu da experiência com os objetos, e quanto resulta do processo de interação entre as duas*”

(SPILLIUS, 2000, p. 254) não pode ser afirmado. A partir daquilo que o analista experimenta na relação com o paciente, no encontro analítico, é possível obter alguma notícia de “*como a inveja está hoje no seu mundo interno*”; quão forte ela é, como se apresenta na relação com o analista, e que tipo de defesas são utilizadas pelo paciente (SPILLIUS, 2000, p. 254).

No caso de Bianca, sabemos que a experiência de gestação da mãe esteve longe de ser tranquila. Ela narra esta história nos *primeiros relatos* do encontro analítico, levando-me a considerar a importância deste *fato analítico*, tanto em seu aspecto constitutivo, como em seus aspectos de desenvolvimento nas experiências com os objetos.

SENTIDOS POSSÍVEIS

Embora Bianca demonstrasse, através de seus conteúdos trazidos à análise, uma importante necessidade de ser amada e de se ligar amorosamente a alguém, ela apresentava uma atitude muito avessa a qualquer aproximação. Possivelmente estivesse tentando se defender de algo sentido como ameaça, e me pergunto: Quanto desse medo está apoiado nas experiências intrauterinas? Falava de como se sentia assustada com suas abruptas mudanças; num momento queria tanto estar com o namorado, e no seguinte só podia odiá-lo com tanta força que “sentia” poder matá-lo... Mas Bianca não podia dimensionar o quanto tais oscilações em seu estado mental despertavam ódio no outro, colocando-a no fio da navalha, como o episódio em que o namorado a ameaçou com uma arma.

A imagem que surge na experiência com essa paciente faz pensar sobre o que Bion (1959, p. 109) refere à parte psicótica de determinados pacientes. Alguns pacientes estabelecem relações de *ataques destrutivos* dirigidos a *tudo aquilo que, no seu sentir, tenha a função de ligar um objeto a outro*. Que motivos inconscientes teriam levado Bianca a atacar as ligações que estabelecia para aplacar o desespero do abandono? Este era o movimento sem sentido que a enlouquecia. Ligava-se desesperadamente, mobilizada pelo desamparo, era tomada pelo ódio causado pela percepção de sua dependência, atacava com violência, produzindo desligamentos e destruição. Este era o ciclo repetitivo em que ela se sentia “dentro de um liquidificador”. Parece que, de modo inconsciente, a parte em que ela própria viveu o perigo de ser um bebê que pudesse sucumbir a um ventre inóspito, permanecia cindida e comparecia em suas atuações de ódio.

Se por um lado Bianca “sente que fez” com que a mãe morresse de fome, por outro é possível pensar que ela também alimentasse uma “fantasia” de uma mãe má e egoísta que não queria alimentá-la. Não tive notícias da mãe

de Bianca através de sua narração, durante o pouco tempo em que nos encontramos. Mas, pondero que talvez ela (mãe) tenha experimentado a gravidez como uma intrusão da qual devesse se defender, e defendeu-se, reagindo através dos constantes vômitos. Que inscrições essa experiência teria feito na realidade psíquica de Bianca? Durante sua estadia no útero materno e depois em sua vida extrauterina, nos relacionamentos com o objeto primário?

Sabemos que a mãe de Bianca não pôde se alimentar durante toda a gravidez, e este fato que Bianca “conhece” através da narração da mãe, e através da experiência de ter estado lá.

Na análise, a experiência entre analista e analisanda parece se constituir referida ao medo da paciente se sentir atacada pela analista como uma espécie de reedição de suas vivências arcaicas, relativas à sua ligação primitiva com a mãe. O que possivelmente Bianca temia era que, por trás da construção do ninho analítico, pudesse irromper a destruição e/ou abandono deste. Nesta linha, seria possível considerar o ódio de Bianca como uma forma de defesa contra o ódio que temia que fosse vertido sobre ela.

Com Bion (1962) é possível pensar na imagem que se apresenta à analista como uma experiência de *rêverie*, alcançada num momento de permeabilidade às comunicações inconscientes da paciente com as quais foi possível à analista acolher, conter e transformar (função alfa) as protoemoções (elementos beta), alcançando elementos alfa que se apresentaram através da *rêverie* do ninho. Embora tenha ocorrido uma transformação na mente da analista relacionada ao momento do encontro (*rêverie* do ninho), essas transformações não avançaram através das perlaborações, no trabalho da dupla, que pudessem operar transformações mais profundas. Um dos possíveis desdobramentos seria o reconhecimento dos afetos ligados ao fato de que ela, ao mesmo tempo, construía ninhos e devorava pássaros. Sempre está em jogo o modo como a dupla é capaz de narrar as transformações, as quais operam num gradiente, que podem ir desde verbalizações que expressem os sentimentos que habitam o encontro analítico, até atuações como a que deflagrou a interrupção da análise.

Assim, esta empreitada “parece” ter terminado onde poderia começar; mas já “sabemos” que algumas análises começam onde outras terminam... Os ovos foram comidos e não foi possível, nem ao menos, escutar “o trincar de cascas”, prenúncio dos rebentos anunciados...

REFERÊNCIAS

BION, W. R. (1959) Ataques à ligação. In: *Estudos Psicanalíticos revisados (Second Thoughts)*. 3. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1994. p. 109-126.

_____. (1962) Uma teoria sobre o pensar. In: *Estudos Psicanalíticos revisados (Second Thoughts)*. 3. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1994. p.127-137.

FREUD, S. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1980.

(1926) Inibição, Sintoma e Angústia, v. 20.

KLEIN, M. (1946) Notas sobre alguns mecanismos esquizoides. In: *Inveja e gratidão e outros trabalhos (1946-1963)*. Rio de Janeiro: Imago, 2006. p. 17-43.

_____. (1952) Algumas conclusões teóricas relativas à vida emocional do bebê. In: *Inveja e gratidão e outros trabalhos (1946-1963)*. Rio de Janeiro: Imago, 2006. p.85-118.

_____. (1957) Inveja e Gratidão In: *Inveja e gratidão e outros trabalhos (1946-1963)*. Rio de Janeiro: Imago, 2006. p. 205-267.

SPILLIUS, E. B. (2000) Tipos de experiência invejosa. In: *Uma visão da evolução clínica kleiniana: da antropologia à psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago, 2007. p. 251-275.

Ensaio sobre o superego invejoso

An essay about the envious superego

Eliane Michelini Marraccini

Gostaria de agradecer ao Dr. Luis Claudio Figueiredo pela leitura criteriosa e as sugestões oferecidas.

Resumo:

Este ensaio consiste em uma tentativa de compreender a complexa e intrigante dinâmica psíquica entre ego e superego, assim como as relações de objeto internas e externas sob a égide da inveja primária, revelando a estruturação de um superego que além de cruel e tirânico é fundamentalmente invejoso, com ação negativa e fundamentalmente destrutiva em relação ao ego. Um funcionamento psíquico de fixações na primitiva relação de objeto que obstaculiza a introjeção do bom objeto, impede o fortalecimento egóico, assim como a realização dos potenciais recursos subjetivos e o usufruir de relações gratificantes e saudáveis com seus objetos. Um caso clínico é ilustrativo da extensão da ferida narcísica, do profundo ressentimento e dos ataques destrutivos que entram em cena quando a inveja se apresenta na relação analítica, especialmente o superego invejoso produzindo efeitos destacados na transferência e contratransferência.

Palavras-chave:

Inveja; Ferida Narcísica; Superego Invejoso; Relações Objetivas Internas, Relação Analítica.

Abstract:

This essay consists of an attempt to understand the complex and intriguing psychic dynamics between ego and superego, as well as the internal and external object relations under the aegis of primary envy, revealing the structure of a superego that besides being cruel and tyrannical it is fundamentally envious, and has negative and fundamentally destructive action towards the ego. A psychic functioning based on fixations in the primitive object relation, which hinders the introjection of the good object, prevents the ego-strengthening, the realization of potential subjective resources as well as the enjoyment of the gratifying and healthy relations with its objects. A clinical case illustrates the extent of the narcissistic wound, the deep resentment and the destructive attacks that come into play when envy appears in the analytic relationship, especially the envious superego producing highlighted effects in the transference and countertransference.

Keywords:

Envious Superego; Internal Object Relations; Analytic Relationship.

...sempre que houver perturbações na capacidade de viver o prazer e na capacidade de trabalhar e criar, é possível levantar a hipótese de algum estrago provocado pelo – às vezes bastante silencioso – trabalho da inveja. E um dos maiores problemas dos indivíduos movidos (e paralisados) pela inveja inconsciente é a existência de um superego invejoso que ataca e destrói todas as tentativas de fazer reparações e criar. Esses pacientes contam com uma voz interior que insinua a inutilidade de todos os esforços... de maneira que acabam condenando ao fracasso os movimentos de interesse e realização no mundo. (CINTRA; FIGUEIREDO, 2004, P.144)

A CLÍNICA PSICANALÍTICA proporciona experiências com potencial para suscitar questões as mais instigantes para o psicanalista. Retomando noções e conceitos, pode produzir hipóteses para um esboço metapsicológico sobre a situação clínica que o capturou. Esse trabalho de elaboração possibilita a ressignificação de registros anteriores da prática clínica, adquirindo novo sentido à luz da ampliação de novas ligações associativas.

Foi este o processo que me conduziu à realização da Tese de Doutorado “O eu em ruína: um estudo sobre a perda” (MARRACCINI, 2007), e a seguir à organização da coletânea “O eu em ruína: perda e falência psíquica” (MARRACCINI, 2010). Apesar da extensão desses trabalhos, permaneceram alguns pontos que não consegui aprofundar nessas oportunidades. Ao reemergirem na prática clínica, tiveram a força de me convocar novamente para o estudo de condições clínicas específicas.

O tema deste ensaio sobre o superego invejoso guarda estreita relação com a noção de “eu em ruína”, pois ambos dizem respeito a uma tentativa de compreender casos clínicos em que um funcionamento psíquico com fixações nas primitivas relações de objeto impede o fortalecimento egóico, a realização plena dos potenciais recursos subjetivos e obstaculiza o usufruir de relações gratificantes e saudáveis com seus objetos internos e externos.

Considero o presente ensaio um esboço de ideias em elaboração, há tempos circulantes em minha mente, que necessitam ser representadas para irem se assentando e terem chance de serem refinadas. A escrita tendo a função de dar corpo ao vivido na prática clínica e pensado a partir dela. Portanto, não apresento um estudo final sobre o complexo tema do superego invejoso, mas muito mais um levantamento de questões, hipóteses e consi-

derações a serem amadurecidas e lapidadas a seu tempo.

Nesse sentido, tenho especial interesse em aprofundar-me na investigação da complexidade das relações objetais internas, entre as distintas instâncias psíquicas e, mais especialmente, nas relações entre ego e superego, e destes com os objetos internos que habitam o self. Com este propósito, destacou-se especialmente a ação do superego invejoso junto ao ego e suas funções, como os efeitos em todo o potencial criativo do sujeito, determinando uma dinâmica intrapsíquica característica, que interfere negativa e reiteradamente nas relações objetais com seus objetos internos, externos e com a realidade objetiva. Este ensaio de articulação metapsicológica buscará iluminar o mundo interno do sujeito refém da ação de um superego invejoso, assim como identificar seus reflexos na situação analítica.

RETOMANDO NOÇÕES E LINHAS DE PENSAMENTO

Com base na teoria das relações objetais, proposta por Melanie Klein, a estruturação inicial do mundo interno se efetua originariamente na troca projetiva-introjetiva do bebê com a mãe, objeto primário e representante do mundo externo. Sendo a partir desta relação intersubjetiva inicial, que se dá o estabelecimento de sua estrutura mental, se deslança a dinâmica intrapsíquica do sujeito, assim como se configura a natureza de suas relações objetais internas e externas.

Melanie Klein descreve um mundo interior povoado de objetos que interagem, pressupondo um espaço psíquico pluridimensional e que possui uma tripla fronteira: com o espaço interno dos objetos externos, com o espaço interno dos objetos internos e uma com o mundo exterior. Meltzer foi o autor que se debruçou sobre a noção de espaço psíquico, descrevendo interessante divisão: o interior do self, o exterior do self, o interior dos objetos internos, o interior dos objetos externos. Considerando que a organização interna deste espaço psíquico se apoia sobre uma série de relações dinâmicas entre objeto externo e objeto interno, onde têm lugar não apenas as projeções do bebê, mas também as qualidades do objeto externo; o que o bebê interioriza sendo uma resultante destas interações (HOUZEL, 1985).

Os mecanismos de introjeção e projeção encontram-se intrinsecamente ligados às sensações e fantasias experimentadas no contato com o objeto, como reiterou Heimann (1978):

Todos os sentimentos de que a criança é capaz são também experimentados em relação aos seus objetos internos; e todas as funções mentais, emocionais

e intelectuais, suas relações com pessoas e coisas, são decisivamente influenciadas por esse sistema de fantasias. (p. 171)

O fluxo projetivo-introjetivo constitutivo da mente arcaica, promove a diferenciação crescente das instâncias psíquicas id-ego-superego, além de conduzir a clivagens do ego necessárias ao desenvolvimento e ao avanço das especificidades dentro do self. Por outro lado, estas clivagens egóicas possuem também função defensiva em relação à exposição a experiências reais com o objeto primário. São vivências somato-psíquicas impossíveis de serem enfrentadas pelo ego inicial incipiente, que não encontra outro recurso a não ser a clivagem, a ejeção e a projeção dos próprios impulsos, como também das poderosas e determinantes fantasias inconscientes que atravessam seu interior e as relações objetais iniciais.

As clivagens do ego ajudam a constituir objetos internos como entidades que circulam no self, com os quais se identifica parcialmente, mas dos quais guarda distinções dentro do espaço psíquico. Ajudam também a configurar objetos bons e maus, representantes da pulsão de vida e de morte, distinção objetual inicial imprescindível para defesa e organização interna do self.

Heimann (1978) considera que a introjeção não se relaciona exclusivamente com o que advém do mundo exterior, podendo ser secundária a uma projeção inicial. Assim, ao se dar a reintrojeção, o sujeito recebe de volta o que originalmente já era seu.

Esses mecanismos de introjeção e projeção representam não só a parte essencial da função do ego, mas também são as raízes do ego, os instrumentos de sua própria formação. (...) Assim, a percepção do mundo exterior, com todas as suas atividades implicadas na percepção, pode ser localizada nos primeiros contatos do bebê com outro ser humano e, dentro desses contatos, atribuída a suas experiências com o seio materno ... começando com a introjeção do seio materno, o bebê passa a introjetar todos os objetos. Como estes são entidades psicológicas, não surpreende que a introjeção e a projeção levam a uma interação das forças psicológicas com resultados dinâmicos: o desenvolvimento do ego, do superego, a formação do caráter. (p. 140-1)

A introjeção do bom objeto dentro do ego é fundamental para a boa estruturação psíquica, iniciando-se fragilmente com a introjeção do objeto parcial seio, na posição esquizoparanoide descrita por Klein em 1946, e sendo processo que se consolida apenas mais adiante na posição depressiva, concebida por Klein em 1935. A posição depressiva sendo, segundo Kristeva (2002), bem mais organizadora da vida psíquica do que o Édipo freudiano.

Apenas progressivamente os objetos vão sendo percebidos e internalizados como objetos totais, como objeto mãe e não apenas seio, e comportando aspectos tanto bons quanto maus integrados num só objeto, tarefa do processamento da posição depressiva que resulta em atenuação da dicotomia e oposição entre persecutoriedade e idealização reinantes na posição esquizoparanoide.

A efetiva introjeção do objeto bom dentro do ego resulta na constituição de um ego fortalecido, que suporta e lida com o emergir dos impulsos libidinais e agressivos de modo apropriado, suas funções conduzindo à efetivação da saúde mental. No entanto, nesse complexo percurso podem ocorrer estancamentos e paralisações, com riscos de fixações patológicas.

Ogden (1996) destaca que a clivagem do ego e do objeto interno resultam numa concepção de sujeito existindo numa multiplicidade de lugares dispersos e unidos no espaço psíquico. Retoma a noção de Bion (apud OG- DEN, 1996) de que ocorrem não apenas identificações projetivas interpessoais entre sujeito e objeto, mas também como um processo intrapessoal. No self tendo lugar suborganizações de personalidade com capacidade de funcionar de forma semiautônoma, podendo inclusive ocorrer sua expulsão para um objeto interno. Assim, promovendo a constituição de objetos internos dinamicamente ativos, interagindo entre si e com o sistema global compreendido pelo self.

Como apontei inicialmente, minha especial atenção voltou-se para o exame das relações dos objetos internos com o ego e o superego. Sistematizo a seguir ideias que surgiram a partir da noção de superego invejoso mencionada por Klein (1957) em seu trabalho seminal *Inveja e Gratidão*. Apesar da especial importância deste tema para a clínica psicanalítica, ela não aprofunda o estudo desta noção, provavelmente por considerá-la apenas quando se encerrava sua obra. Até onde pude conferir neste estudo inicial sobre o tema, demais autores da teoria das relações objetais não se detiveram especificamente sobre a análise do superego invejoso, sua constituição e consequências para o desenvolvimento primitivo, seus reflexos ao longo da vida e, mais diretamente, as repercussões na relação analítica.

RETOMANDO A NOÇÃO DE INVEJA PRIMÁRIA

Klein (1957) descreve a inveja primária como afeto derivado da ação primordial da pulsão de morte e a mais radical e nefasta manifestação dos impulsos destrutivos. Considerando-a de origem constitucional e variável em cada indivíduo, a inveja representa um limite importante no equilíbrio e flexibilização do balanço interativo entre as pulsões libidinais e agressivas. E com isto, constitui fator determinante de importantes consequências para o desenvolvimento mental e funcionamento psíquico.

A inveja primária do bebê, dirigida ao seio materno como objeto original, visa com seus ataques sádico-orais não apenas sugar vorazmente todo o conteúdo idealizado do objeto, mas também com ataques sádico-anais visa inocular no interior do seio materno conteúdos destrutivos, tentando espoliar a fonte de vida que dispara intensamente sua inveja. Sendo impulsos invejosos dirigidos ao objeto primário, mesmo na ausência de frustração que pudesse provocar uma reação hostil e agressiva, expressam-se como algo eminentemente destrutivo e corrosivo que tem origem no inconsciente do bebê.

A imago do seio idealizado é resultante do anseio nostálgico do bebê pelo restabelecimento do estado pré-natal ideal de união narcísica entre sujeito e objeto, perdido a partir do nascimento. Porém, é também fruto de identificações projetivas de impulsos libidinais, que investem a fantasia onipotente do bebê a respeito do objeto primário.

A ferida narcísica impetrada pelo conferir inconsciente do bebê de que o objeto seio é não-eu e nem lhe pertence o seu conteúdo idealizado, resulta para o ego inicial em dolorida intolerância a respeito do seio como objeto distinto, que contém o leite e é representante de tudo o que o bebê possa em sua onipotência narcísica almejar para si. Assim, quando o bebê é confrontado com a própria falta, termina por atingir destrutivamente a criatividade do objeto original, vivido como idealizado e sendo imaginado como o possuidor do tudo que não comporta falta.

Na profundidade, trata-se da inveja das fontes de vida, em última instância inveja da vida, o que impede a introjeção do bom objeto e seu enraizamento no ego, e assim, dos processos de integração psíquica, como destacaram Cintra; Figueiredo (2004).

Não podemos esquecer que a idealização do objeto não é apenas uma defesa contra a persecutoriedade que permeia a vida mental inicial, mas consiste em importante defesa contra a inveja.

Toda forma de idealização abriga em seu avesso uma inveja negada e uma destrutividade que não

foi neutralizada – mas que se encontra disfarçada – e, nessa condição, está pronta a explodir sob a forma de ódio e desejo de destruir.

(CINTRA; FIGUEIREDO, 2004, p. 140)

O estrago e a destruição fantasiada da fonte inicial do bom pertencente ao objeto primário, invejado em seu conteúdo, capacidade e potência, conduzem ao ataque radical a tudo o que possa ser e conter o seio. Objeto original que é atacado exatamente por ser a fonte de gratificação que não compõe o universo narcísico do bebê, se diferencia realística e inapelavelmente em sua alteridade e autonomia, mesmo que de forma bastante inicial e incipiente, ferindo a fantasia onipotente idealizada do bebê sobre si.

Destacou Klein (1957) a importância do objeto persecutório internalizado mais arcaico, sendo que a projeção da inveja do bebê confere aspecto particular não apenas à ansiedade, mas também à perseguição interna, tanto originária como ulterior. À perseguição somam-se os sentimentos de culpa muito primitivos, muito mais da ordem da culpa persecutória, em relação aos estragos arrasadores ao bom objeto causados pelo bebê com seus impulsos invejosos e eminentemente destrutivos.

SOBRE O EGO E O SUPEREGO INVEJOSO

Em sua original concepção do superego primitivo, Klein destacou que a severidade que o caracteriza resulta até certo ponto da agressividade da criança projetada sobre ele. No atendimento de seus primeiros casos clínicos, conferiu que a formação do superego primitivo é bem anterior à noção concebida por Freud, destacando que a intensidade de sua inveja e de seu ódio demonstrava inequivocamente que o superego tem origem na relação sádico-oral com o seio da mãe, ligando-se, portanto, aos primórdios de seu complexo de Édipo. Importante salientar que se trata aqui de uma triangularidade pré-edípica, em contexto pré-genital, o terceiro sendo vislumbrado como a entidade que é contemplada com a união e troca narcísica, que antes se dava entre mãe e bebê, o que teria conduzido à fantasia de plenitude e completude na relação do bebê com o seio idealizado.

Os estágios primitivos do superego formam-se durante as fases em que a fantasia primitiva determina a relação da criança com os seus objetos; e, conseqüentemente, os seus conceitos sobre os pais são grosseiramente distorcidos. A introjeção começa no estágio de objeto parcial... O bebê evolui

do estágio de objeto parcial para o estágio dos objetos totais... Esse processo reflete-se no mundo de objetos internos da criança, os quais principiarão com partes extraordinariamente fantásticas (correspondentes às suas noções primitivas sobre os pais) e, de modo gradual, aproximar-se-ão da semelhança cada vez maior com os pais reais, até aparecerem do modo descrito por Freud como o superego... É o superego genital; logo, representa um grande avanço sobre as introjeções mais antigas. (HEIMANN, 1978, p. 150)

Não é apenas a introjeção do objeto que leva à formação do superego para Heimann (1978), correspondendo à projeção também uma parcela. Sendo, portanto, do resultado da ação combinada desses mecanismos estruturantes do mundo interno que se constitui o superego primitivo, predecessor do superego genital proposto por Freud. Destaca-o como uma estrutura edificada ao longo da infância, começando com a introjeção da mãe nutriente (seio), e desde esta perspectiva, indica podermos compreender as condições tanto normais como patológicas em que a relação ego-superego é, predominantemente, do tipo mãe-bebê.

Ao proporem uma teoria da inveja, Chuster & Trachtenberg (2009) orientam-se pela concepção de Klein sobre a inveja primária e retomam a descrição de Bion a respeito de que a inveja inibe os bons objetos que produzem crescimento, e que essa inibição produz simultaneamente um crescimento negativo análogo ao crescimento cancerígeno. Isso resultando na disseminação das lógicas dos objetos maus, o que estaria associado a uma *falsa premissa* produzida pela inveja: apagar a informação da morte para atingir a imortalidade. Ou seja, o silencioso trabalho da morte que, no intuito de realizar a fantasia inconsciente de imortalidade que Freud já reconhecia, conduz à própria morte.

Em direção semelhante, considero que a inveja, como expressão direta da pulsão de morte que ataca exatamente a fonte de vida mais preciosa para a constituição psíquica que é o objeto bom, se constitui contraditória e paradoxalmente numa verdadeira *cilada* para o sujeito invejoso.

Verdadeira *cilada* pois, visando com seus impulsos sádico-orais atacar e extrair o *bom* que pertence ao objeto, sendo justamente esta qualidade que produz a profunda e dolorida ferida em seu narcisismo, a inveja visa também com seus impulsos sádico-anais espoliar e destruir esse *bom* e inocular maldade no objeto desejado, resultando em que o principal prejudica-

do neste processo seja, ao final, fundamentalmente o próprio sujeito. Isto porque, uma vez predominando a troca projetiva-introjetiva na estruturação do mundo interno, o sujeito irá inevitavelmente internalizar e reverter para si toda a destrutividade que dirigira inicialmente ao objeto. Particularmente podendo se dar a especial estruturação de um superego invejoso, pois, constituído predominantemente pelo objeto que foi atacado pela inveja, reproduz internamente este ataque, que sacrifica e penaliza o ego e os objetos internos de maneira cruel e destrutiva. Sendo um enclave mortífero para toda a energia e vida que o ego possa conter e buscar desenvolver.

Consiste ainda a inveja em prejuízo para o sujeito no que diz respeito ao estrago do objeto ideal, com o qual não poderá mais contar de forma inalterada e com ele inicialmente se identificar, como etapa importante para o seu desenvolvimento primitivo. Uma vez estragando a fonte de gratificação máxima, o que essa possa lhe fornecer passa, então, a estar profundamente contaminada pelas identificações projetivas que a tornam um seio estragado e extremamente problemático para ser internalizado e desfrutado no seu melhor.

Fundamentalmente, será este seio espoliado e estragado pelos impulsos invejosos que continuará sendo objeto de introjeção no psiquismo, dando prosseguimento ao processo de estruturação do ego e superego, além da constituição dos objetos internos dentro do self. A ação da inveja acaba por minar a potencial força do ego e seu amplo desenvolvimento, além de ser o afeto responsável por constituir um superego profundamente atravessado pelos impulsos invejosos mais destrutivos, que em sua ação implacável e destruidora condena e sacrifica o ego desde seu nascedouro. Do mesmo modo, sua ação junto aos objetos internos imprime nessa troca o mesmo teor espoliador e destrutivo, afetando as imagos internas de modo determinante e impedindo que as experiências positivas com os objetos externos possam ser integradas, favorecendo a estabilização e consolidação de objetos bons no interior do self.

Ao se constituir no self um núcleo egóico prejudicado, em que a introjeção do objeto bom falha e incompleta não consegue ter efeito para a estruturação de um eixo narcísico forte, vai se formando um ego frágil e deficitário pela introjeção dos restos espoliados do bom objeto que foi originariamente atacado pela inveja primária. Como será também um ego que introjeta em primazia um objeto eminentemente mau, pois na fantasia onipotente do sujeito o objeto se nega a alimentá-lo com tudo o que é bom e desejado.

O fortalecimento do ego para Melanie Klein, em parte noção já presente no pensamento de Freud, refere-se a assimilar e integrar os impulsos do id ao ego, pois este é enfraquecido quando a vida pulsional encontra-se dele

dissociada. Trata-se de enriquecer o ego integrando nele a pulsionalidade do id, com libertação das potências afetivas, com a ampliação da capacidade de amar, reparar, agradecer. Por outro lado, apenas os objetos *relativamente* bons e maus podem ser assimilados ao ego, propiciando seu desenvolvimento e fortalecimento, enquanto que os objetos extremos, sejam idealizados ou persecutórios, não o são (CINTRA; FIGUEIREDO, 2004).

Considero, portanto, que nos sujeitos em que a pulsão de morte representa constitucionalmente uma força opositora mais intensa e determinante obstaculiza especialmente o franco fluir da pulsão de vida, a integração e desenvolvimento dos impulsos libidinais. A inveja primária se cristaliza como afeto predominante na cena psíquica, resistindo à integração com os impulsos libidinais que dão origem à capacidade de amar, impedindo o desenvolvimento da gratidão ao objeto original, sua fonte de vida primária. E se assim se fixa refratariamente essa relação original, sem a possibilidade de integrar demais elementos libidinais, será a tônica destrutiva essencial nas futuras relações de objetos que o sujeito venha a estabelecer.

A estruturação do superego arcaico, quando profunda e intensamente afetada pela inveja primária em relação ao seio, estará desde o nascedouro identificado com os ataques orais e anais que atacaram o objeto original, o que o conduzirá a se fixar como um superego que exerce internamente uma ação equivalente de ataque, espoliação e destruição em relação ao ego, pois este se torna equiparado internamente ao objeto invejado, sofrendo toda sorte de pressão, invasão e prejuízo que a inveja pode promover. Considerando-se também a ação nefasta do superego invejoso junto aos objetos internos, o que altera e deforma a constituição de bons objetos para interagirem com o ego e até mesmo o enriquecerem.

O superego invejoso cruelmente ataca o ego com toda a força destruidora que o compõe, destruindo e não tolerando as realizações valiosas e criativas que o ego possa erigir e empreender, destruindo-as todas pela ação espoliadora advinda originalmente da inveja primária em relação ao seio. Esta inveja que não conseguiu ser processada na vida arcaica, não conseguiu abrir espaço para a superação da ferida narcísica, nem pôde ser integrada de modo a atenuar-se e dar lugar a uma relação mais positiva com o bom que está no outro, seja interno ou externo, que pertence ao outro, e do qual o self depende para seu melhor desenvolvimento.

A noção de superego invejoso é referida por Klein (1957), quando aponta que “a figura superegóica na qual muita inveja tenha sido projetada torna-se particularmente persecutória e interfere nos processos de pensamento e em toda atividade produtiva, em última instância na criatividade” (p. 234).

O superego invejoso é sentido como perturbando e aniquilando todas as tentativas de reparar e de criar. É também sentido como fazendo exigências constantes e exorbitantes à gratidão do indivíduo. Pois à perseguição acrescentam-se os sentimentos de culpa de que os objetos internos persecutórios são resultantes dos próprios impulsos invejosos e destrutivos que estragaram primariamente o objeto bom. A necessidade de punição, que encontra satisfação no aumento da desvalorização do self, leva a um círculo vicioso. (KLEIN, 1957, p. 263)

E é este círculo vicioso negativo que muitas vezes podemos conferir na clínica, quando se apresentam pacientes reféns de um funcionamento psíquico em que não conseguem desenvolver-se, não conseguindo acessar, desenvolver e desfrutar de seus recursos mais positivos estragam suas conquistas atingidas por vezes com muito custo, vivem solapando a si e a tudo o que chegam a construir, de maneira mais sutil ou mais flagrantemente. Além disso, são sujeitos que resistem refratariamente a admitir e reconhecer o bom que contém o objeto, pois na iminência desse reconhecimento, que seria a abertura para o desenvolvimento do amor e da gratidão, experimentam novamente a ameaça de ferida narcísica vivenciada inconscientemente desde a relação arcaica com o seio.

Na tentativa de combater o próprio “agulhão” da inveja, as defesas contaminadas pela dinâmica da pulsão de morte conduzem a formas de existência cada vez mais desvitalizadas e ausentes de desejo, entusiasmo, interesse e paixão, caracterizando estados de depressão e melancolia, onde se alternam a desvalorização do objeto e mundo externo com movimentos de desvalorização de si, seus dons e capacidades de realização. (CINTRA; FIGUEIREDO, 2004)

Considero ainda outra questão importante a ser considerada, quando nos debruçamos sobre a análise do superego, sua relação com o ego e sua função dentro do psiquismo, o papel desempenhado pelo ideal do ego. Rosenfeld (1968) o considerou como um aspecto do superego, cuja estruturação se dá pela identificação com os objetos idealizados portadores do narcisismo do sujeito, aí se destacando a fantasia do seio altamente idealizado. Nesse sentido, considero que ao constituir-se primitivamente a partir da idealização de um seio que provoca intensa inveja e promove ataques destrutivos poderosos na fantasia do bebê, este ideal do ego não deixa de estar profundamente investido de um caráter de ameaça ao ego. Exercendo função exigente e massacrante em relação à apreciação das realizações do

ego, o que se torna fonte de intensas angústias de natureza tanto persecutória quanto depressiva.

Chasseguet-Smirguel (1990), retomando a concepção de Freud de 1914 sobre o ideal do eu como um substituto da perfeição narcísica primária, considera a originalidade de ser ele um conceito-dobradilha entre o narcisismo absoluto e a objetividade. Ela o define como uma operação de salvação do narcisismo efetuada pelo sujeito pela nostalgia do tempo em que era ele seu próprio ideal, projetando sobre o objeto sua fantasia de onipotência narcísica e constituindo-o como seu primeiro ideal do eu, tentando perseguir o que a defusão primária lhe tomou. Considera que os ideais do eu pré-genitais são de curta duração, se substituídos pelo ideal do eu edipiano genital, o qual acaba por conter todos os ideais do ego pré-genitais e possui a missão de promover um eu constituído graças à boa integração dos componentes das identificações compreendidas nas diferentes etapas de sua evolução.

No entanto, penso eu, caso não seja possível o psiquismo conduzir esta integração do ideal do eu genital e promover seu avanço partindo dos ideais do eu pré-genitais, o ego poderá permanecer refém dos aspectos mais cruéis que se atrelam à figura do ideal do eu. Sendo submetido pelo superego tirânico à exigência estrita de atingir um ideal com realizações excessivamente distantes da possibilidade do eu, que sempre o sacrificam e produzem efeitos acabrunhantes.

Numa outra concepção, especialmente considerando-se a dimensão pré-genital e narcísica que permeia a relação do ego com o objeto idealizado com o qual se identifica primitivamente, alguns autores propõem pensar-se muito mais na noção de ego ideal como o agente mais primitivo, distinguindo-se da noção de ideal do eu como um aspecto do superego em sua forma mais final e avançada, de acordo com o que Freud considerou em 1933. De todo modo, como apontou Riesenberg-Malcolm (2004), o ego ideal ou o ideal do ego têm sua origem relacionada com os vestígios deixados pelos objetos primitivos idealizados e, sendo assim, guarda estreita relação com os registros psíquicos remanescentes da original relação do bebê com o seio materno.

Nessa direção, pode-se estimar o nível de rigor, exigência e perfeccionismo estritos que permeiam seja o ego ideal ou o ideal do ego do sujeito, tornando-se algo tão elevado que o sujeito experimenta intensa e permanentemente sua inacessibilidade, mesmo que na qualidade de ideal seja inerentemente inalcançável. Esta inacessibilidade imprimindo ao ego a constante sensação de fragilidade e insuficiência, experimentando o sentimento de fracasso pessoal que pode condenar o sujeito a evitar experiências com intenso medo de ter de conferir sua insuficiência e incapacidade, o que representa uma reativação de ferida narcísica nunca efetivamente absorvida e superada.

REFLETINDO SOBRE UM CASO CLÍNICO

Apresento o caso de uma paciente que permaneceu em análise durante alguns anos, o tratamento tendo passado por distintas etapas no processo de conscientização e elaboração de seus sentimentos invejosos, como para a explicitação e acesso a um superego invejoso renitente, que sacrificava o ego e interferia negativamente nas relações objetivas internas e externas.

Nesse atendimento teve especial importância a relação transferencial e os efeitos contratransferenciais, estes últimos particularmente norteadores para a identificação e explicitação da dinâmica intrapsíquica em ação. Sendo esta fortemente determinada pela intensidade da inveja primária e pela constituição de um superego invejoso, eminentemente comprometedores do seu desenvolvimento pessoal e suas relações objetivas.

Clara chegou à análise após diagnóstico de uma doença autoimune vinculada à ausência de produção de ácido clorídrico, o que produzia corrosão irreversível em seu estômago e poderia resultar em quadro fatal caso prosperasse. A partir da apresentação desse diagnóstico, algo me chamava a atenção desde início para a poderosa ação de algo em Clara que seria mortífero em sua essência, atacando-a agudamente desde seu interior.

Ela vivia litígio judicial com o ex-marido há muitos anos, o que a desgastava emocionalmente e a fazia sentir-se muito ameaçada pelas perdas que ainda poderia vir a sofrer. Era mais uma situação aguda em sua vida, que sugeria uma “união pelo litígio”, não havendo acordo possível entre eles. Chamava atenção a submissão masoquista de Clara ao sofrimento e sua impossibilidade de encerrar a penitência, debatendo-se internamente com suas partes conflitantes.

Desde a separação vivia na casa dos pais e era amparada financeiramente por eles, pois apresentava dificuldades em se estabelecer profissionalmente. No entanto, revelava intenso sentimento de não ter lugar na família, o que, desde logo, indicava ser algo mais amplo e profundo em sua vida, um sentimento de não pertinência e, conseqüentemente, um sem lugar no mundo.

Clara nascera após a morte de um irmão ainda bebê, a mãe deprimida estando indisponível para suas necessidades emocionais. Esta dívida afetiva reverberava como uma “sequela irreversível” na relação primitiva com a mãe, a quem fundamentalmente culpava por suas infelicidades; isto promovia constantes turbulências emocionais e, por vezes, ácidos embates entre elas. Sobre o pai queixava-se da falta de apoio e estímulo diante das situações mais difíceis em sua vida, em parte atribuindo a isto os temores em se afirmar independente, como para se lançar em experiências pessoais sem a certeza de ser aceita e ter êxito. Revelava-se um sujeito com acentuada dependência e fragilidade sofrendo em desamparo desde sempre.

Frequentes eram as queixas em relação às irmãs, sentindo-se sem os mesmos privilégios e em constante disputa infantil pelo amor da mãe. Considerava-se permanentemente não vista e não reconhecida, sendo injustiçada e preterida em relação ao que a mãe oferecia às irmãs. Sugeria padecer de ciúmes fraternos, porém, ao longo do tratamento revelou-se muito mais seu anseio por uma relação especial e exclusiva com a figura materna. Era flagrante seu ódio pelo que, em sua fantasia, a mãe reservava para si não lhe dando franco acesso, o que produzia em Clara a persistente fantasia de que outrem estaria plenamente beneficiado com o bom que lhe fazia falta e lhe era negado. Uma dor latejante da ferida narcísica que ardia em Clara.

Após a separação conjugal, tendo voltado a residir na residência dos pais, permanecia na ocupação deste lugar vitalício, já que o lugar afetivo junto à mãe não sentia garantido. Cobrava dessa forma a dívida afetiva da qual se sentia eterna credora, condenando os pais a jamais se libertarem de sua demanda infantil, uma dívida insanável, concretamente permanecendo com o ônus de lhe prestarem permanente assistência privilegiada.

Sua vida não deslanchara nem amorosa nem profissionalmente, o que funcionava como uma espécie de justificativa para Clara exercer sádica e arrogantemente sua disfarçada cobrança junto aos pais. Transferia projetivamente para esta relação a dramática conflitiva vivida com objetos internos maus e, ao mesmo tempo, indicava a ação tirânica do superego junto ao ego absorvido na intensa lida com os impulsos agressivos e depauperado pela ação espoliadora do superego.

A desvalorização de si era marcante em Clara, sentindo-se insegura e frágil para enfrentar a luta emancipatória por um lugar próprio na realidade do mundo externo. Os concorrentes sempre sentidos como ameaçadores, sentia-se paralisada no confronto, e frequentemente estes despertavam seu intenso ódio quando conquistavam posições. Em contrapartida, sua altivez e temor de não ser a vencedora incontestada não lhe permitiam a humildade de concorrer e ter chance de avanços progressivos na direção de construir um percurso próprio, consolidando conquistas pessoais. A reversão do ódio contra si a derrubava melancolicamente, solapava seus recursos e consumava a ação destrutiva da pulsão de morte novamente vitoriosa.

NA RELAÇÃO ANALÍTICA

Durante muito tempo, Clara apresentava em seu discurso, particularmente obsessivo, dificuldades em associar livremente, elaborar simbolicamente e obter insight, necessitando que a psicanalista oferecesse interpretações muito mais “digeridas” e concretas. Como se, em função de ego auxiliar, a mãe/analista fosse imprescindível como o “ácido clorídrico” no seu proces-

so de digestão mental. Metaforicamente, como um bebê que só conseguisse ingerir e digerir o leite, sem condições de um processamento de alimento mais avançado. E, sobretudo, como se precisasse experimentar ser acolhida e ser alvo de especial atenção e particular dedicação. Um carinho maternal destacado, sentindo-se Clara eminentemente dependente deste acolhimento e deste tipo de relação narcísica muito primitiva. Uma falta que se fazia presente na transferência e tendia a promover na psicanalista sentimentos contratransferenciais de ser alvo de muita cobrança e exigência, um sugar para além do que, por vezes, a psicanalista se encontrava disponível.

Avançando o tratamento, a transferência negativa, embora sabidamente sempre presente, foi entrando em cena mais flagrantemente, ampliando espaço em Clara, que se apresentara até então paciente muito dedicada, sua transferência positiva indicando valorizar a análise e a figura da psicanalista. Quando seus impulsos agressivos foram liberados, começou a aflorar diretamente sua insatisfação e a exigência explícita em receber muito mais e melhor do que lhe era oferecido pela psicanalista. Sua raiva, tomando a cena, reiterava na transferência a posição de vítima injustiçada que não recebia o que lhe era devido. Afinal, era ela a paciente, cumpria sua parte, pagava pelo tratamento e tinha de receber o melhor que a psicanalista tivesse a oferecer. Uma fantasia idealizada sobre a fonte de satisfação de seus anseios, que também entrava em cena de maneira escusa e distorcida, cobrando acidamente o que lhe faltava e desfazendo do que recebia.

Quando lhe era impossível negar que algo de valor lhe havia sido entregue sob a forma de interpretações, alimentando-a consistentemente, Clara sempre retrucava com um “mas”. Restrição que diminuía e atacava não apenas o valor do que lhe era oferecido, mas também a potência e competência da psicanalista. Após interpretações importantes, Clara afirmava que a psicanalista não dissera nada além do que ela já não soubesse, ou que já não tivesse apresentado, em profunda desqualificação do que lhe era ofertado. Revelava o quanto isto feria seu narcisismo e lhe impingia significativo sofrimento, ao qual reagia atacando o narcisismo da psicanalista, para que pudesse, sob o efeito de identificações projetivas maciças, sofrer na própria pele o queimar de suas dores.

Encenava na relação analítica, via identificação projetiva, a forma como se sentia atacada e sacrificada internamente. Clara revelava-se seriamente sacrificada pela inveja que emergia e pela ação de um superego invejoso, que ao impedir o enraizamento do bom objeto e o registro da experiência valiosa vivenciada com o mesmo, esvaziava o ego de vitalidade e de seus potenciais recursos de desenvolvimento. Consequentemente, devia então ser a psicanalista a sofrer este nefasto destino na relação analítica, seja como represen-

tante de seus objetos internos sacrificados, seja como projeção do próprio ego permanentemente submetido e sofredor, em especial sob a pressão e exigência de um superego tirânico e sobretudo invejoso. Seus impulsos libidinais não conseguiam alavancar uma relação mais positiva, constituir um objeto melhor e permitir o desfrute de uma relação de objeto positiva e criativa, o que daria espaço para o emergir da capacidade de amar e do retribuir com gratidão a doação do objeto. Uma interação que só traria benefícios para o desenvolvimento subjetivo de Clara e fomentaria relações objetais mais positivas e gratificantes em todos os âmbitos.

Mais adiante no tratamento, explicitava ainda mais intensamente sua raiva e inconformismo fantasiando que a psicanalista deveria contar com ideias importantes que não lhe oferecia, para que pudesse se desenvolver melhor e mais rapidamente. Nitidamente a vivência transferencial de um bebê que inveja o seio e sua potência idealizada, imaginando que o que de melhor tem a oferecer não lhe entrega, além de fantasiar que outrem pudesse ser contemplado com o que mais desejava e lhe era negado. Resultando em ataques destrutivos que enfraqueciam a segurança e confiança na psicanalista, duvidando de sua bondade e integridade. Além de colocar em risco a continuidade do tratamento.

Clara sentia-se angustiada com a explicitação de sentimentos, conflitos e angústias que a habitavam, desejando receber indicações imediatas para alívio e arrefecimento de seu sofrimento. Acusava a psicanalista de levantar seus problemas, suas falhas e dificuldades, mas não lhe indicando como deveria proceder para sair deste confronto que lhe gerava angústia. Sentia que era desvelada a falha e a falta e não lhe era entregue a fórmula instantânea de reparar e superar. Não conseguia divisar o trabalho de elaboração necessário para lidar com o que se tornava consciente. Muitas vezes indicando que as sessões a deixavam sair ainda mais angustiada, pois além de tudo não conseguia obter reforços positivos para suas ações e realizações, o que produzia o efeito de demolir seus esforços. A psicanalista sendo experimentada como um superego intensamente invejoso que não tolerava as efetivas realizações de Clara, funcionando na base da sonegação e imposição torturante que ela fantasiava produzir-lhe uma espécie de gozo sádico.

Após alguns anos de análise, finalmente, Clara começou a entrar em contato mais direto com seus sentimentos invejosos, atravessados de rancor narcísico. Por que os outros tinham o que ela não conseguia? Por que as coisas eram muito mais fáceis para os demais? Por que possuem companheiros amorosos e ela não conseguira refazer sua vida amorosa? Perguntava-se sobre o que havia de errado com ela, mas ao mesmo tempo exalava melancólicos ressentimentos de revolta e injustiça. Sentia-se sempre sozinha,

muitas vezes esquecida por todos, desconsiderada em sua vulnerabilidade e sensibilidade, além de humilhada perante aqueles que estimava e por vezes idealizava, nos piores momentos experimentando um verdadeiro fracasso pessoal. E isto reverberava inevitavelmente na relação analítica, acusada de fracassar em seus propósitos.

No meu entender, o ego de Clara foi se estruturando com o duplo registro: o da falta e insuficiência por um lado, e o da plenitude idealizada por outro. Convivendo internamente a desvalorização humilhante de si com a arrogância da fantasia narcísica de tudo conter. Contando nos bastidores com o ego ideal expressivo do narcisismo acentuado, ou como apontariam alguns, com um ideal de ego de características eminentemente pré-genitais, portanto, não atenuado pela integração mais tardia do ideal do ego genital. Por outro lado, um duplo registro também foi estruturando o superego de características invejosas, onde a introjeção do poder e potência do seio figurava como um aposamento voraz, inalcançável se não fosse assim; e ao mesmo tempo, entrando em cena a culpa persecutória pelos ataques desferidos ao bom objeto.

Assim sendo, o superego não avançou para uma condição de tolerância para com o ego e suas insuficiências, pois sendo o tirano exigente e cruel que ataca tudo o que o ego pudesse conter ou realizar, se sentiria distorcidamente vingado e consolidaria a fantasia narcísica de supremacia insuperável. E, assim, tudo se estabeleceu em círculo negativo e corrosivo, tal como a inveja que se compraz em estragar e destruir, sendo este seu gozo e a surpreendente *cilada* que encerra, não conseguindo através disto obter para si e muito menos contar com o objeto bom e íntegro para seu desfrute.

Considero que a doença autoimune foi fator destacado em deflagrar em Clara um poderoso potencial destrutivo contra si, mas que, no entanto, com sua força impactante de ação no corpo, a trouxe para o tratamento analítico, abrindo a possibilidade de representação e simbolização. Este, por sua vez, inevitavelmente iria fazê-la ir ao confronto das forças radicalmente mortíferas que abrigava e suas consequências devastadoras. Uma corrosão vigente que consistia em um ataque amplo e significativo em sua dinâmica psíquica, correspondendo às sequelas irreversíveis que promovia inconscientemente em seu estômago.

Sendo o estômago um órgão essencialmente associado à ingestão oral, que no caso de Clara não conseguia produzir o elemento essencial para uma digestão adequada e absorção do bom alimento, temos aí uma manifestação vivida no corpo, não simbolizada, de uma dificuldade enorme em incorporar o bom para se sustentar e se fortalecer. Como se houvesse um litígio permanente dentro de Clara entre seu narcisismo operante e a humildade em acolher e desfrutar da melhor forma o que se originava no exterior, que

necessitava ser incorporado e integrado de modo a sustentá-la e oferecer a chance de fortalecê-la. Uma expressão significativa e emblemática do registro primitivo de sua vivência arcaica na relação com o seio como fonte de alimento afetado pelos embates da inveja primária e pelos efeitos da recusa e do ressentimento narcísicos.

Na relação analítica, Clara reproduzia e encenava a dramática do círculo negativo da inveja, estabelecendo vínculo predominantemente sádico com a psicanalista, não conseguindo valorizar o que lhe era ofertado em forma de interpretações, mesmo que conseguisse sorrateiramente usufruir e se beneficiar do trabalho. O trabalho analítico podia se desenvolver numa sessão, mas na sessão seguinte, como Penélope, ela o desfazia ou por vezes o escondia sorrateiramente pela apropriação indevida que fazia. Cada situação difícil que enfrentava, deslançava muito ódio, muito ataque, mesmo que quase sempre revestido de uma apresentação como eterna vítima de descon siderações e injustiças.

Apenas após extenso trabalho analítico, onde a paciente Clara resistiu no tratamento e a psicanalista resistiu aos ataques diretos sofridos, ela conseguiu se aprofundar na consciência e na integração de seus próprios impulsos invejosos e eminentemente destrutivos, como iniciar alguma tolerância da culpa para chegar a efetivar reparações e começar a liberar a própria possibilidade criativa.

Finalizando, gostaria de destacar que em minha experiência clínica com Clara especialmente, mas também com alguns outros pacientes, a revelação da ação pernicioso e destrutiva de um superego invejoso apenas consegue ter lugar após um bom tempo de tratamento psicanalítico. Uma vez que, com frequência atua de forma extremamente silenciosa na profundidade da dinâmica intrapsíquica operante, como indicaram Cintra; Figueiredo (2004). Sua mais franca explicitação torna-se possível quando na relação analítica já tiver ocorrido ampla e extensa possibilidade de se expressar transferencialmente a raiva e a dor da ferida narcísica compreendida na inveja primária. Assim como seus efeitos devastadores no ego constituído sob a égide e intensidade deste afeto primário, não processado e nem integrado no self. E, ainda mais fundamentalmente, considero que apenas através da intensa, insistente e por vezes dolorida vivência contratransferencial, seja possível identificar a presença corrosiva de um superego primitivo que, muito além de cruel e retaliativo, é um superego invejoso. Indicando muito diretamente a magnitude e virulência destrutiva à qual o ego do sujeito se sente submetido, tendo isto de se revelar e ser comunicado na intensidade carnal do corpo do analista.

REFERÊNCIAS

CHASSEGUET-SMIRGUEL J. LE SURMOI ET L'IDÉAL DU MOI. IN: CHASSEGUET-SMIRGUEL J. *LA MALADIE D'IDÉALITÉ – ESSAI PSYCHANALYTIQUE SUR L'IDÉAL DU MOI*. PARIS: EDITIONS UNIVERSITAIRES, 1990. P.141-157.

CHUSTER A. & TRACHTENBERG R. *As sete invejas capitais*. Porto Alegre: Artmed, 2009.128p.

CINTRA, E.M.U.; FIGUEIREDO, L.C. *Melanie Klein: estilo e pensamento*. São Paulo: Escuta, 2004. 212p.

FREUD, S. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1980.

(1933) Novas conferências introdutórias sobre psicanálise, v. 22.

HEIMANN, P. Certas funções da introjeção e da projeção no início da infância. In: KLEIN, M., HEIMANN, P., ISAACS, S. e RIVIERE, J. (org). *Os progressos da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978. p.136-184.

HOUZEL, D. L'evolution du concept d'espace psychique dans l'oeuvre de Mélanie Klein et ses successeurs. In: *Mélanie Klein aujourd'hui – hommage à l'occasion du centenaire de sa naissance*. Lyon: Césura Lyon Edition, 1985. p123-138.

KLEIN, M. (1935) Uma contribuição à psicogênese dos estados maníaco-depressivos. In: KLEIN, M. *Amor, culpa e reparação e outros trabalhos (1921-1945)*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 301-329.

_____. (1946) Notas sobre alguns mecanismos esquizóides. In: KLEIN, M. *Inveja e gratidão e outros trabalhos (1946-1963)*. Rio de Janeiro: Imago, 1991. p. 17-43.

_____. (1957) Inveja e gratidão. In: KLEIN, M. *Inveja e gratidão e outros trabalhos (1946-1963)*. Rio de Janeiro: Imago, 1991. p.205-267.

MARRACCINI, E.M. *O eu em ruína: um estudo sobre a perda*. 2007. 245f. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUCSP, São Paulo, 2007.

MARRACCINI, E.M. (org.) *O eu em ruína: perda e falência psíquica*. São Paulo: Primavera Editorial, 2010. p. 19-59.

OGDEN, T.H. Para uma concepção intersubjetiva do sujeito: a contribuição kleiniana. In: *Os sujeitos da psicanálise*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1996. p.29-43.

RIESENBERG-MALCOLM, R. A constituição e o funcionamento do superego. In: *Suportando estados mentais insuportáveis*. Rio de Janeiro: Imago, 2004. p.77-98.

ROSENFELD, H. O superego e o ideal do ego. In: *Os estados psicóticos*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1968. p.166-177.

O primeiro sutiã: A inveja e a gratidão em primeira pessoa

The first bra: Envy and Gratitude in First Person

Andréa Háfez

Resumo:

O artigo aborda a experiência da apresentação de um caso clínico, comentado por Roosevelt Cassorla, sob o enfoque do tema inveja e gratidão. Para desenvolver o texto é feita uma relação com a própria experiência de escrever sobre o encontro e relatá-lo, e como elas se tornam (ou não) alvo de inveja e gratidão pela analista e autora, em meio a atuações e simbolizações.

Palavras-chave:

Inveja; Gratidão; *Acting out*; Transferência; *Enactment*; Luto; Simbolização; Caso clínico.

Abstract:

The article addresses the experience of presenting a clinical case, commented by Roosevelt Cassorla, based on the approach of envy and gratitude. To develop this paper a relation is set with the author's own experience of writing about the encounter and reporting it, and how they become (or not) the target of envy and gratitude by the analyst and author through acting and symbolizations.

Keywords:

Envy; Gratitude; *Acting out*; Transference; *Enactment*; Grief; Symbolization; Clinical Case.

Dedico esse artigo e sou grata ao meu analista Emir Tomazelli, à minha supervisora Maria Beatriz Romano de Godoy e à colega Ana Karina Fachini Araujo – por terem contornado e dado contorno aos restos de inveja deixados ao longo do caminho para que eu chegasse à finalização deste texto.

PELA PRIMEIRA VEZ, faço a apresentação de um caso clínico para ser discutido – não supervisionado – em público. Setembro de 2017. Isso no evento: *Inveja e Gratidão 60 anos – Melaine Klein, Even now, now, very now...* O comentador: o psicanalista Roosevelt Cassorla. Ao meu lado, a minha supervisora e professora Maria Beatriz Romano de Godoy. Na plateia: colegas, outros professores e supervisores. Um acolhimento efetivo de participantes da minha formação como psicanalista.

Ficou, para mim, entre as observações feitas pelo comentador:

Não há dúvidas de que o atendimento apresentado só poderia ter acontecido do jeito que aconteceu. Da mesma forma que, quando temos as primeiras relações sexuais, dizemos que elas só poderiam ter acontecido do jeito como aconteceram. Mas, quando ficamos mais experientes, nós usufruímos mais das relações sexuais. Afinal, nós aprendemos com as primeiras.

Parece óbvio tal percurso, mas o caminho pode ser tortuoso. Que nos diga Melanie Klein! Se a inveja for excessiva nas primeiras experiências, e não na dose para perfazer uma constituição, o estrago pode ser de difícil reparação e tornar o aproveitamento, a fruição dessas experiências, algo inacessível. “A inveja excessiva aumenta a intensidade desses ataques e sua duração, tornando assim mais difícil para o bebê a recuperação do objeto perdido.” (KLEIN, 1957, p. 218)

Ao tentar começar escrever sobre essa primeira relação – entre uma psicanalista apresentadora de um caso clínico e um psicanalista comentador – vivida sob o tema *Inveja e Gratidão*, me vem o *slogan* de uma propaganda antiga de uma marca de sutiã: “O primeiro sutiã a gente nunca esquece”. Os primeiros, as primeiras: marcas, relações, representações, matrizes... é do que sempre estamos falando, discutindo, em Psicanálise.

Escrever o primeiro artigo sobre a primeira apresentação de um caso clínico para ser comentado em público, que por sua vez tinha sido sobre a

primeira paciente: são muitos primeiros! Isso em meio a uma quase euforia diante do convite de escrever sobre uma experiência que havia me maravilhado, como a garota da propaganda ao experimentar o primeiro sutiã!

Todos esses primeiros a serem transformados em algo que pode deixar de ser passado, virar presente e propiciar um futuro. Não dava para descartar, no entanto, a presença da inveja em primeira pessoa.

Torci, então, para que o arremesso/ataque a essa primeira experiência não tivesse sido nem tão violento nem para tão longe. Tomara que tenha ficado a uma distância razoável e em um estado não tão danificado. Será mais fácil integrá-la, por mais difícil que seja aceitar o seu fim e reconhecer o que ficou e o que se perdeu. A primeira experiência será parte de uma história vivida em episódios de temporadas... de uma série. O que acaba está lá de alguma forma, não se trata de ausência, menos ainda de algo que deixa de ser bom e se torna mau. A primeira experiência...

Da asserção de que a inveja estraga o objeto bom originário e dá ímpeto adicional aos ataques sádicos ao seio, surgem outras conclusões. O seio assim atacado perde o seu valor, torna-se mau por ter sido mordido e envenenado por urina e fezes. (KLEIN, 1957, p. 218)

Como me desembaraçar das defesas que impedem um movimento em direção a um texto vivo, um relato que traga as emoções de receber os comentários, oferecidos de forma tão generosa, sobre a apresentação de um caso clínico e ser grata por eles? Defesas contra o receio do desamparo, da separação, dos ataques, da morte - todas estavam presentes.

A inveja está aí: ficar, permanecer no primeiro (às vezes, nem completá-lo), para não seguir em direção aos próximos, não fazer novas ligações, passar por novas experiências. Paralisar e não fluir, e muito menos fruir; grudar para não perder. Invejar o que foi e não ser grato ao que pôde existir.

Como me desembaraçar da inveja dos comentários feitos ao trabalho apresentado. Sim, em um primeiro momento, a inveja se faz necessária, para que se possam constituir defesas...poderia chamar essa inveja de 'preocupação'. E aqui vou até Klein: "Considero que a inveja é uma expressão sádico-oral e sádico-anal de impulsos destrutivos, em atividade desde o começo da vida, e que tem base constitucional." (KLEIN, 1957, p. 207)

A inveja aparece como componente fundamental na constituição de qualquer ser humano. Um ingrediente que, dependendo da dosagem e da manipulação, põe a perder a receita. Uma substância que de um jeito vira re-

médio e de outro veneno. “Se a inveja do seio nutridor é forte, a gratificação plena sofre interferência porque, como já descrevi, é característico da inveja despojar o objeto daquilo que ele possui e estragá-lo.” (KLEIN, 1957, p. 219)

O começo, para Klein, já é uma busca pela sobrevivência, uma luta, e a inveja é representante dos ataques. A autora sinaliza a relevância de reconhecer o papel da inveja no aparelho psíquico e a sua importância no trabalho analítico.

No caso apresentado no evento de 2017 intitulado: *Roteiro de um fim quase sem história*, de acordo com Cassorla, era disso que tratávamos: de inveja e gratidão. No campo analítico, os personagens, histórias, enredos, brigas, disputas, paixões, irão acontecer. O analista é observador e participante. O analista é recrutado não só como personagem, mas como a pessoa que também irá provocar o paciente.

Na cena teatral do trabalho analítico, ali apresentada, recebida, descrita, concebida e transmitida – tanto pela analista apresentadora como pelo analista comentador – estava em jogo a questão da alteridade ou a sua ausência: com momentos de fanatismo e disputa pelo poder. A inveja posta à mesa: o que o outro tem, e é insuportável de ser aceito, é preciso haver o seu despojamento, a sua destruição.

Isso em um ‘filme/caso clínico’, que começa em uma atmosfera de suspense e de terror: um ambiente onde, se houver muita aproximação, haverá morte; e, se houver muita distância, também haverá morte. Ao fundo, sempre uma trilha para indicar o risco iminente de solidão, de abandono.

O trailer estava dado pela poesia sobre morte e assombração declamada logo no começo da apresentação do caso:

A Rua dos Cataventos – Mario Quintana

*Da vez primeira em que me assassinaram,
Perdi um jeito de sorrir que eu tinha.
Depois, a cada vez que me mataram,
Foram levando qualquer coisa minha.*

*Hoje, dos meus cadáveres eu sou
O mais desnudo, o que não tem mais nada.
Arde um toco de Vela amarelada,
Como único bem que me ficou.*

*Vinde! Corvos, chacais, ladrões de estrada!
Pois dessa mão avaramente adunca*

Não haverão de arrancar a luz sagrada!

*Aves da noite! Asas do horror! Voejai!
Que a luz trêmula e triste como um ai,
A luz de um morto não se apaga nunca.*

A narrativa do trabalho analítico realizado pôde ser resumida como: quase quatro anos com muitas idas e vindas; abandonos e presenças; acidentes e licenças médicas; família Dorian e drogas; brigas e mortes; acusações, ressentimentos, traições e punições; alguns reencontros e comemorações; intensidade e vazio.

E, acrescida de uma cena/sessão, foi compreendida como um seriado ao estilo *Game of Thrones*: com uma infinidade de personagens, emoções, conflitos, que desnorteiam qualquer espectador. Aqui, Cassorla se viu como esse espectador. Espectador de uma história protagonizada por uma paciente e uma analista, a princípio, fusionadas e que demandavam uma intervenção, uma presença, que pudesse separá-las.

Em sua própria escuta, no momento da apresentação e dos comentários, Cassorla é envolvido e mistura uma com a outra... a fusão pode ser uma defesa contra os ataques invejosos: o que é do outro não é só dele, há um compartilhamento imposto em um contexto em que os contornos se tornam frágeis, até mesmo ausentes.

Nessa experiência – da apresentação do atendimento de um caso clínico, era possível assistir não somente os personagens, mas, sobretudo, perceber o que mais importa e nos interessa, enquanto psicanalistas: as relações, as emoções, as descargas. Algo vai morrer: o trabalho analítico tinha uma data para ser encerrado. Haverá ausência. E isso será suportável?

Para se defender, a paciente utiliza de mecanismos até então sempre usados: há a tentativa de matar a morte; um conluio entre os personagens para excluir o que irá acabar. Faltar às sessões poderia impedir que sentisse falta do que está por se encerrar.

E, enquanto escrevo este texto, enquanto adio a sua entrega, também, em primeira pessoa, busco impedir a morte da experiência vivida no evento. Tento postergar a finalização, evitar a morte de algo que nem sei bem do que se trata, mas que poderia permanecer idealizado em minha memória, longe dos contornos das palavras. Palavras que ao serem escritas e publicadas podem dar sentido ao que aconteceu, mas também podem dar um corte à experiência vivida, levando a um reconhecimento do que ficou e do que se perdeu.

O tema está dado, seja no caso clínico apresentado e comentado, seja na escrita sobre a experiência vivida no evento: o desamparo, a ausência, a falta...

os traumas revividos e com eles as defesas usadas para que não haja contato com a realidade externa. As emoções permanecem em descarga, faltando-lhes um sentido, um caminho, uma simbolização. A imaginação corre solta, na impossibilidade da realização do luto de uma perda sempre potencial.

Como dispõe Klein: “...apesar de não desistirem de seu desejo por um seio gratificador, eles não podem desfrutá-lo e, por conseguinte, o repelem.” (KLEIN, 1957, p. 236)

E nessa trama, do caso clínico apresentado, o embate paciente/analista, então, se faz: Como falar da falta? Como colocar palavras ditas na falta? E o comentador, Cassorla, destaca as posições:

A paciente diz: ‘não quero falar disso’

E a analista diz: ‘mas precisamos falar disso’

A paciente responde: ‘Mas não quero falar disso’

E a analista insiste: ‘mas precisamos falar disso’

A paciente está paralisada, pois está aterrorizada com a falta que se aproxima. A analista paralisada, pois quer ser a melhor analista do mundo, não pode desistir da paciente – está no conluio junto à paciente, atendendo à sua convocação: age, atua de uma forma que faz com que permaneçam paralisadas. Como podem se desembaraçar de todo esse emaranhado tecido à base de inveja? Um vínculo com ganhos e perdas, dinâmico, vivo, não pode existir. Há um ataque, um estrangulamento. É o comentário que escuto de Cassorla.

A inveja e as atitudes a que dá origem interferem na construção gradual de um objeto bom na situação transferencial. Se, no estágio mais inicial, o bom alimento e o objeto bom originário não puderam ser aceitos e assimilados, isso se repete na transferência e o curso da análise é prejudicado. (KLEIN, 1957, p. 216)

A paciente transfere para a analista a representação de um objeto autoritário que está em constante enfrentamento: briga, ataca. Utiliza as defesas que lhe permitiram sobreviver até o momento, inclusive a ocupação da posição de vítima. E não cabem críticas e/ou julgamentos a esse funcionamento. Mas, agora, há a sinalização de que quer buscar outras formas de viver e não apenas sobreviver. Isso ganha ‘corpo’ na encenação vivida na sessão/cena apresentada.

Há uma troca de papéis, na qual a analista vira a paciente: confusa e com dor – ocupa o lugar passivo de ataques que, agora, a paciente pode vivenciar

como parte ativa na relação. A vivência leva a analista ao lugar experimentado pela paciente: é a chance de dar um novo caminho, um novo sentido, à experiência sofrida como ataque pela paciente em suas relações mais primitivas.

Tenho dado uma ênfase particular à qualidade de destruição e estrago da inveja, na medida em que ela interfere na construção de uma relação segura com o objeto bom interno e externo, solapa o sentimento de gratidão e, de muitas maneiras, obscurece a distinção entre bom e mau.

(KLEIN, 1957, p. 262)

O analista comentador destaca: é essa interação que mostra a vitalidade da relação. É o momento em que a analista desfaz o conluio, o *enactment crônico* (CASSORLA, 2016): não irá mais obedecer ao ‘roteiro sadomasoquista primitivo’ da paciente, no qual ocupa o lugar de ‘boazinha’ e é atacada, e vice-versa.

É o momento do desembaraço do que sempre estava pronto, das defesas. Como diz Cassorla: “Desembaraçar, para costurar e embaraçar novamente, lembrando que ‘*embarazada*’ em espanhol quer dizer grávida.” A chance de dar à luz a algo novo, a algo ressignificado. Isso em meio à confusão, em meio à inveja que ataca a vida, que busca impedir que se dê à luz a uma dupla analítica mais cheia de vida.

Quando há o final do conluio e da encenação vivida por analista e paciente da ‘farsa’ primitiva, na qual a defesa se confunde com ataques e inviabiliza a construção do vínculo vivo, vem a chance de transformarmos a inveja veneno em inveja componente de um psiquismo com funcionamento mais pleno.

[...] o que pode conduzir à diminuição da cisão dentro do self é somente a perseverança do analista em analisar esses sentimentos hostis na transferência, possibilitando desse modo ao paciente revivê-los em sua relação mais arcaica. (KLEIN, 1957, p. 264)

Daí o que mais importa não são os personagens, mas as relações, as emoções descarregadas, que buscam sentido e que poderão ser simbolizadas por meio de relatos. Escuto o comentário de Cassorla. O analista vai dar sentido, simbolizar, transformar em palavra e aumentar a capacidade de pensar do paciente. As emoções que estão no campo são produto da intersubjetividade do paciente e do analista, com predomínio do paciente – é assimétrica.

Como mãe e filho, o espaço é do filho. Captar, acolher e transformar as emoções do filho.

Ali, diante de todos, reconheço: não havia conseguido oferecer à paciente um novo sentido ao fim, até o momento. Somente depois de interromper o ‘conluio’, que havia feito com ela, percebi que precisava oferecer mais que ‘colo e leite’, era preciso dar contorno, novos rumos, às emoções descarregadas. Precisávamos sonhar, transformar a emoção do fim, ir além do desespero que ficou ‘desenhado’ quase ao final do trabalho analítico com as perguntas que se misturavam: o que vem depois do ponto final, depois do fim de nosso trabalho? Como dizer aos pais que iria seguir seu próprio caminho e se mudar para outra cidade e não permanecer com eles? Mais que isso: como suportar escutar a possível resposta dos pais: vá, siga seu caminho, seu lugar não é aqui conosco. Faça seu caminho, seja lá ele qual for, e seja grata por ele.

Como escrever o meu próprio texto, a partir do que eu vivi e não apenas reproduzir, permanecer, na fala feita pelo analista comentador. Mais que isso, como suportar o potencial comentário: vá siga o seu caminho, seja autora de seu próprio texto, seja lá ele qual for, e seja grata por ele.

Em ambas as situações, estamos lidando com o risco de viver a própria experiência e não paralisar na inveja da experiência do outro e/ou de nossa própria experiência passada. O risco de perdas e ganhos autorais, próprios, subjetivos e que implicam na responsabilidade pelos mesmos. É o jogo da inveja e gratidão:

Como resultado (maior integração), o sentimento de responsabilidade torna-se mais forte, e a culpa e a depressão são mais amplamente vivenciadas. Quando isso acontece, o ego é fortalecido, a onipotência dos impulsos destrutivos fica diminuída juntamente com a inveja, e é liberada a capacidade de amor e gratidão que estivera abafada no decurso dos processos de cisão. (KLEIN, 1957, p. 257)

Ao final do trabalho analítico, a paciente atinge um lugar onde sustenta, em alguma medida, uma voz própria – depois da quebra do conluio com a analista, em uma nova configuração, na qual ambas ficaram fora do roteiro pronto e repetido. É a possibilidade de se colocar a buscar pensar, a buscar ir além de ser o que esperava ser. Ir além do ponto final. Abrir novo parágrafo, começar outra história, a partir da já vivida. Afirma a sua gratidão pela participação da analista para que pudesse começar a narrar a sua história, que não terminaria com o fim do trabalho da dupla. Aceita seguir em uma nova composição.

Quanto a mim, volto à pergunta feita pelo comentador, ao final da apresentação do caso clínico. Gentilmente, Cassorla se aproxima e fala: “Você estava preocupada?”. Lembro-me, enquanto escrevo este texto, novamente da propaganda do primeiro sutiã que a gente nunca esquece. Na cena final, a menina, agora se percebendo moça, sai com um caderno postado na frente dos seios, mas, conforme vai andando, entrando em movimento, desce o caderno e assume a sua ‘nova parte’, agora integrada, e pode seguir seu caminho, sua história.

Nesse registro, ao escrever este artigo, também posso assumir essa experiência como parte de mim. E ser grata, muito grata, pelo contorno/sutiã, muito generoso, dado por Roosevelt Cassorla às várias primeiras experiências que convergiram para a apresentação do caso clínico.

Se ele é grato, como expressa para mim ao fim do evento, pela fertilidade que eu pude oferecer naquele dia, eu lhe sou grata por ter fecundado novos caminhos para mim. Não somente a ele, mas também a todos os presentes ao evento e, sobretudo, à paciente do caso clínico apresentado. Eles permitiram que fossem germinadas novas trilhas, trilhas sinalizadas por vida, dinâmicas, e que sobreviveram às tentativas de destruição, presentes em potencial em nós mesmos, disfarçadas sob uma inveja velada (e em uma medida não venenosa), muitas vezes sob o nome de ‘preocupação’.

A ‘preocupação’ pôde ser sonhada ali no coletivo, assim como a ‘preocupação’ da paciente pôde ser sonhada ao final do atendimento. Da inveja à gratidão, se e somente se, houver sonhos – verdadeiros pontos de viradas em nossos roteiros prontos.

“Você estava preocupada?” Agora posso responder: Sim, estava preocupada, mas havia mais esperança que preocupação. “A relação que você não teve, nunca vai existir”. Acreditei que era melhor tê-la: na inveja e na gratidão – a primeira relação a gente nunca esquece, mais ainda, podemos transformá-la, desde que exista.

Com mais esperança do que preocupação, da inveja à gratidão, da inveja com gratidão, torna-se possível abrir mão da *luz de um morto que não se apaga nunca* (última frase do poema *A Rua dos Cataventos*, de Mário Quintana). Afinal, se não se apaga nunca, a luz de um morto também não ilumina nunca. Retomando um dos últimos comentários de Cassorla: a relação que você não viveu, nunca vai existir.

O texto que não escrevi, nunca será lido. Então, é hora de escrevê-lo. E, da mesma forma que, na apresentação do caso clínico, eu esperei que conseguisse estar presente, para chegar até o público e estar junto com ele, eu também espero... Eu espero que tenha conseguido estar presente neste texto, para transmitir o jogo entre a inveja e gratidão na experiência desse

meu 'primeiro sutiã'. Um primeiro que pôde existir e pelo qual sou grata. Afinal, eu espero que essa experiência/relação possa ser parte de um caminho para chegar a outras experiências/relações das quais eu e outros possamos usufruir, quem sabe, até mais.

REFERÊNCIAS

CASSORLA, R. M. S. *O psicanalista, o teatro dos sonhos e a clínica do enactment*. São Paulo: Blucher, 2016. 312p.

KLEIN, M. *Inveja e Gratidão e outros trabalhos (1946-1963)*. Rio de Janeiro: Imago, 1991. 398p.

Voracidade e inveja: algumas considerações sobre a vida mental arcaica

Voracity and Envy: a few considerations about archaic mental life.

Talita Cristina Somensi Dias

Resumo:

O presente trabalho tem por objetivo revisitar o conceito de voracidade na obra de Melanie Klein, estabelecendo diferenças e relações com o conceito de inveja apresentado pela autora. Tais conceitos serão ilustrados por meio de trechos de duas histórias infantis, “João e Maria” e “Branca de Neve e os sete anões”. Trata-se de uma reflexão que teve como ponto de partida o segundo Seminário teórico/clínico realizado no evento Melanie Klein: inveja e gratidão 60 anos, no qual apresentei um caso clínico que foi comentado por Luiz Tenório Oliveira Lima. A voracidade, de natureza oral, é inerente aos primeiros desejos dirigidos ao objeto. Surge quando os impulsos destrutivos são reforçados, em virtude das privações advindas de fontes internas ou externas (experiências de frustração). A voracidade é uma ânsia impetuosa e insaciável que visa escavar e devorar o objeto. Já a inveja é o sentimento raivoso de que o outro possui algo desejável, sendo o impulso invejoso o de tirar este algo ou de

Abstract:

This paper aims to revisit the concept of voracity in the work of Melanie Klein, establishing differences and relations with the concept of envy presented by the author. Such concepts will be illustrated by excerpts from two children’s stories, “John and Mary” and “Snow White and the Seven Dwarfs.” It is a reflection that had as its starting point the second theoretical / clinical Seminar held at the event “Melanie Klein: envy and gratitude 60 years”, in which I presented a clinical case that was commented by Luiz Tenório Oliveira Lima. Voracity, of an oral nature, is inherent in the first desires directed to the object. It arises when the destructive impulses are reinforced, due to the privations from internal or external sources (experiences of frustration). Voracity is an impetuous and insatiable eagerness to dig and devour the object. Envy, on the other hand, is the angry feeling that the other possesses something desirable, and the envious impulse to take away this something or to

estragá-lo. Apesar de estabelecer diferenças entre os conceitos, Klein (1957) aponta para a existência de uma conexão íntima entre inveja e voracidade. É preciso lembrar que a pessoa demasiadamente invejosa é também insaciável e que a inveja é igualmente dirigida ao primeiro objeto, porém com objetivo de causar estragos. Ambas (voracidade e inveja como corolários dos impulsos destrutivos) podem perturbar a primeira relação com o objeto e dificultar o estabelecimento das identificações mais primordiais e posteriormente o estabelecimento da posição depressiva. Deste modo percebe-se que tanto a inveja quanto a voracidade estão presentes na primeira relação com o objeto e ambas, quando excessivas, prejudicam os processos primários de introjeção, bem como podem dificultar o estabelecimento do bom objeto interno e processos identificatórios. Enquanto a voracidade, em sua ânsia pela nutrição, esvazia o objeto, a inveja, que também pode ser insaciável, causa estragos e o danifica. Ambas são expressões da vida mental arcaica, amplamente trabalhada por Melanie Klein e que servem como importantes operadores do pensamento clínico atual.

Palavras-chave:

Voracidade; Inveja; Histórias infantis; Melanie Klein.

spoil it. Despite establishing differences between concepts, Klein (1957) points to the existence of an intimate connection between envy and voracity. It should be remembered that the overly envious person is also insatiable and that envy is equally directed to the first object, but with the purpose of wreaking havoc. Both (voracity and envy as corollaries of destructive impulses) can disturb the first relation with the object and make it difficult to establish the most primordial identifications and, later, the establishment of the depressive position. In this way, both envy and voracity are present in the first relation to the object and both, when excessive, hinder the primary processes of introjection, as well as may hinder the establishment of good internal object and identification processes. While voracity, in its craving for nourishment, empties the object, envy that can also be insatiable wreaks havoc and damages it. Both are expressions of archaic mental life, widely worked developed by Melanie Klein and serve as important operators of current clinical thinking.

Keywords:

Voracity; Envy; Children's stories; Melanie Klein.

*Ponha aqui o seu dedinho... pra ver se está bem gordinho!!!
Que delicioso manjar, terei quando aos dois engordar!
Joãozinho que era levado, um rabo de rato tinha guardado.
Invés do gordo dedinho, por entre as grades mostrava o rabinho.
Certo dia, porém, o coitado perde o rabinho, que desastrado!
E à velha não pode negar: Mostre o dedinho! Pôs-se a chorar.
A velha contente para os dois assar, prepara a fogueira, pra lhes enganar:
Venham cá, ó meus netinhos. Venham catar gravetinhos,
que é para o frio espantar. Venham a fogueira pular.
Mas, Joãozinho anda ligeiro: Pule a senhora, primeiro.
Erra o pulo, a feiticeira; tropeça e cai na fogueira.*

NESTE TRABALHO APRESENTAREI algumas considerações sobre o segundo Seminário teórico/clínico realizado no evento “Melanie Klein: inveja e gratidão 60 anos”, no qual apresentei um caso clínico que foi comentado por Luiz Tenório Oliveira Lima. Iniciei o seminário com a apresentação de fragmentos do caso de uma mulher com mais de 40 anos, cuja queixa inicial era o sentimento de esvaziamento na vida e que havia retornado para a análise comigo, após ter interrompido o processo alguns anos antes.

Assim que concluo a apresentação do caso e a partir do material clínico, Luiz Tenório dá início aos seus comentários apresentando um trecho da história infantil “João e Maria”. Conta-nos sobre o momento em que Joãozinho, temendo ser devorado pela bruxa má, caso esta visse seus dedos gordinhos, mostra-lhe o rabo de um rato e assim engana a bruxa. A partir desta história, fruto das fantasias do analista, introduziu na discussão o conceito de voracidade, como norteador de suas construções teórico-clínicas.

Conceito este que logo me levou a pensar sobre suas diferenças e aproximações com a definição de inveja. A partir disto, pretendo revisitar o conceito de voracidade na obra de Melanie Klein, estabelecendo as diferenças em relação ao conceito de inveja apresentado pela autora. Além disso, procurarei ilustrar os conceitos com trechos de duas histórias infantis, “João e Maria” e “Branca de Neve e os sete anões”. Optei pelas histórias e por isso não apresentarei outros dados além dos já apresentados sobre o caso, por entender que o material escolhido atende ao objetivo proposto: refletir e aprofundar a compreensão do conceito de voracidade e sua relação/diferença com o conceito de inveja.

1 (<https://artecontos.blogspot.com/2012/05/joaozinho-e-maria.html>)

As primeiras experiências do bebê com a alimentação e presença da mãe iniciam uma relação de objeto com ela, à qual se ligam as pulsões desde o início da vida. Por meio do processo primário da projeção, os impulsos destrutivos (expressões da pulsão de morte) parecem ligar-se imediatamente a um objeto, vivido na fantasia como mau objeto, o que se intensifica diante de situações de frustração. De outra parte, o processo de introjeção, predominantemente a serviço da pulsão de vida, permite ligar o trabalho interno da pulsão de morte “porque leva o ego a receber algo vitalizador” (KLEIN, 1958, p.272), vivido como experiência com o bom objeto, que constitui o núcleo do ego e dará sustentação para seu desenvolvimento. Deste modo, através das trocas projetivas e introjetivas se construirá lentamente um mundo complexo de fantasias de self e objetos. (SPILLIUS, 2007)

A voracidade é inerente aos primeiros desejos dirigidos ao objeto. Surge quando os impulsos destrutivos são reforçados, em virtude das privações advindas de fontes internas ou externas (experiências de frustração). “Surgiu que uma tal alteração no equilíbrio entre libido e agressão dá origem à emoção chamada voracidade, que é em primeiro lugar e acima de tudo, de natureza oral.” (KLEIN, 1952, p.87)

Klein (1957) diferencia inveja, ciúme e voracidade. A inveja é o sentimento raivoso de que o outro possui algo desejável, sendo o impulso invejoso o de tirar este algo ou de estragá-lo. A inveja remonta a relação mais arcaica com a mãe, pressupondo uma relação com uma só pessoa. Já o ciúme, baseado na inveja, envolve a relação com pelo menos duas pessoas e diz respeito ao amor que o indivíduo sente que lhe foi tirado em favor de um rival (cenário edípico). Quanto à voracidade, tem-se a seguinte definição:

A voracidade é uma ânsia impetuosa e insaciável, que excede aquilo que o sujeito necessita e o que o objeto é capaz e está disposto a dar. A nível inconsciente, a voracidade visa, primariamente, escavar completamente, sugar até deixar seco e devorar o seio, ou seja, seu objetivo é introjeção destrutiva, ao passo que a inveja procura não apenas despojar desta maneira, mas também depositar maldade (...) No sentido mais profundo, isso significa destruir a criatividade da mãe. (KLEIN, 1957, p.212)

Apesar de estabelecer diferenças, Klein (1957) aponta para a existência de uma conexão íntima entre inveja, ciúme e voracidade. É preciso lembrar que a pessoa demasiadamente invejosa é também insaciável e que “a inveja pa-

rece ser inerente à voracidade oral” (KLEIN, 1952, p.103), sendo igualmente dirigida ao primeiro objeto, porém com objetivo de causar estragos. Ambas (voracidade e inveja como corolários dos impulsos destrutivos) podem perturbar a primeira relação com o objeto e dificultar o estabelecimento das identificações mais primordiais. Klein (1957) afirma que a voracidade, inclusive, pode ser usada como defesa contra a inveja. Através da introjeção e controle voraz do objeto, os bons atributos tornam-se posse do bebê e não mais pertencem ao objeto, o que contrabalançaria a inveja. Porém, a possessividade violenta faz o bom objeto ser sentido como perseguidor e as consequências da inveja voltam a ser sentidas.

Neste sentido e com vistas à diferenciação entre os conceitos vamos à apresentação das histórias infantis. Enquanto a voracidade pode ser ilustrada pelo trecho citado na história de “João e Maria”, a inveja talvez seja mais bem representada pela história da “Branca de Neve e os sete anões”, mais especificamente a relação da Branca de Neve com a bruxa/madrasta. Para ilustração selecionei o trecho em que a madrasta, por não poder suportar olhar para o espelho e já não ser a mais bela de todas, deseja e planeja a morte de Branca de Neve. Inveja a juventude e a beleza da enteada e por isso, após tentativas fracassadas de matá-la (o invejoso é insaciável), lhe entrega uma maçã envenenada. Como Luiz Tenório nos lembrou, as relações invejosas são também competitivas e acompanhadas de rivalidade. Ao retornar ao castelo a bruxa pergunta ao espelho:

— Espelho, espelho, vem já e me diz quem é a mais linda de todo o país? E o espelho finalmente respondeu:

— Senhora Rainha, tu és a mais linda de todo o país. Então seu coração invejoso ficou sossegado - se é que um coração invejoso pode ficar sossegado. Quando os anões voltaram para casa ao cair da noite, encontraram Branca de Neve caída no chão. (https://www.grimmstories.com/pt/grimm_contos/branca_de_neve)

Na história infantil, a bruxa acreditava que o objeto invejado havia sido destruído. Porém, a morte de Branca de Neve foi evitada com o beijo de amor verdadeiro do Príncipe/objeto ideal, capaz de mitigar os efeitos mortíferos da inveja (amor que mitiga o ódio). No entanto, há que se perguntar, se um coração quando excessivamente invejoso pode encontrar algum sossego.

Estas histórias podem ser tomadas como formas de compreender a experiência analítica, pois muitas vezes surgem nas fantasias e associações do analista durante uma sessão, ou durante apresentações de casos, como aconteceu no seminário teórico/clínico em questão. Assim será preciso atentar às sutilezas da relação para saber qual é o conto infantil que está sendo encenado em determinado momento do processo analítico, no “aqui e agora” da sessão e então priorizar na hora da interpretação. Tanto Joãozinho quanto Branca de Neve e as bruxas são personagens da vida emocional arcaica e os contos talvez possam ser utilizados como recursos interpretativos, em que histórias surgem como frutos das fantasias e do sonhar juntos da dupla analítica.

As histórias e narrativas estão disponíveis ao analista para contar histórias sobre emoções, angústias e experiências próprias à porção infantil da personalidade. Ferro (1998) destaca a necessidade de narrar diante do medo, de angústias e terrores mais primitivos: “É para dar uma resposta a medos e angústias próprias que estes são transformados narrativamente e, ao invés de tornarem-se sintoma ou comportamento, tornam-se histórias (filmes, contos, pintura etc.).” (p.175)

Por meio das histórias torna-se possível falar dos terrores e da dor que acompanha a experiência do sujeito, quando entra em contato com os aspectos invejosos e/ou vorazes da personalidade. Quando os ataques fantasiados são influenciados pela voracidade, o objeto é esvaziado e espoliado e devido à projeção surge o medo da voracidade do objeto, o que incrementa a angústia persecutória (KLEIN, 1952). Joãozinho, por exemplo, teme a bruxa voraz, por isso encobre o dedo gordinho, mantendo encoberto o que é indicador de alimento, bem como a própria voracidade.

Quando Luiz Tenório se lembra de Joãozinho ao escutar sobre a paciente com queixa de vazio, entende o esvaziamento interno como fruto da identificação com o objeto esvaziado pela própria voracidade. O temor da paciente, assim como de Joãozinho, a leva defensivamente a encobrir o que representa alimento e nutrição, não reconhecendo as riquezas/recursos internos, tampouco aquilo que poderia nutrir a partir do mundo externo e na relação de análise, perpetuando o vazio. A voracidade excessiva dificulta o estabelecimento de identificação genuína com o bom objeto, pois ao prejudicar os processos introjetivos compromete a edificação de um solo interno firme.

A introjeção segura do bom objeto é condição fundamental para o estabelecimento da posição depressiva. A voracidade e as defesas contra ela desempenham um papel importante neste momento, pois a angústia de

perder o objeto amado irrecuperavelmente aumenta a voracidade, sentida como destruidora e incontrolável (KLEIN, 1952). Com isso, há pouca condição para tolerar frustração e perda, vivenciar o luto e reparar o objeto perdido. Isto porque:

[...] a capacidade de receber ‘aquilo que é bom’, em primeiro lugar receber da mãe a comida e o amor desejados, e a necessidade de nutri-la em retribuição, restaurando-a dessa forma – a base para sublimações orais – são uma precondição para um desenvolvimento genital bem-sucedido.

(KLEIN, 1952, p. 107)

Na posição depressiva, o sujeito é capaz de receber e reconhecer o bom do objeto, além de expressar gratidão. Neste cenário surge a possibilidade de responsabilizar-se pelo objeto amado, agora reconhecido e considerado enquanto outro. Surge também a capacidade de se responsabilizar (predomínio da introjeção) pelo mundo interno, com suas dores e alegrias e assim sentir-se preenchido pelas próprias experiências emocionais. Quando a posição depressiva não é alcançada com relativa segurança, em partes pela voracidade que impede a verdadeira introjeção do objeto, perpetuam-se estados de empobrecimento e esvaziamento psíquicos.

Diante do exposto, percebe-se que tanto a inveja quanto a voracidade estão presentes na primeira relação com o objeto e ambas, quando excessivas, prejudicam os processos primários de introjeção, bem como podem dificultar o estabelecimento do bom objeto interno e processos identificatórios. Enquanto a voracidade, em sua ânsia pela nutrição, esvazia o objeto, a inveja que também pode ser insaciável causa estragos e o danifica. Ambas são expressões da vida mental arcaica, amplamente trabalhada por Melanie Klein e que servem como importantes operadores do pensamento clínico atual.

Portanto, finalizo este breve trabalho juntando-me ao coro proposto por Marracini (2017) quando afirma que Klein precisa ser lida, pois este evento mostrou a todos que lá estivemos que mesmo após 60 anos da publicação de *Inveja e Gratidão*, seu pensamento continua vivo e inspirador. Expresso minha gratidão ao Departamento Formação em Psicanálise pela organização do evento e convite para apresentação do caso, assim como a Luiz Tenório Oliveira Lima pelos comentários tecidos durante o seminário teórico/clínico.

REFERÊNCIAS

FERRO, A. *Na sala de análise: emoções, relatos, transformações*. Rio de Janeiro: Imago, 1998. 252p.

KLEIN, M. (1952) Algumas conclusões teóricas relativas à vida emocional do bebê. In: *Inveja e gratidão e outros trabalhos (1946-1963)*. Rio de Janeiro: Imago, 2006. p. 85-118.

_____. (1957) Inveja e gratidão. In: *Inveja e gratidão e outros trabalhos (1946-1963)*. Rio de Janeiro: Imago, 2006. p.205-267.

_____. (1958) Sobre o desenvolvimento do funcionamento mental. In: *Inveja e gratidão e outros trabalhos (1946-1963)*. Rio de Janeiro: Imago, 2006. p.268-279.

MARRACCINI, E.M. Klein: Legado e contemporaneidade. In: *Boletim formação em psicanálise*. Ano XXV, v.25, p. 153-157, jan/dez. 2017.

SPILLIUS, E.B. *Uma visão da evolução clínica kleiniana: da antropologia à psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago, 2007.368p.

Normas para Publicação

1. Linha Editorial

O *Boletim Formação em Psicanálise*, revista do Departamento Formação em Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae, tem por proposta editorial a divulgação de trabalhos relacionados à psicanálise e campos afins, em uma tendência contemporânea de integração e complementaridade. Nesse sentido, valorizamos a diversidade na busca de articulações com outras áreas e conhecimentos, tendo como finalidade maior a compreensão do sofrimento humano e a constante (re)construção metapsicológica.

2. Normas Gerais

Os originais devem ser enviados para a Comissão Editorial da Revista *Boletim Formação em Psicanálise* (endereço abaixo). Se o material estiver de acordo com as normas estabelecidas pela revista, ele será submetido à avaliação do Conselho Editorial. O artigo será lido por dois membros do conselho, os quais poderão rejeitar ou recomendar a publicação de forma direta ou com sugestões para reformulações. Caso não haja consenso, haverá uma terceira avaliação. Se dois conselheiros recusarem o material, este será rejeitado para publicação. Os originais não serão devolvidos, mesmo quando não aprovados. Sendo o artigo aprovado, sua publicação dependerá do programa editorial estabelecido.

Endereço para encaminhamento dos trabalhos:

Instituto Sedes Sapientiae
Departamento Formação em Psicanálise
Rua Ministro de Godói, 1484.
CEP 05015-900 – São Paulo, SP / Brasil
Tel/Fax: (11) 3866 2730

3. Tipos de Trabalhos

Além de artigos, a revista publica leituras (comunicações, comentários e resenhas de livros), conferências, entrevistas e traduções. A tradução deve apresentar uma cópia do trabalho original, com todas as indicações sobre a edição e versão da qual foi traduzida, acompanhada da autorização do autor.

4. Normas para envio de Artigos e Resenhas

Os artigos originais deverão ser enviados em três cópias impressas, acompanhadas de uma cópia eletrônica ou CD no padrão Word for Windows 6.0. A Revista *Boletim Formação em Psicanálise* segue os padrões gráficos da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT). As regras da digitação do texto devem seguir os termos abaixo:

- o texto deve ser digitado em uma só face (frente);
- a fonte deve ser Times New Roman; em corpo 12 para o texto e corpo 11 para citação direta de mais de três linhas;
- o trabalho deve ser digitado com espaçamento entre linhas de 1,5, exceto as referências e os resumos, os quais devem ter espaçamento 1,0;
- não utilizar recursos especiais de edição na cópia eletrônica ou CD (macros, justificação, etc.);
- a letra em itálico deve ser usada apenas para nomes científicos, títulos de obras, expressões latinas e estrangeiras;
- não usar o tipo sublinhado;
- o **negrito** deve ser restrito ao título do artigo e aos subtítulos das seções;
- as citações longas, notas, referências e resumos em vernáculo e em língua estrangeira devem ser digitados em espaço simples.

5. Folha de Rosto

O nome ou qualquer identificação do autor deve constar apenas na página de rosto de modo a garantir o anonimato durante o processo de avaliação do trabalho. O trabalho entregue deve conter uma folha de rosto constando:

- o título do trabalho em português;
- o nome do autor e sua qualificação (3 linhas no máximo);
- endereço eletrônico (e-mail).

6. Folha de Resumo

O trabalho deve conter uma folha de resumo digitado com espaçamento simples em um único bloco (sem parágrafo), seguido das palavras-chaves. Deverá constar:

- o título do trabalho em português;
- o resumo em português (no máximo 10 linhas) com palavras-chave (no mínimo 3 e no máximo 5);
- título do trabalho em inglês;
- abstract com keywords (no mínimo 3 e no máximo 5).

7. Citações

Segundo a ABNT, as citações são trechos transcritos ou informações retiradas das publicações consultadas para a realização do trabalho. São introduzidas no texto com o propósito de esclarecer ou complementar as ideias do autor.

A fonte de onde foi extraída a informação deve ser citada obrigatoriamente, respeitando-se desta forma os direitos autorais.

Nas citações, as chamadas são feitas pelo sobrenome do autor ou pela instituição responsável ou, ainda, caso a autoria não seja declarada, pelo título de entrada, seguido da data de publicação do documento, separado por vírgulas e entre parênteses. Se incluído na sentença estas devem vir em letras maiúsculas e minúsculas, porém quando estiverem entre parênteses as mesmas devem ser em letras maiúsculas.

Citação textual

Até 3 linhas: deve ser inserida no

corpo do texto, entre aspas e com indicação do(s) autor(es), da(s) página(s) e do ano da obra de referência. Exemplo: Ferraz (2000, p. 20) considera “como tipicamente perversos certos atos ou rituais praticados com o consentimento formal do parceiro”.

Com mais de 3 linhas: deve aparecer em destaque e com recuo de margem esquerda de 4 cm, sem aspas, espaço simples, corpo 11 e com indicação do(s) autor(es), da(s) página(s) e do ano da obra de referência. Exemplo: Freud (1905/1980, p.86) ensina:

Esse último exemplo chama atenção para o fato de que é essencialmente a unificação que jaz ao fundo dos chistes que podem ser descritos como “respostas prontas”. Pois a réplica consiste em que a defesa, ao se encontrar com a agressão, “vira a mesa sobre alguém” ou “paga a alguém com a mesma moeda” – ou seja, consiste em estabelecer uma inesperada unidade entre ataque e contra-ataque.

Citação indireta

O sobrenome do autor é apresentado dentro dos parênteses em letras maiúsculas, seguido do ano da publicação. Exemplo: Em *O mal-estar na civilização* Freud faz um esforço para circunscrever o mal-estar na modernidade ao tecer seus comentários sobre as relações entre sujeito e cultura (BIRMAN, 1997).

Citação de autor

No corpo do texto deverá constar o sobrenome do autor acrescido do ano da obra. Exemplo: Reik (1948).

Fora do corpo do texto (citação indireta) o sobrenome do autor deve vir em letras maiúsculas seguido do ano da publicação entre parênteses. Exemplo: (REIK, 1948).

Citação de dois ou três autores os sobrenomes

- devem ser ligados pela letra “e” no corpo do texto e por “;” (ponto e vírgula) fora do corpo do texto. Exemplo: Ades e Botelho (1993) ou (ADES; BOTELHO, 1993).

Caso tenha mais de três autores

- Deverá aparecer somente o sobrenome do primeiro, seguido da expressão et al.. Laing et al. (1974) ou (LAING et al., 1997).
- Obs.: Na lista final de referências todos os nomes dos autores deverão ser citados.
- Em caso de autores com o mesmo sobrenome, indicar as iniciais dos prenomes. Exemplo: Oliveira, L. C. (1983) e Oliveira, V. M. (1984) ou (OLIVEIRA, L. C., 1983; OLIVEIRA V. M., 1984).
- Se houver coincidência de datas de um texto ou obra do mesmo autor, distinguir com letra minúscula, respeitando a ordem alfabética do artigo. Exemplo: Freud (1915a, 1915b, 1915c) ou (FREUD, 1915a, 1915b, 1915c).
- Caso o autor seja uma entidade coletiva, deve ser citado o nome da entidade por extenso. Exemplo: American Psychological Association (2000).
- No caso de autores cuja a obra é antiga e foi reeditada, citar o sobrenome do autor com a data da publicação original, seguida da data da edição consultada. Exemplo: Freud (1915/1980) ou (FREUD, 1915/1980).

Citação de citação

- Colocar em primeiro lugar o sobrenome do autor citado, sucedido da palavra apud e, em seguida, o sobrenome da referência utilizada. Exemplo: Para Rank (1923) apud Costa (1992).
- Caso o autor citado tenha um capítulo em um livro, fazer a citação usando-se a palavra In. Exemplo: Para Kehl In Slavutzky e Kupermann (2005) (Maria Rita

Kehl tem publicado um capítulo no livro *Seria trágico... se não fosse cômico* de Abrão Slavutzky e Daniel Kupermann).

Citação de depoimento ou entrevista

- As falas são apresentadas no texto seguindo-se as orientações para “citações textuais” e devem vir entre aspas. Exemplo: O relato a seguir ilustra bem esse aspecto: “O fim da gestação é uma morte”.

Citações de informações obtidas por meio de canais informais (aulas, conferências, comunicação pessoal, endereço eletrônico)

- Acrescentar a expressão “informação verbal” entre parênteses após a citação direta ou indireta, mencionando os dados disponíveis em nota de rodapé. Exemplo: Freud foi influenciado pelas ideias de Darwin. (informação verbal)¹

Obs.: Não é necessário listá-lo na relação de referências no final do texto.

Citações de trabalhos em vias de publicação

- Cita-se o sobrenome do(s) autor(es) seguido da expressão “em fase de elaboração”. Exemplo: Besset (em fase de elaboração) ou (BESSET, em fase de elaboração)

Obs.: É necessário listá-lo na relação de referências no final do texto.

Citações de eventos científicos (Seminários, Congressos, Simpósios, etc.) que não foram publicados

- Proceder da mesma maneira que para “canais informais”.

1 Informações obtidas por Rogério Lerner em aula no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo em março de 2007.

Citações de Homepage ou Website

- Cita-se o endereço eletrônico de preferência após a informação e entre parênteses. Exemplo: (www.bvs-psi.org.br)

Obs.: Não é necessário listá-lo na relação de referências no final do texto.

8. Notas De Rodapé

Caso sejam indispensáveis, as notas devem vir na mesma página em que forem indicadas, usando o programa automático do Word. As referências dos autores citados no texto devem ser apresentadas no final do mesmo, NÃO em notas de rodapé.

9. Referências

Devem vir no final do texto, com o título REFERÊNCIAS, relacionado em ordem alfabética pelos sobrenomes dos autores em letras maiúsculas, seguido das iniciais do prenome e cronologicamente por autor. Quando há várias obras do mesmo autor, substitui-se o nome do autor pelo equivalente a sete espaços, seguido de ponto. Exemplo de referências:

Com apenas um autor

BIRMAN, J. ... 1992.
_____ 1997a.
_____ 1997b.

Com dois ou três autores

JERUSALINSK, A.; TAVARES, E. E.;
SOUZA, E. L. A. ...

Com três ou mais autores

LAING, P. et al...

Quando houver indicação explícita de responsabilidade pelo conjunto da obra em coletâneas de vários autores

A entrada deve ser feita pelo nome do responsável seguida pela abreviatura singular do mesmo (organizador, coordenador, editor, etc.) entre parênteses. Exemplo:

BARTUCCI, G. (org.) *Psicanálise, literatura e estéticas de subjetivação*. Rio de Janeiro: Imago, 2001.

Livro

Sobrenome do autor em letras maiúsculas, seguido das iniciais do(s) prenome(s), título do livro em itálico, ponto, edição (a partir da segunda: “2.ed”), cidade, dois pontos, editora, ano de publicação. Se for uma reedição, colocar o ano em que foi escrito logo depois do nome do autor. Exemplos:

CECARELLI, P. R. (Org.) *Diferenças sexuais*. São Paulo: Escuta, 2000.

FIGUEIREDO, L.C.M.; COELHO JUNIOR, N. *Ética e técnica em psicanálise*. São Paulo: Escuta, 2000.

LACAN, J. (1959-1960) O seminário livro 7, A ética da Psicanálise. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.

RIBEIRO, M.F.R. *Infertilidade e reprodução assistida: Desejando filhos na família contemporânea*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

Capítulo de livro e ou coletâneas

Sobrenome do autor em letras maiúsculas, seguido das iniciais do(s) prenome(s), título do capítulo, ponto, In: título do livro em itálico, ponto, cidade, editora, ano de publicação e página. Quando for coletânea logo após o “In:” colocar sobrenome e iniciais do organizador e “(org.)” logo após. Exemplos:

DUARTE, L.F.D. Sujeito, soberano, assujeitado: Paradoxos da pessoa ocidental moderna. In: ÁRAN, M. (org.) *Soberanias*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2003.

MENEZES, L. S. A construção do vínculo social sob o ponto de vista freudiano: A lei, os ideais e as identificações. In: *Pânico: Efeito do desamparo na contemporaneidade. Um estudo psicanalítico*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.

Artigos de periódicos

Sobrenome do autor em letras maiúsculas, seguido das iniciais do(s) prenome(s), título do artigo, ponto, título do periódico em itálico, vírgula, cidade, volume, número, página e ano de publicação. Exemplo:

ROSA, M.D. O discurso e o laço social nos meninos de rua. *Psicologia USP*. São Paulo, v.1, n.1, p.205-17, 1990.

Dissertações e Teses

Sobrenome do autor em letras maiúsculas, seguido das iniciais do(s) prenome(s), título da dissertação ou tese em itálico, ponto, ano, ponto, número de folhas, identificação do documento (tese, dissertação, trabalho de conclusão de curso, etc.), o nome da instituição, o local e a data da defesa. Exemplo:

LOFFREDO, A. M. *Angústia e repressão: Um estudo crítico do ensaio "Inibição, sintoma e angústia"*. 1975. 100 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Faculdade de Psicologia, PUC, Rio de Janeiro, 1975.

Trabalhos publicados em eventos científicos (Congressos, Seminários, Simpósios, etc.) publicados em anais ou como artigo

Autor(es), título do trabalho. In: título do evento, numeração do evento, ano e local de realização, tipo de documento (Anais, Atas, Resumo) editora, ano de publicação e página. Exemplo:

MARAZINA, I. A clínica em Instituições. In: CONPSIC – II CONGRESSO DE PSICOLOGIA, 1991, São Paulo. *Anais*. São Paulo: Oboré, 1992, p.25-43.

Trabalhos que não foram publicados

Dependendo do tipo (artigo de periódico, capítulo de livro, etc.), proceder da mesma maneira que foi indicado anteriormente, seguido no final de “Texto não publicado”.

Trabalhos que estão em vias de publicação

Dependendo do tipo (artigo de periódico, capítulo de livro, etc.), proceder da mesma maneira que foi indicado anteriormente, seguido no final de “no prelo”.

Resenhas

Sobrenome do autor em letras maiúsculas, seguido das iniciais do prenome, título do livro, ponto, cidade, dois pontos, editora e ano de publicação. Resenha de sobrenome em letras maiúsculas, seguido das iniciais do prenome do autor da resenha, título da resenha (se houver), ponto, nome do periódico em itálico, volume, número, páginas e data de publicação da revista.

Referências de Freud

Sobrenome do autor em maiúsculas, seguido da inicial do prenome, título da edição utilizada em itálico, cidade, editora e ano de publicação da edição consultada. Abaixo, ano em que o artigo foi escrito, título e volume. Exemplos:

FREUD, S. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1980.

(1895) Uma réplica às críticas do meu artigo sobre neurose de angústia, v. 3.
(1896) Novos comentários sobre as neuropsicoses de defesa, v. 3.

(1897) Sinopses dos escritos científicos do Dr. Sigmund Freud, v. 3.

(1917) Die Verdrängung, v. 10.
(1917) Das Unbewusste, v. 10.

Documentos extraídos de fontes eletrônicas

Documento de acesso exclusivo em meio eletrônico inclui bases de dados, listas de discussão, BBS (site), arquivos em disco rígido, programas, conjuntos de programas e mensagens eletrônicas entre outros. Os elementos essenciais são: autor(es), título do serviço ou produto, versão (se houver) e descrição física do meio eletrônico. Quando se tratar de obras consultadas online, no caso de arquivos eletrônicos, acrescentar a respectiva extensão à denominação atribuída ao arquivo. Exemplos:

MICROSOFT Project for Windows 95. Version 4.1. [S.l.]: Microsoft Corporation, 1995. 1 CD-ROM.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ. Biblioteca Central. Normas.doc. Curitiba, 1998. 5 disquetes. ALLIE'S play house. Palo Alto, CA.: MPC/ Opcode Interactive, 1993. 1 CD-ROM.

ÁCAROS no Estado de São Paulo. In: FUNDAÇÃO TROPICAL DE PESQUISAS E TECNOLOGIA "ANDRÉ TOSELLO". Base de Dados Tropical. 1985. Disponível em: Acesso em: 30 maio 2002.

Proceder da mesma maneira seja para livro, capítulo de livro e artigos de periódicos, entretanto, adicionar no final "recuperado em (data)", seguido do endereço eletrônico. Exemplo:

PAIVA, G.J. (2000) Dante Moreira Leite: Um pioneiro da psicologia social no Brasil. *Psicologia USP*, n. 11, v. 2. recuperado em 5 de fevereiro de 2006, da Scielo (Scientific Electronic Library Online): <http://www.scielo.br>.

10. Imagens e Ilustrações

Tabelas, gráficos, fotografias, figuras e desenhos devem ser referidos no texto em algarismos arábicos e vir anexos, em preto e branco, com o respectivo título e número. Se alguma imagem enviada já tiver sido publicada, mencionar a fonte e a permissão para sua reprodução, quando necessário.

11. Direitos Autorais

Os direitos autorais de todos os trabalhos publicados pertencem à revista Boletim Formação em Psicanálise. A reprodução dos artigos em outras publicações requer autorização por escrito da Comissão Editorial da Revista.

Sobre os autores

Andréa Háfez

Psicanalista e membro do

Departamento Formação em Psicanálise
do Instituto Sedes Sapientiae

Av. Rouxinol, 84 cj 89

CEP 04516-000 – Moema - São Paulo, SP

Tel. (11) 99609 5534

andreaहाfez@gmail.com

Cecília Noemí Morelli

Ferreira de Camargo

Mestre em Teoria da Comunicação –

ECA, USP/SP

Psicanalista, Professora e membro do
Departamento Formação em Psicanálise
do Instituto Sedes Sapientiae

Av. Faria Lima, 1690 cj 62

CEP 01451-005 – Jd. Paulistano- São Paulo, SP

Tel. (11) 99603 9043

mormicam@gmail.com

Eliane Micheline Marraccini

Psicóloga, Psicanalista, Mestre e

Doutora – PUC/SP

Professora e membro do Departamento
Formação em Psicanálise do Instituto
Sedes Sapientiae

Membro da Associação Universitária de
Pesquisa em Psicopatologia Fundamental
(AUPPF)

R. Pará, 50 – cj 44

CEP 01243-020 – Higienópolis,

São Paulo, SP

Tel. (11) 3257 3790

eliane.marraccini@gmail.com

Gina Tamburrino

Psicóloga, Psicanalista

Doutora em Psicologia Clínica – PUC/SP

Professora e membro do Departamento

Formação em Psicanálise do Instituto

Sedes Sapientiae

Professora e Coordenadora do curso *Para*

além da contratransferência: O analista

implicado, do mesmo Instituto

R. Borges Lagoa, 1065, cj 18

CEP 04038-032 – V. Clementino – São Paulo, SP

Tel. (11) 3459 7978

ginatamburrino@uol.com.br

Suzana Alves Viana

Psicanalista. Doutora em Psicologia –

USP/SP

Professora e Supervisora do curso

Formação em Psicanálise do

Instituto Sedes Sapientiae

R. Pedroso Alvarenga, 706

CEP 04531-002 – Itaim-Bibi - São Paulo, SP

Tel. (11) 3078 7235

suzanaviana@gmail.com

Talita Cristina Somensi Dias

Psicóloga e Psicanalista, membro do

Departamento Formação em Psicanálise do

Instituto Sedes Sapientiae

Especialista em Psicologia Clínica - CRP

Professora do Curso de Psicologia da

Universidade de Guarulhos

R. General Osório, 450 cj 207

CEP 07024-000 – Guarulhos, SP

Tel. (11) 2087 0832 / 99169 8126

talita.somensid@gmail.com

Esta revista foi impressa em papel Polén Soft 80g/m² pela Stilgraf, em outubro de 2018, e composta pelas famílias tipográficas Freight Text de Joshua Darden e Chivo de Omnibus-Type.